

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE-ICA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES



**MEMÓRIA E
ORALIDADE EM
“MÃE DAS ÁGUAS”.
PERFORMANCE DE NARRADORES EM
ICOARACI**

NAILCE DOS SANTOS FERREIRA

*Belém, Pará
2014*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES

NAILCE DOS SANTOS FERREIRA

MEMÓRIA E ORALIDADE EM

“MÃE DAS ÁGUAS”.

PERFORMANCE DE NARRADORES EM ICOARACI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, sob a orientação do Prof. Dr. Joel Cardoso

BELÉM, PARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CPI),
Biblioteca do PPGARTES /ICA, Belém – PA.

Ferreira, Nailce dos Santos, 1973

Memória e oralidade em “Mães das Águas”: performance de narradores em Icoaraci / Nailce dos Santos Ferreira, 2014.

Orientador: Prof.º Dr.º Joel Cardoso

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2014.

1. Memória Coletiva – Icoaraci (Pará) 2 Narrativas Oraís – Icoaraci Pará) I. Mães das Águas II. Título.

CDD. 23. Ed.153.12



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos oito (08) dias do mês de Julho do ano de dois mil e quatorze (2014), as dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência do orientador professor doutor Joel Cardoso da Silva ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de **NAILCE DOS SANTOS FERREIRA**, Intitulada: **A VOZ DA ORALIDADE VINDA DA “MÃE DAS ÁGUAS”: Memória e Performance de Narradores de Icoaraci**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores da Universidade Federal do Pará, da Universidade. Dando início aos trabalhos, o professor doutor Joel Cardoso da Silva, passou à palavra a mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente com exigência de ajustes pontuais, dada a recomendação de publicação da referida Dissertação. Esta aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Joel Cardoso da Silva, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão, a presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda Belém-Pa, 08 de Junho de 2014.

Prof. Dr. Joel Cardoso da Silva

Profª. Dra. Benedita Afonso Martins

Prof. Dr. Pedro Petit Penarrocha

Nailce dos Santos Ferreira

Aos narradores (homens e mulheres) de Icoaraci, que assumiram o papel de sujeitos nesta pesquisa. Deram vazão as suas memórias narrativas e performáticas. Dona Maria Palheta, seu Cipriano, seu Nelson, seu Nonato, seu Manoel Ribeiro e, em especial, a dona Nazaré que ao fim desta pesquisa está em outro plano nos observando e contando suas narrativas desta vida.

Aos meus filhos Cecilia Naiá e Pedro Ruan,
exemplos do milagre da VIDA e minhas certezas de
amor eterno e puro.

AGRADECIMENTOS

- ✓ Àquele que ousou chamar de Deus, que emana VIDA pelo sopro divino a todos os seres humanos e que me impulsiona à busca da vida plena;
- ✓ À minha família, na pessoa de dona Teófila, minha mãe, alicerce que sustenta minha vida nesta terra.
- ✓ Aos meus colegas professores, diretoras, das escolas da Ilha de Caratateua/Outeiro, onde a prática dos conhecimentos adquiridos em prol da educação é exercida com prazer e a certeza de que dias melhores virão;
- ✓ Aos amigos, irmãos, camaradas, sem citar nomes para não cometer injustiças, mas aqueles que os são sabem. Sintam-se agradecidos, pois que *“amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração, mesmo que o tempo e a distância digam não”* (Canção da América, Milton Nascimento);
- ✓ À professora D. Bene Martins, pela confiança, incentivo, início de orientação e por aceitar participar dessa banca;
- ✓ Ao professor Dr. Padro Petit, ‘Pé-redondo’ de coração, que me acompanha desde a especialização, como orientador e agora compondo esta banca de mestrado;
- ✓ Ao MOVA-CI, Movimento de Vanguarda da Cultura de Icoaraci, pela construção coletiva do projeto do ‘Café com Pupunha’, oportunizando a mim e a outros o contato com os narradores e as narrativas aqui pesquisadas, em especial aos que ajudaram na organização das Rodas de Conversa e transcrição das narrativas aqui presentes.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

- ✓ Ao meu companheiro, amigo, cúmplice, namorado, marido, Celso Dias, que ao longo de nossos anos de convivência tem me mostrado a certeza de que o amor é eterno no presente que se vive. Meu porto seguro, pois que, sem a sua ajuda o término desta pesquisa teria sido mais difícil do que foi.

- ✓ Ao meu mais novo e velho amigo, professor Dr. Joel Cardoso, que com muita paciência, ‘com puxões de orelha’, teve sempre a palavra sábia, na escrita e na oralidade. Meu mestre/orientador, muito obrigada por me fazer vislumbrar o futuro promissor e reacender em mim a gana pela pesquisa e escrita.

Chego agora aos campos e às zonas da memória, onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto de parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou. Quando estou lá dentro evoco todas as imagens que quero. Algumas apresentam-se no mesmo instante, outras fazem-se desejar por mais tempo, quase que são extraídas dos esconderijos mais secretos. Algumas precipitam-se em vagas, e enquanto procuro e desejo outras, dançam a minha frente com ar de quem diz: Não somos nós por acaso? E afasto-as com a mão do espírito da face da recordação, até que aquela que procuro rompe da névoa e avança do segredo o meu olhar: outras surgem dóceis, em grupos ordenados, à medida que as procuro, as primeiras retiram-se perante as segundas e, retirando-se, vão recolocar-se, onde estarão, prontas a vir de novo, quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto qualquer coisa de memória.

Jacques Le Goff¹

¹ Le Goff, 1984, p. 25-26, apud CRUZ, 1995, p.33

RESUMO

A pesquisa intitulada “MEMÓRIA E ORALIDADE EM MÃE DAS ÁGUAS. Performance de Narradores em Icoaraci”, apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGArtes), se vincula à Linha de Pesquisa Processo de Criação e Atuação em Artes, Instituto de Ciências das Artes-ICA, Universidade Federal do Pará. O trabalho expõe a trajetória e envolvimento com contadores de histórias de Icoaraci, procurando evidenciar a riqueza do patrimônio imaterial desta comunidade. O objetivo central é o registro das narrativas, com ênfase na memória dos contadores e na performance dos mesmos ao narrar os fatos. Procuramos, ainda, demonstrar e destacar a importância da memória enquanto elemento construtor das identidades das pessoas desse lugar.

As narrativas foram coletadas nas “Rodas de Conversas” e delas emergem olhares e falares sobre o local; saberes e curiosidades; particularidades e pontos comuns ou distintos. Os participantes das Rodas materializam, através da palavra, dos gestos, das expressões corporais e faciais, acontecimentos, vivências reais ou imaginárias, que, na maioria das vezes, se relacionam com a identidade amazônica de nossa gente. A voz, os gestos, o corpo, o silêncio, expressam sensações que advêm dessas reminiscências. A memória lembrada – e, por vezes, esquecida - eterniza experiências de sujeitos que vivem o presente com lembranças do passado; deixam-se perceber através da performance; ganham forma e trazem para o momento atual lembranças/imagens de épocas e acontecimentos idos.

O trabalho se pauta no valor que a memória, performatizada pela oralidade, tem para afirmação, pertencimento e emancipação desses sujeitos cujas histórias pouco aparecem no mundo letrado, defensor de relatos históricos que primam pela verdade dos fatos. Um registro dessas memórias, fundamentais para a comunidade e os sujeitos/moradores de Icoaraci, quer pertençam ou não nesta pesquisa.

Palavras-chave: Narrativas Oraís, Memória, Performance, Icoaraci.

ABSTRACT

The research entitled “MEMORY AND ORALITY IN MOTHER OF WATERS. Storytellers performance in Icoaraci” that we presented to the graduate ARTS PROGRAM (PPGARTES), is associate to the Research Line Creation and Performance in Art Process, Institute of Sciences of Arts-ICA, Federal University of Pará. The work exposes the trajectory and involvement with storytellers of Icoaraci, seeking to shows highlight the richness of the intangible heritage of this community. The main objective is to record the narratives, with emphasis on memory and performance counters of the same in narrating the facts. We seek to further demonstrate and highlight the importance of memory as an element constructor of the identities of people in this place.

The narratives were collected in the "Rodas de Conversas" and emerge from them looks and talk about the place; knowledge and curiosities; particularities and common or distinct points. Participants of this Rodas materialize, through word, gestures, facial and body expressions, events, real or imagined experiences, which, in most cases, relate to the Amazonian identity of our people. The voice, the gestures, the body, silence, expressing feelings that come from these reminiscences. The recalled memory - and sometimes overlooked - perpetuates experiences of individuals who live the present with memories of the past; no longer be seen through performance; take shape and bring the current memories and images of bygone eras and events now.

The work is guided worth that memory, and was performed by orality, has to affirmation, belonging and empowerment of these little guys whose stories appear in the literate world, defender of historical accounts that strive for truth from facts, a record of those memories, fundamental to community and the individuals and/or residents of Icoaraci, whether belonging (or not) to this research.

Keywords: Oral Narratives, Memory, Performance, Icoaraci.

RELAÇÃO DAS FOTOS

FIGURA Nº. 01 – Roda de Conversa Bate-papo Café com Pupunha.....	14
FIGURA Nº. 02 – Chalé pertencente à família Tavares Cardoso.....	23
FIGURA Nº. 03 – Estação de Ferro.....	24
FIGURA Nº. 04 – Rua da Barraca- Marapanim.....	32
FIGURA Nº. 05 – Trapiche de Icoaraci.....	36
FIGURA Nº. 06 – Participante do Café com Pupunha.....	40
FIGURA Nº. 07 – Artistas Plásticos Sueli.....	42
FIGURA Nº. 08 – Artista Plástico Faeli.....	42
FIGURA Nº. 09 – Café, pupunha, farinha.....	44
FIGURA Nº. 10 – Barcos de pesca.....	45
FIGURA Nº. 11 – Seu Daniel.....	50
FIGURA Nº. 12 – IV Mostra de Cultura do MOVACI.....	53
FIGURA Nº. 13 – Grupo de Carimbó.....	55
FIGURA Nº. 14 – Casa do Poeta Tavernard.....	60
FIGURA Nº. 15 – Roda de Bate Papo Café com Pupunha.....	62
FIGURA Nº.16 – Seu Cipriano.....	66
FIGURA Nº. 17 – Dona Nazaré.....	75
FIGURA Nº. 18 – Seu Nelson.....	79
FIGURA Nº. 19 – Dona Maria Palheta.....	87
FIGURA Nº. 20 – Pontão do Cruzeiro.....	95
FIGURA Nº. 21 – Ruínas da casa do Poeta Tavernard.....	95
FIGURA Nº. 22 – Vendedores de coco.....	96

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO I: IDENTIDADE E MEMÓRIA: ENCONTROS, CONFLITOS E REMINISCÊNCIAS: PRESENTE E PASSADO NO LOCUS DA PESQUISA.....	24
2.1. Identidade, Cultura: como definí-las hoje?	25
2.2. Memória, lugar onde o passado e o presente não divergem: se (in)completam.....	29
2.3. Marapanim. O início da história.....	32
2.4. Icoaraci. Onde a história continua. <i>Mãe das Águas</i>	36
2.5. Bate-Papo Café com Pupunha. <i>Espia que lá vem história</i>	40
3. CAPÍTULO II: Narrativas Orais de Icoaraci. Memória e Performance.....	45
3.1. Narradores performáticos de Icoaraci: narração do passado no presente	46
3.2. Do cruzeiro ao Tenoné, da Ponta Grossa ao Maguari, está o Paracuri. Quem são os narradores da pesquisa. Olhares e falares diferentes de uma mesma narrativa.....	62
3.2.1. Seu Cipriano. É a Matinta, o Barro, a Cerâmica Icoaraciense. No Paracuri era assim.....	66
3.2.2. Dona Nazaré (Ama do “Boi Resolvido”). Moradora do Bairro Furo do Maguari. (Falecida Em 2011). Comédias, folias, lantejoulas, visagens e festa de boi, xeém, volta da tripa. O trem chegou! O Furo do Maguari brincou!	75
3.2.3. Seu Nelson (Bairro Cruzeiro). Enterros, a guerra, o cemitério mais antigo, o Zepelim, o bode... lembranças e saudades do tempo do Pinheiro.....	79
3.2.4. Dona Maria Palheta (Bairro da Ponta Grossa). Mitos, festas, costumes traquinagens de menina moça, no ‘Pau do Urubu’, a lembrança revigorou.....	87

4. À GUIA DE CONCLUSÃO	96
5. REFERÊNCIAS.....	106

ANEXOS.

Seu Nonato (Bairro do Tenoné). Ladainhas, Festas de Santo, “Mineiro Pau, Mineiro Pau”. O morador do ‘Tenoné’, afirma o que é.

Seu Manuel Ribeiro (Bairro Furo do Maguari). Os grandes times, as festas, o Xeém, o boi caído, a infância revisitada no Furo do **Maguari**.

INTRODUÇÃO

FIG. Nº. 1: Roda de Conversa Bate-papo Café com Pupunha'. Sede da Escola de Samba Unidos da Baixada, no ano 2005. Entre estes participantes estar dona Maria Palheta, uma de nossas narradoras; os demais moradores do Bairro Ponta Grossa e os organizadores do evento promovido pelo MOVA-CI.



(Arquivo MOVA-CI Werne/2005)

Todos sabiam contar histórias. Cantavam à noite, de vagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma história [...]. Os contos tinham divisões, gêneros, espécies, tipos, iam às adivinhações, aos trava-línguas, mnemonias, parlendas. Ia eu ouvindo e aprendendo. Não tinha conhecimento anterior para estabelecer confronto nem subalternizar uma das atividades em serviço da outra. Era o primeiro leite alimentar da minha literatura. Cantei, dancei, vivi como todos os outros meninos sertanejos do meu tempo e vizinhanças, sem saber da existência de outro canto, outra dança, outra vida.

CASCUDO²

² CASCUDO, 2006, pp.13-14.

Memória e Oralidade em “Mãe das Águas”. Performance de Narradores em Icoaraci. Este é o tema escolhido para esta pesquisa. O sintagma ‘*Mãe das Águas*’ é de origem Tupi-Guarani, Icoara = água e Ci = mãe. “Cortada por riachos, igarapés, pela Baía do Guajará e pelo Furo do Maguari, a Vila de Icoaraci tem em sua localização o significado de seu nome”.³

Pesquisar Narrativas Oraís ou História Oral tem sido um dos grandes temas daqueles que adentram a academia, encantados com as manifestações vindas da sociedade, das culturas que perpassam por, e entre todos, uma vez que não vivem em outra dimensão deste planeta, mas, sim, aqui na terra, envoltos em meios culturais e sociais que deles fazem parte. A grande busca da ciência dos últimos séculos tem sido exatamente descobrir, pesquisar, investigar todos os movimentos da humanidade, visto que esta espécie viva da terra é a grande responsável por transformar, modificar, intervir no meio em que vive, seja ele geográfico, político, econômico, social, no passado, no presente e obviamente, no futuro visionado por diversos olhares e interesses.

A História Oral, por ser uma ciência e arte do indivíduo, visa à análise de tais aspectos de maneira a aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individual e os impactos que estas tiveram na vida de cada uma (PORTELLI, 1997, p. 15).

Com base no enunciado, é preciso dizer que o objetivo desta pesquisa é coletar, analisar e observar as narrativas oraís de Icoaraci, a partir do ambiente performático que ocorreram, o que proporcionou aos sujeitos maior ou menor fluxo de lembranças. Sem se prender ou se preocupar muito com aquilo que possam significar os conceitos referentes à História e Narrativa Oral. Concordamos, no entanto, com Gallo (2007), quando este autor descreve o que, segundo ele, seria o conceito para o filósofo, ou seja, “o conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar”.⁴

Quando tudo neste século é informação, as pessoas se veem por canais de comunicação impensáveis antigamente. Deleuze (1992, apud, Gallo, 2007, p. 23) afirma

³FIGUEIREDO & TAVARES, 2006, p.28.

⁴ Deleuze e a Educação. GALLO Sílvio, ARQ 5612 – Estética. www.arq.ufsc.br/estetica da arquitetura. Prof. César Floriano. Este texto faz parte da disciplina ARQ 5612 do Departamento de Arquitetura e Urbanismo Da Universidade Federal de Santa Catarina e é reproduzido e distribuído com fins educacionais. Digitalização: João Serraglio. Ilha de Santa Catarina, outono de 2007, p. 28.

que a filosofia vive ameaçada pela informática, pelo consumo desenfreado, pela propaganda que visa somente o lucro e, com isso, lança mão de ‘conceitos’ para convencer os consumidores:

Hoje é a informática, a comunicação, a promoção comercial que se apropriam dos termos “conceito” e “criativo”, e esses “conceituadores” formam uma raça atrevida que exprime o ato de vender como o supremo pensamento capitalista, o cogito da mercadoria. A filosofia sente-se pequena.

O interesse pelas Narrativas Oraís ocorre, na Nova História, exatamente pela mudança de conceitos, a quebra de velhos e o estabelecimento de novos paradigmas no campo da oralidade, da voz, da poesia, da história. O sujeito/narrador é visto, ouvido, percebido como importante para a ciência, para a história da humanidade. “O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral”⁵.

Como bem cita Le Goff⁶:

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas é uma conversão do olhar histórico.

Os sujeitos dessa pesquisa não saíram das páginas de livros elaborados por intelectos alheios aos acontecimentos que permeiam a vida. Ao contrário, eles emergem da vida, pela necessidade da pulsação de viver, dos batimentos que o coração impulsiona ao homem/mulher, a criança, ao velho de viverem neste planeta, nesta sociedade multifacetada. “Como historiadores oraís, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência. Cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras” (PORTELLI, 1997).

As Narrativas Oraís⁷ surgem como um sopro de vento, um fôlego que vem de dentro daqueles que permanecem vivos para contar suas vivências, dar versão aos acontecimentos de um lugar, de uma época, de uma comunidade que aqui e acolá existiu. Tais narrativas nos remetem a uma época em que não havia a tecnologia que hoje existe; quando os meios de comunicação mais acessíveis eram os verbais; os meios de transporte eram em sua

⁵ Portelli, 1997, p. 17.

⁶ Le Goff, 2003, p. 466.

⁷ Preferimos usar o sintagma Narrativas Oraís e não História Oral: os sujeitos da pesquisa narram as suas histórias, envoltos em suas reminiscências, como o conceito de narrativa, de criação, criatividade sem compromisso com a verdade dos fatos. No entanto não há discordância com a História Oral, já que a segue o mesmo viés de pensamento, como bem explicita Portelli em *O que faz a história oral diferente*, 1997, p. 29 “As fontes históricas oraís são fontes narrativas”. Afirma ainda que por este motivo “a análise dos materiais de história oral deve ser avaliada a luz da teoria da narrativa” (grifo meu).

maioria, de origem animais; a informação demorava algum tempo para chegar ao receptor. O que ouvimos são narrações eivadas de admiração, surpresa, desconfiança com o progresso que surgiria diante dos olhos. “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam.”⁸

Como afirma Pinho em seu artigo ‘Entrecruzamento entre a experiência temporal dos sujeitos e suas narrativas (auto)biografias’, com o qual concordamos por termos experienciado junto aos sujeitos/narradores:

Quem narra a própria vida, ao narrar, estabelece relações temporais que assumem como característica comum, o fato de que elas relatam, de diferentes modos, histórias e experiências de vida que, por constituírem narrativas, estão sujeitas a certas composições que remetem à dimensão da temporalidade. (...) o tempo se revela na trama da narrativa e esta é constituída na relação como outro.⁹

Hoje, com a globalização desmedida, podemos nos comunicar com o mundo em tempo real, pelo visor de um celular, pela tela do computador, pelos canais televisivos, de forma rápida, instantânea. Tudo e todos são vistos, ouvidos, a todo e no mesmo instante; proporcionando a divulgação do conhecimento, a troca de culturas, de sociedades, de religiões, de comportamentos múltiplos. Nesse contexto, cabe novamente pensar o que é a identidade? Pinho afirma que ‘a identidade narrativa designa tanto o sujeito quanto a comunidade que ele integra’, já que o relato oral ou, ‘a narrativa das histórias de vida revela o entrecruzamento de vivências e pontos de interseção existentes entre eles’.

O fascínio do contato com outro, o fascínio pela palavra verbal, pela linguagem, pelo sensorial pelo presencial, ainda é, e acreditamos que continuará sendo por muito tempo, o elemento diferencial, mágico, único nas relações humanas, pois a necessidade que temos de promover o encontro com outro, a nossa carência de afeto, a necessidade de compartilhar sentimentos, tudo isso é marca caracterizadora da nossa espécie e nenhuma tecnologia, que por sinal é criação humana, por mais moderna que seja, substituirá.

Por acreditarmos nesse fato é que está pesquisa se realiza. Aliás, ela teve início bem antes de ser pensada como pesquisa acadêmica. Surge da necessidade de registrar, preservar, agora por escrito, aquilo que só existia verbalmente, na memória de todos que

⁸BOSI, 2004, p. 19.

⁹PINHO, Ana Sueli Teixeira de. “Entrecruzamento entre a experiência temporal dos sujeitos e suas narrativas (auto)biografias”. In: **IV Simpósio memória, (Auto)Biografia e documentação Narrativa**. Caderno de Programas e Resumos. Mesa-Redonda II: Pesquisa (auto)biográfica e ruralidade: reflexões teórico-metodológicas. CSal, GRAFHO/UNEB. Abril de 2014.Salvador-Bahia, p. .30

participaram das nossas Rodas de Conversa, isto é, tornar viva e acessível a história de uma comunidade, de um lugar que, aparentemente é igual aos outros que existem nestes confins amazônicos. As narrativas apresentam suas particularidades, suas características e uma gente de “pé-redondo”,¹⁰ que continua viva para histórias contar. É importante, no entanto, salientar que muito de mudanças já ocorreram no Distrito, uma vez que está inserido em um todo amazônico que modifica-se a cada dia, pelos mais diversos motivos. As mudanças acontecem em ritmo vertiginoso, como afirma o Poeta/Escritor amazônico Paes Loureiro¹¹: “diz que a mudança cultural nos últimos tempos, na Amazônia, tem sido muito violenta, houve um salto da era mítica para a era tecnológica sem tempo, no entanto, para assimilação das novidades”.

Este nosso *locus* de pesquisa se chama Icoaraci. É dele, com ele e a partir dele que surgem as nossas inquietações, nosso desejo de transformá-lo em história. Outros, antes de nós, já o fizeram, mas acreditamos que cada pesquisa tem sua riqueza e importância, expressa um olhar diferenciado para a sociedade que a analisa e da qual faz parte. Detivemo-nos, portanto, nos registros orais dos acontecimentos e da vida desse povo, desse Distrito, que fica geograficamente distante 15k, aproximadamente, do centro de Belém, em uma área chamada periférica, como quase todos os bairros da capital paraense. Apresenta, também, quase o mesmo jeito de ver, pensar e sentir a vida na área urbana e sofre cotidianamente o caos que esses espaços, mal planejados, vivem por conta “das transformações do tempo e do espaço”, e o “desalojamento do sistema social”, fazendo com que ocorra “a extração das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo”¹²

Como manter viva a oralidade, a memória desses narradores pertencentes a esta comunidade chamada Icoaraci? Mais que isso, como fazer conhecer pelos mais jovens, os fatos, os acontecimentos que não fazem parte dos registros gráficos dos livros? Tal espaço, com seu imaginário, com suas histórias, isso tudo só existe na memória, nos sentidos e no corpo desses sujeitos que viveram e ainda vivem em Icoaraci e que possuem grande potencial narrativo e performático para falar desses acontecimentos. Por sinal, de diversos

¹⁰ Uma das versões orais para o nome/apelido ‘Pé-redondo’, dado aos moradores de Icoaraci, versa entorno da bicicleta que era até meados da década de 90, o meio de transporte mais usado pelos moradores. Para que a bicicleta se movimente é necessário que o condutor pedale, fazendo um movimento redondo com os pés, o que ficou conhecido como “pé-redondo”.

¹¹ Loureiro, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

¹² Giddens, 1990, p. 6 e 21, apud Hall, 2003, p. 11-120.

acontecimentos. Nós nos apoiamos no que Portelli (1997) explicita a respeito da memória: “se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”.

Todas as lembranças dos sujeitos desse local do passado, que permanece – mutante, diferenciado, em processo - no presente. As lembranças afloraram, sem que procurássemos categorizá-las ou enquadrá-las em tipos de narrativa, pois versavam sobre registros orais de um lugar, de uma casa, dos locais nos quais todas as lembranças são relevantes. Tais lembranças foram devidamente valorizadas e tratadas, pela importância que têm para o patrimônio imaterial¹³ de Icoaraci. São elas e eles, os narradores, os detentores das memórias, dos acontecimentos externados através das narrativas orais, quando tudo se evidenciou na voz, nos gestos, nos corpos como condutores da linguagem. Deparamo-nos com a performance corporal, oral, sensitiva dos mesmos. Esses sujeitos/narradores são os grandes responsáveis pela pesquisa aqui registrada, que pode muito bem ser apreendida pelo enunciado de Paul Zumthor (200, p. 28): “meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo”.

A pesquisa teve início bem antes da inserção no Mestrado em Artes. Foi fruto de uma ação desenvolvida pelo Movimento de Vanguarda de Icoaraci, do qual nós participávamos, como muitas outras pessoas que moravam no Distrito e fora dele. MOVA-CI (mais adiante explicaremos sobre o mesmo). Denominado “Bate-Papo Café com Pupunha”, a ação se desenvolveu em Rodas de Conversas em vários encontros nos diversos bairros.¹⁴ Partindo de uma prática de militância, é compreensível o que propõe Bourdieu, quanto à tarefa de entrevistar,

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próximo possível do limite ideal [...], não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo ‘bom’ pesquisador, no que pode ser consciente e inconscientemente controlado na interação, [...]. Deve-se agir também, [...] sobre a própria

¹³ Entendemos como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos, e técnicas – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que são associados – que as comunidades e os grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial – que se transmite de geração em geração – é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, de sua interação com a natureza e sua história, e lhes fornece um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana” (GALLOIS, 2006, p. 10).

¹⁴ No momento em que afirmamos que a arte de contar não morreu, lembramo-nos da importância dos encontros para o falar/ouvir, pois, se estes não forem proporcionados, a velha prática do contar acabará. (CRUZ, 1995. p. 13. Benedita Martins Cruz, hoje assina o nome de solteira: Benedita Afonso Martins, Bene Martins. Cf. Lattes).

estrutura da relação [...], portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos interrogadores (BOURDIEU, 1997, p. 696).

Os encontros não foram entrevistas, propriamente ditas: foram, de fato, encontros desprovidos de pretensão acadêmica. “Não basta simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes”. (BOSI, 1999, p.38). Isso é fato. Por ser moradora de Icoaraci, sentimo-nos como participantes e também como sujeitos desta pesquisa e estamos, como não poderia deixar de ser, muito comprometidos com ela, porque foi um processo que iniciou anterior à pesquisa acadêmica, que continua agora, como tal e que continuará, com certeza, nas perspectivas futuras, por fazer parte da militância que temos no Distrito de Icoaraci.

A pesquisa aqui apresentada se estrutura formalmente em dois capítulos subdivididos entre si. O primeiro é sobre memória e identidade, discutindo-as sem imposições de verdades sobre tais conceitos; seguimos então com as nossas próprias memórias, que se relacionam com a pesquisa, pois, em se tratando de um trabalho em que a memória conduz os demais pontos da pesquisa, iniciamos nossa relação com o tema, fazendo menção às proposições de Lang.¹⁵

O relato de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significa tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais. Se há uma memória coletiva, é certamente porque a forma da vivência teve também um determinante coletivo.

As nossas lembranças de Marapanim remetem-nos ao lugar de nossa origem. Partimos rumo à Icoaraci, lugar em que temos residência atualmente, mais especificamente na Ilha de Caratateua, (mas conhecida como Distrito de Outeiro). Em seguida, faz-se a descrição importante do *locus* da pesquisa, de onde surge. Através da narração descritiva se conhece o que foi o ‘Bate-Papo Café com Pupunha’; os bairros que fizeram parte das rodas e consequentemente os que estão na pesquisa; bem como os moradores que ali estiveram; também a dinâmica dos encontros. As ilustrações com fotos, com certeza, nos auxiliarão quanto à tarefa de descrever, de contar, de rememorar.

No segundo capítulo, discutimos o que são as narrativas orais, memória e a performance nesta pesquisa, de acordo com as narrativas dos sujeitos/narradores

¹⁵LANG, 1996, p. 45.

escolhidos como protagonistas. As peculiaridades, curiosidades e as riquezas que as narrativas e os entrevistados apresentaram sobre o lugar e também a respeito dos narradores. Como afirma Vicentini (2014, p. 36), no seguinte enunciado:

Ao analisar as representações que o sujeito apresentou a respeito de sua existência, o pesquisador depara-se com desafio de produzir uma narrativa que compreenda as escolhas e as práticas relatadas considerando a sua inserção no espaço social com vistas a caracterizar as marcas que suas experiências deixaram na sua maneira de ver o mundo, as pessoas com as quais conviveu, os projetos em que esteve envolvido e o cotidiano que fez parte das diferentes fases de sua vida.

A metodologia a ser seguida deve ser aquela que não oprima, aquela que não engesse o pesquisador, mas que dê condições de construir a partir de sua experiência no campo da pesquisa em questão, fazendo com que o trabalho desenvolvido seja prazeroso e de relevância, não só para academia, mais principalmente para os sujeitos envolvidos na mesma:

A metodologia da pesquisa não consiste em um rol de procedimentos a seguir, não será um manual de ações do pesquisador nem mesmo um caminho engessador de sua necessária criatividade. A metodologia organiza-se em torno de um quadro de referências, decorrente de atitudes, crenças e valores que se configuram como concepções de mundo, de vida, de conhecimento (GHEDIN & FRANCO, 2008, p. 108).

Foi por esta razão que optamos por utilizar a metodologia da História Oral. Como amostragem, foram escolhidos depoimentos transcritos de seis narradores, um de cada bairro de Icoaraci, a saber: do Paracuri Seu Cipriano; da Ponta Grossa, D. Maria Palheta; do Furo do Maguari, D. Nazaré; do Cruzeiro, seu Nelson. Do bairro do Tenoné trouxemos os relatos de Seu Raimundo Nonato como anexo, sem analisá-los, e os relatos de seu Manuel Ribeiro do Furo do Maguari. Estes a nosso ver, foram destaque por serem detentores de um volume significativo de narrativas oralizadas, pela importância das informações nelas contidas; pela expressividade da performance do corpo, da voz, do gesto; pela dinâmica e interação com o grupo presente, o que inclusive chamou muita atenção durante as rodas de conversas.

A idade desses narradores varia, em média, entre setenta e oitenta anos. São pessoas socialmente conhecidas em seus respectivos bairros e com certa influência local. Pertencem à classe média-baixa, com profissões e ocupações variadas, ceramistas, aposentados, entre outras. Alguns são Mestres da Cultura popular (Ama de Boi-bumbá, coordenador de festa de santos). São, indubitavelmente, detentores do saber imaterial, como a cerâmica icoaraciense, organizadores e participantes ativos de festas de times

(esporte local), de santos (religiosidade vigente), de brinquedos populares (folclore e cultura popular).¹⁶

Mantivemos as transcrições como foram feitas e tal qual foram ouvidas, respeitando o que diz Lima (2014), quanto à tradição oral, que é quando “o jogo da memória se realiza com maior intensidade”, pois nesse contexto “os fatos culturais e/ou históricos se manifestam de forma mais expressiva e direta do que na modalidade escrita”. Observamos que:

[...] as práticas orais de linguagem constituem em *locus* privilegiado para a observação do fenômeno da construção conjunta da memória por parte dos falantes. Isso se deve à natureza do processo de construção do texto falado em que as atividades de verbalização e interação do ocorrem simultaneamente.

A responsabilidade com a transcrição dos textos orais deve sempre primar pela observância ética, pelo respeito aos que se deixaram expor em suas reminiscências em um gesto de confiança para com o pesquisador. Quanto a isso, vejamos o que afirma Portelli:

A responsabilidade pela interpretação, é obvio, não chega a reivindicar, para nossas interpretações, acesso completo e exclusivo a verdade. Tem sido praxe, desde o início, na História Oral, reproduzir as palavras textuais das fontes, com empenho muito maior do que em outras disciplinas (PORTELLI, 1997 p.27).

Dialogando com teóricos que discutem narrativas orais, memória e o estudo da performance, a pesquisa busca compreender como os sujeitos exteriorizam as suas memórias, formulando narrativas orais extremamente criativas e originais, o que demanda a performance da voz, do gestual, mas também das demais transversalidades que a mesma perpassa. Éclea Bosi, Paul Zumthor, Maurice Walbwachs, Roberto Cardoso de Oliveira, Benjamin, Pollak, Le Goff, Canclini, e outros. Bem como artigos de diversos autores, são alguns dos referenciais teóricos presentes, nesta pesquisa, ao longo da escrita encontraremos com outros, que ajudam para a melhor compreensão e análise das narrativas coletadas.

¹⁶ O patrimônio cultural imaterial se manifesta em particular nos seguintes âmbitos: as tradições e expressões orais, incluindo a linguagem como veículo do patrimônio cultural imaterial; dança, música e artes, da representação tradicionais; as práticas sociais, os rituais e eventos festivos; os conhecimentos e os usos relacionados à natureza e ao universo; as técnicas artesanais tradicionais (GALLOIS, 2006, p. 10-11).

CAPÍTULO I

FIG. Nº. 02: Chalé pertencente à família Tavares Cardoso. Construído no período auge da extração da borracha na Amazônia, no final do século XVIII. Hoje, 2014, apesar de funcionar a Biblioteca Municipal de Icoaraci, ele se encontra abandonado pelo poder público, correndo sério risco de desaparecer, assim como outros casarões de Icoaraci.



(Arquivo pessoal/2014).

1. IDENTIDADE E MEMÓRIA: ENCONTROS, CONFLITOS E REMINISCÊNCIAS: PRESENTE E PASSADO NO LOCUS DA PESQUISA.

Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida.

Nancy Mellon

FIG. Nº.3: estação de Ferro, onde chegava o trem na década de 50, aproximadamente. Hoje o prédio está em completo abandono. Até final da década de 90 servia de espaço de venda e fabricação de cerâmica da Coarti, (Ass. Dos Artesãos de Icoaraci). Mas pela aparência percebe-se o descaso com esse Patrimônio histórico e com a memória de Icoaraci.



(Arquivo pessoal/2014)

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem não a lê partilha dessa companhia.

Walter Benjamin

1.1. IDENTIDADE, CULTURA: COMO DEFINI-LAS HOJE?

Aprender as características básicas dessa cultura, antes que o processo de ocupação e desenvolvimento, na forma como vem ocorrendo na região, provoque alterações que resultem em perda ou subordinação completa dessa original expressão cultural e da experiência humana aí acumulada (LOUREIRO, 1995, p. 41).

Essa afirmação de Loureiro nos leva a diversas reflexões a respeito do que é ser amazônida hoje. O que é pertencer à cultura no século XXI? Seria, talvez, manter a ideia de povo vitimado, sem defesa? Cuche, (2002), explica que hoje as discussões acerca da identidade remetem, quase sempre, as questões relacionadas a cultura. “Há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos” (p. 175). De fato, é bem difícil discutir um conceito sem aludir a outro. Partimos da premissa de que é inconcebível que haja, na contemporaneidade, um ser humano, com sua identidade, ou que pense em tê-la, sem que se sinta inserido efetivamente em uma determinada cultura. Cultura e sociedade andam juntas, se completam, se harmonizam e tornaram-se temas de discussões em diversas áreas do saber humano. A identidade amazônida, quando discutida, sempre leva-nos a relacioná-la com cultura amazônica. Isso, segundo a mesma autora, é delicado, uma vez que,

A cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em posições simbólicas (ibidem, p. 176).

É fato que a região amazônica possui riquezas imensuráveis, em vários aspectos, o que desperta evidentemente, interesses em campos diversos. É talvez aí que resida o perigo, os interesses que se tem sobre este espaço do Brasil. Muitos são saudáveis, visando o bem e a valorização desses elementos e sujeitos; outros não são tão bem intencionados: o interesse gira em torno do capital, do lucro e exploração. É importante estabelecer tais diferenças para que não romantizemos tais interferências e interesses. Como bem frisou Rocha, nem sempre a cultura é sinônimo de identidade e vice-versa. Loureiro manifesta a preocupação com a cultura amazônica de, uma vez assim identificada, vir a ser dizimada.

A discussão parece que gira em torno do que se denomina nas ciências sociais de identidade cultural. Tal conceito vem sofrendo mudanças ao longo dos séculos. O que se deve compreender é que a “identidade cultural” se constrói dentro de outra identidade, ainda “mais abrangente” sem a qual não é possível existir, que é a “identidade social”. Nessa constituição a Amazônia, como território¹⁷, possui especificidades e diversos aspectos que transitam no âmbito dos direitos, da valorização, da exploração e da marginalização desse espaço geográfico denominado e demarcado política e economicamente como Região Amazônica.

Rosa Rocha, (2002, p. 104) observa que o mundo passa, desde o século passado, por transformações geopolíticas que impõem outras transformações nos planos da política, da economia, do trabalho e da cultura. Afirma, ainda, que, no cenário da pós-modernidade, a cultura de consumo predomina, que não há profundidade nem esmaecimento de afeto, que a imagem se fortalece e a essência cultural desaparece, fragmentando assim identidades consolidadas e constroem-se novas identidades. É nesse caminhar que segue esta região, com gente distinta e misturada ao mesmo tempo, construindo assim aquilo que seria identidades múltiplas. Assim, significados díspares vão criando formas e valores em detrimento de outros, tanto para o sujeito individual quanto para o coletivo (Castells, 2006, p. 22, apud, Rocha, p. 105).

Hall (2002, p. 9), ao citar as mudanças das identidades modernas, lança um olhar crítico a questão, pois que não a ver como ponto de vista negativo. Ele avalia a questão como sendo, em alguns momentos, o sujeito também é ‘pós’, diante do que lhe é apresentado ou em sua identidade cultural.

A globalização interfere nas identidades sociais. Não é, como se pode pensar, um fenômeno da atualidade, esclarece Hall,¹⁸ ele surge com a expansão do capitalismo, assim como globalização, que não se restringe a um território-nação: se expande pelo mundo, entrecortando fronteiras, ditando novas maneiras de ver pensar o tempo-espaço. Como tal, interfere, e muito, no cenário dos sujeitos que vivem por estas bandas; cria falsas verdades; faculta o ilusionismo da igualdade, segundo o qual todos têm acesso a tudo de maneira

¹⁷ HAESBAERT, Robert Sack. (2002, p. 119, apud ROCHA, 2012, p. 103), com base no princípio do conflito, salienta que, o território é uma tentativa de um indivíduo ou grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica.

¹⁸ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, 2002. p. 67-68

igual, a desigualdade não existe mais, já que o tempo e o espaço diminuíram, estão bem aqui aos olhos de todos através dos meios de telecomunicações.

Os dominantes do globo agem de maneira estratégica, inteligente, de forma que não sintamos a perda da identidade, se é que podemos dizer que, com o tempo, estamos perdendo referenciais da identidade amazônida. Existe uma ocupação desenfreada e despercebida de espaços. Impera um vazio nas mentes. Há uma crescente ociosidade dos corpos. Segundo Giddens (1990), Sofremos interferências diuturnas em diversos níveis. Com o avanço da comunicação, das redes sociais principalmente, percebemos uma sutil estratégia em substituir a presença pela ausência. Escamoteamos a solidão, porque aparentemente ela não toma conta do ser, do espaço, porque estar presente não significa necessariamente ocupar fisicamente o espaço.

O que se percebe erroneamente, em época de globalização desenfreada, de informações via tecnologia digital, é que o nosso povo amazônico não quer ficar fora desse dito progresso. Aqui, ninguém quer ser visto como caboclo, ribeirinho, índio. Tais denominações representam um “atraso” para os que historicamente estiveram e ainda estão à margem dos grandes centros econômicos, políticos e culturais do País. Essa ideologia nos foi incutida pelos que investiram em negócios lucrativos, modernos por estas terras. E como fica a população? Caso não venha a aderir ao modelo nacional de nação moderna, de progresso, ela estaria abaixo da média nacional das regiões mais desenvolvidas tecnologicamente. Ficaria, portanto, entre aquelas para as quais as informações demoram a chegar.

Voltando ao pensamento de Paes Loureiro, que nos motivou para esta discursão, parece que a preocupação do autor na época em que escreveu era outra: a de que éramos vítimas de culturas mais desenvolvidas econômica e tecnologicamente. Tal preocupação, com a perda ou subordinação total da cultura e das experiências humanas que aqui se acumulou, é vista pela globalização como modernização e progresso da região. Em todos os cantos desta floresta, já quase que desaparecida, dispomos de tecnologias: temos celular, televisão a cabo, computadores; acesso a rede de internet para nos comunicarmos com o mundo. Esses sujeitos se sentem invadidos, agredidos em sua cultura, em seu território? Parece-nos que não. Pelo menos é a mensagem que a globalização da classe dominante prega e quer que todos acreditem nela. Acreditamos que o povo faz parte do mundo mais moderno e desenvolvido. Estaríamos ante um processo do hibridismo amazônico? Provavelmente, sim.

Não estamos negando que por aqui houve muitas perdas, e ainda continuaremos perdendo tópicos da cultura, dos saberes, da originalidade e especificidade dos povos típicos da Amazônia. Tal processo não é local. Advêm de outros lugares similares.¹⁹ Mas é preciso ser estratégico, inteligente como o poder dominante e explorador o é. Quais os caminhos para o despertar da nossa consciência crítica? Ousamos dizer que são vários. Educação é o principal deles. Um País educado é um país que lê, que oraliza, que narra, memorializa; que acredita em si mesmo; que busca ter os seus direitos garantidos. É um povo que não passa fome; que tem os seus impostos devolvidos em forma de serviços, como escolas públicas e postos de saúde funcionando com qualidade; são sujeitos que conhecem, tem acesso e produzem ciência e tecnologia para benefício comunitário e social; que reconhecem e valorizam seu Patrimônio material e imaterial de sua história; são sujeitos que conhecem, cuidam e preservam os recursos naturais; que mantêm relação de igualdade com os outros homens, vivendo harmoniosamente. Em suma, são povos que usufruem de uma qualidade de vida em todas as esferas deste planeta. Ousamos ser utópicos em nossos desejos.

¹⁹ CHAUI, 2006, p. 100. [...] a sociedade capitalista, constituída pela divisão interna de classes e pela luta entre elas, requer para seu funcionamento, a fim de recompor-se como sociedade, *aparecer* como indivisa, embora *seja* inteiramente dividida. Nessa perspectiva, os direitos do homem e do cidadão além de ilusórios, estão a serviço da exploração e da dominação.

1.2. MEMÓRIA, LUGAR ONDE O PASSADO E O PRESENTE NÃO DIVERGEM: SE (IN)COMPLETAM.

Recordamos o passado como um amontoado de ocasiões distintas, reconhecidamente diferentes e, no entanto, não completamente difido presente: diferente o bastante para saber que se trata de uma outra época, semelhante o bastante para nos tornar cientes de nossa continuidade. Com ele.

(Lowenthal, 1998, p. 90)

A identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido ao grupo. Ou seja, ela implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural, religioso, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança entre «ego» e o «alter», entre «nós» e os «outros».²⁰

Neste tópico, discutiremos a memória, enquanto fenômeno que entrelaça passado e presente, tempo e espaço, perpassando-os sem prejuízos para ambos, ao contrário, fortalece-os, os revigora e resinificam em favor do sujeito e do tempo presente.

No apontamento anterior, discutimos questões da identidade e cultura e a importância destas para o entendimento de nosso objeto de pesquisa apresentado, uma vez que são todos sujeitos/narradores de uma região que tem sido motivo de polêmicas discursões sobre os temas acima discutidos, por sofrer as consequências das mudanças sociais inerentes às sociedades atuais.

Como nossos sujeitos veem estes fenômenos sociais? O que pensam sobre ele? Sente-se também invadidos? Nos seus relatos percebemos que eles não lastimam a mudança, não culpam o tempo nem o progresso pelo que não deu certo. Eles relatam com certo saudosismo o tempo que não voltará mais.²¹ O tempo da infância, da juventude, da ingenuidade, do silêncio das ruas do Pinheiro. Tempo em que as notícias circulavam de boca em boca; tempo que quando algo de novo ou incomum acontecia na comunidade, isso era motivo de ‘frisson’ por muitos e muitos dias, até as pessoas novamente se acostumarem com a ideia. Tempo em que se conhecia o fulano, o ciclano, o beltrano; todos eram compadres, comadres, parentes de seu fulano que morava na rua tal, na casa tal; que trabalhava em tal profissão; que tinha vindo de tal lugar no ano tal. Era o tempo das descobertas, de pouca população, de poucas ruas, de respeito às horas do dia.

²⁰ *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica* Donizete Rodrigues. donizete@ubi.pt. Universidade da Beira Interior. Center of Research in Anthropology (Lisboa) Sd., p. 3.

²¹ ERNANI, 2003, p. 220.

Não há lamento, muito menos revolta com o tempo passado ou com tempo presente que se vive. Nas memórias revisitadas de nossos sujeitos há um olhar cauteloso para as mudanças.

Entedemos o Tempo como algo a ser combatido. Num processo agitado da chamada “civilização” contemporânea, ele se torna efêmero em seu contexto mais abrangente, como um vaso de plástico a ser jogado fora. Neste ritmo, descartamos o que nos é mais precioso: o velho. É na memória do fômos que evoluímos para um caminho onde podemos eleger o que temos de melhor. E na humanidade é o idoso quem tem em seu corpo guardado as histórias e os aprendizados que nos conduziram até o presente.²²

A percepção de que a localidade estava mudando e, com isso, mudava, também, a maneira de ver a vida. As pessoas sentem também a idade mudando tudo; o olhar que cada um lança sobre si, é diferente.

O passado lembrado é tanto individual quanto coletivo. Mas como forma de consciência, a memória é total e intensamente pessoal. [...] Recordamos apenas nossas próprias experiências em primeira mão, e o passado que lembramos é intrinsecamente o nosso próprio passado (Lowenthal, 1998, p.78).

Os relatos são de pessoas que analisam criticamente o passado, através de suas memórias, confrontando-os com o presente que vivem. Nesse passado revisitado, todos eram crianças, jovens, mães, pais. No presente, são idosos, velhos, que têm suas vidas delimitadas pela sociedade. No tempo presente, estão vivos, mas a realidade das pessoas a sua volta, mostram-lhes que poucos querem ouvir falar do tempo em que eram atores principais, quando vivenciaram as mudanças, o progresso chegar, a população aumentar. Não sabem os jovens que esses idosos são protagonistas da história de Icoaraci, cujo valor patrimonial é inestimável para eles, jovens moradores, que pouco ou nada sabem sobre a história local de sua comunidade.

Quem vive no Distrito de Icoaraci hoje, deveria sentar-se junto de um desses moradores/contadores antigos, visitar com e junto dele, a memória coletiva e individual que cada um tem, para perceber a riqueza de cada época vivida por esta localidade; a importância dessas memórias vivas; da contribuição desses sujeitos na construção desse patrimônio social. Assim entenderia um pouco da identidade Icoaraciense e valorizaria mais certos bairros, manifestações artístico-culturais desenvolvidas e mantidas pelos mestres/sujeitos, outras já desaparecidas; olharia com o sensibilidade e sentimento de

²²MIRANDA, Danilo Santos de. **Legado de vivências**. 2007, p. 9.

pertencimento para os prédios, as ruas, as praças as construções mantidas e outras já destruídas pela ação do tempo e pelo descaso do estado em preservar a memória para as comunidades do presente e futuro; teria ações efetivas pontuais e políticas no Distrito.

Quem revisita sua memória, renasce, revive, tem alteridade para observar o presente e dele fazer suas análises, suas críticas e intervenções. Memória não é resto, algo insignificante. Ao contrário, é Patrimônio de uma nação que tem uma história para contar sobre si aos que vão nascendo. Mas também não é museu; a dinâmica é outra; não há nada estático, nada sem vida. Não: esta é uma ação dinâmica, uma vivência, para quem as tem e para quem lhes dá o devido valor.

Os sujeitos da pesquisa não contam causos, invenções, pelo contrário, contam as suas experiências de vida, suas impressões a respeito delas. Partem de si, da memória do que lhes ocorreu, do que experienciaram, das suas autobiografias, a partir de uma análise cronológica dos fatos que perpassam pelas fases da vida cronológica de cada um.

Por tais apontamentos dizemos que Icoaraci é, por excelência, “um lugar de memória”.²³ Os moradores mais antigos que ainda vivem aqui, relatam acontecimentos que não encontraremos nos livros, nos arquivos públicos, nas bibliotecas, ou mesmo nas falas dos mais jovens. São frutos da memória desses sujeitos. Através deles podemos, no presente, imaginar como eram os lugares por onde passamos todos os dias; os prédios históricos construídos em épocas diversas (alguns que, inclusive, não existem mais); os moradores que marcaram a sociedade local em uma determinada época e que já não estão mais entre nós; os acontecimentos políticos, que ganham um sabor local; as atividades e cerimônias religiosas (cada qual com sua especificidade); o desenrolar dos fatos econômicos e culturais (reflexos da realidade local); os mitos e lendas tão temidos (e ainda tão presentes no imaginário das populações mais simples); as mudanças sofridas na Vila através do tempo (tantas e tão variadas); o saudosismo de uma época que se dizia “boa de viver” (lembrado lírica e saudosamente); o falar diferenciado dos mais velhos, o vocabulário (uma riqueza cultural inominável); a prosódia desses falantes da língua, as entonações impostas a cada discurso, os gestos que acompanham e reforçam os falares, os olhares que imprimem vivacidade e emoção, a corporeidade (presente na dramaticidade empregada).

²³ NORA, 1986: 2210, apud Gonçalves, 2011, p. 40.

1.3. MARAPANIM. O INÍCIO DA HISTÓRIA.

Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos ligam a nossos *selves* anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornados.

(Lowenthal, 1998, p.83)

FIG. Nº. 4: “Rua da Barraca”. Lugar de Marapanim aonde chega o pescado para ser comercializado pelos pescadores e também para alimentar a população local.



(Arquivo pessoal/2014)

É isso que ocorre com as pessoas que vivem em sociedade: ao longo de suas existências trocam experiências no convívio social, e, portanto, moldam e mudam suas identidades. Assim, interagem, emancipam e criam suas personalidades e novas formas de relações sociais. Vir de um lugar chamado Marapanim, com todas as características de uma cidade amazônica, urbana e rural, para outro situado na capital paraense, portanto, urbana, mas que sua população e localização possuem as mesmas características de cidade rural, ainda criança, foi um processo de construção de uma identidade baseada no passado, mas, obviamente, com uma militância centrada no presente, e com o pensamento e as ações direcionadas ao futuro.

É importante mostrar, nesta pesquisa, de onde vem a nossa relação com as narrativas orais, com a memória. Surge a partir das nossas próprias lembranças, desse ego que se relaciona com outro, com os nós, criando assim as relações sociais que alicerçaram nossa escrita, como declara Rodrigues, “a construção da identidade, seja individual ou social, não é estável e unificada – é mutável, (re) inventada, transitória e, às vezes, provisória, subjetiva; a identidade é (re)negociada e vai-se transformando, (re)construindo-se ao longo do tempo”.²⁴

A lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória (BOSI, 2004: p.49).

Vou, a partir de agora, relatar experiências pessoais. Imagem, lembrança... memória, leveza que soam e surgem como o balançar das folhas ao vento e me fazem lembrar de dois lugares demasiadamente significativos em minha vida e responsáveis pelo que sou e faço hoje. A narração corre frouxa à medida que as imagens surgem na lembrança, recompondo a memória de um passado. Como cita Bosi (2004), se torna evocativo.

O primeiro local se chama Marapanim, cidade praiana do nordeste paraense, terra do pescado e muito carimbó. É de lá que recordo minha meninice correndo por um quintal sem fim; tomando banho no rio que ladeava a nossa casa, uma casa simples, construída de pau-a-pique, coberta com palha de alguma palmeira de que não me recordo o nome. Éramos crianças brincando de pira-se-esconde na frente das casas da vizinhança; contando histórias de visagens e assombrações das pessoas do lugar quando a noite caía, até que mamãe gritasse para que eu fosse dormir. Quando não, tinha que ir com ela para o trabalho de lanhar e salgar peixe. Ficava espiando aqueles homens e mulheres lidando com enormes cardumes de peixes típicos da nossa região.

Mamãe nunca nos deixou comer cabeça de gó (pescado muito comum no nordeste paraense), dizia que era “remoso”. Assim como muitas coisas são “remosas” para crianças, mulheres grávidas, moça virgem... e por aí vai. Lembro o quanto gostava de tomar banho na chuva. Mamãe não deixava, mas eu, sempre fugia para a beira do rio e me perdia nas águas escuras e barrentas desse pedaço da Amazônia, abençoado pela mãe natureza.

Existia um fogão a lenha, feito de barro, o mesmo usado na construção de nossa casa. Esse fogão possuía duas bocas para cozinhar e dois furos na frente para “abandar” o carvão até que ardessem e crepitassem as chamas. Lembro-me dessas cenas, e me pego a pensar e

²⁴ Ibidem, p.3

a acreditar que as forças do universo de fato protegem o ser humano repleto de criatividade para sobreviver. O lugar onde ficava esse fogão era a parte mais baixa da cobertura da casa, que, como disse, era de palha seca, as chamas do fogão subiam a uma boa distância. Não me recordo, no entanto, de nenhum incêndio em minha casa. Isso me leva a crer no que afirmei anteriormente.

A ‘igrejinha’, carinhosamente assim chamada, localizada na entrada da rua que morava. Bem singela, mas aconchegante e cercada de flores de todos os tipos e cores. Lá os passarinhos gostavam de fazer seus ninhos; o beija-flor tirava seu alimento e nós, as crianças, “emprestavamos” da Santinha algumas flores para enfeitar nossas casas ou servir de “comidinha” em nossas brincadeiras. Havia missa uma vez por mês, que se transformava em apenas um acontecimento rotineiro, fato que importava menos do que ela representava para nós, para o nosso local de brincadeiras, para o nosso imaginário infantil. À noite usávamos a calçada, as janelas e as portas para brincar de pira-alta, pira-se-esconde ou, simplesmente, para sentar e apreciar as pessoas que passavam pela rua principal, a rua da “Barraca”, como ainda, é conhecida.

Marapanim é um Município distante da capital paraense. Na década de 70, ainda era pouco habitado. Um dos principais meios de trabalho das famílias era a lida com o pescado que vinha do alto mar e das localidades praianas pertencentes a ele. A vida social, cultural e religiosa se organizava em torno de épocas festivas, normalmente ligadas à religiosidade, como o círio, natal, iluminação. Por ocasião desta última, havia uma movimentação em toda a população da cidade e de seus arredores, porque iluminar um parente no dia dos mortos sempre foi um motivo de festa. Roupas e sapatos novos, comida, flores, velas. Muitas pessoas vinham da capital especialmente para esse evento. Tudo se renovava. Cresciam as expectativas. Era algo sempre novo, diferente!

Marapanim também é conhecida como a “Terra do Carimbó”, de Mestre Lucindo (já falecido), e de grandes pescados da região do salgado paraense. Grandes festivais de carimbó ainda ocorrem por lá.

Estudei o “externato”, porque ainda não tinha idade para ir à escola regular. Não tenho muitas lembranças da escola regular, uma vez que não permaneci nela por muito tempo. Lembro-me mais vivamente das casas onde estudava, do “externato”, da professora que não tinha formação específica, me mostrando as letras do alfabeto e as famosas sílabas do “b, a, bá”.

Ecléa Bosi explica, ao referir-se a relação da memória com o passado e o presente do sujeito, que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2004, pp. 46-47).

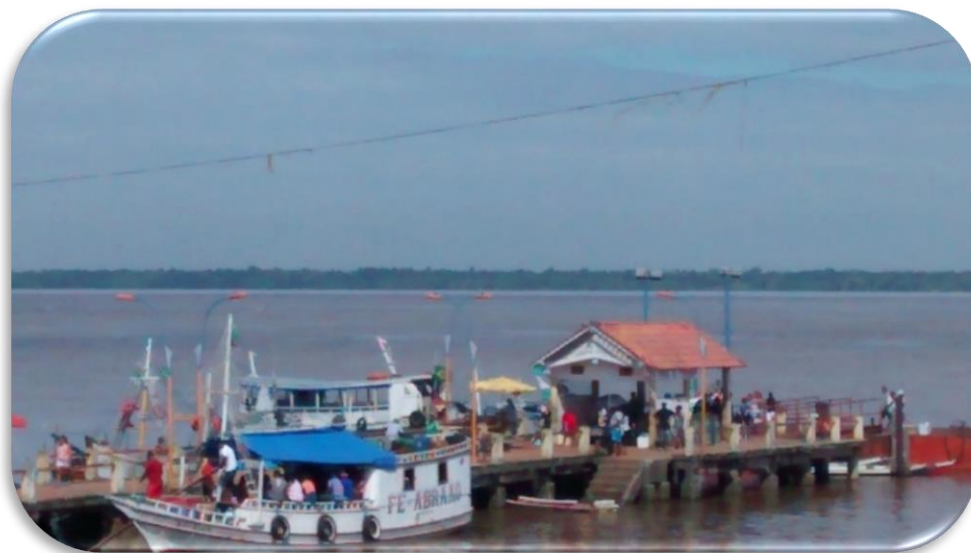
Quando saí de Marapanim, com nove anos de idade aproximadamente, envolta nas lembranças, tinha o desejo infantil de voltar logo àquele lugar, ao meu passado feliz. Que como afirma Halbwachs (2003, p. 48-49), são “lembranças/objetos, iluminadas pelos dois lados que tomam formas completas, se tratando das lembranças de uma criança”. Tão completas que chegam a ser alucinadoras, quase que doer no peito de tão verdadeiras que parecem ser.

Passado que vivi na infância. Percebi, depois, que o tempo não volta e que os acontecimentos do presente adormecem os do passado, mas não nos fazem esquecer os nunca. Quando, recentemente, estive revisitando Marapanim não acreditava no que meus olhos viam, ou melhor, não viam mais. Fui com todas as lembranças que descrevi neste texto, com a inocente ilusão de que iria encontrar tudo como um dia, ao sair desse lugar, deixei. Tal ilusão, me causou a frustração de uma criança, que ansiosa para conhecer o lugar descrito pela mãe, onde tudo era perfeito, e ao chegar, deparei-me com algo real, comum ao seu dia a dia. Essa mãe que me iludiu foi a memória, que adormeceu com as reminiscências do passado de Marapanim e que lá ficaram.

Viver o presente intensamente e recordar o passado sem culpas é revigorante. Mas confesso que ainda guardo na lembrança a Marapanim do passado, em conflito com a do presente, tão comum, tão sem fantasias, tão distante do mundo da infância. Compreendendo, agora, que esses sentimentos são consequências de uma infância vivida no passado, em um lugar do passado, mas que tem um a realidade presente à sua frente. Eis, no presente, uma das razões para que eu me volte para o estudo do passado. Sei que nesse passado estão guardadas as experiências e lembranças daqueles, que assim como eu, se tornaram adultos e idosos no presente, mas que sempre revisitarão o passado, como que para revigorar suas vidas, no presente.

1.4. ICOARACI. ONDE A HISTÓRIA CONTINUA. MÃE DAS ÁGUAS.

FIG. Nº. 5: Trapiche de Icoaraci. Neste local ocorrem diversas movimentações: comércio de pescados, mariscos, animais, frutas advindas das ilhas próximas e do auto mar; embarque e desembarque dos ribeirinhos e de turistas que visitam as ilhas.



(Arquivo pessoal/2014)

Vim para o segundo lugar importante para mim, Icoaraci. Saímos de um lugar encantado para um outro que, na época, não tinha nenhuma referência para mim, causando um certo estranhamento quando aqui cheguei. No entanto, aos poucos a paisagem, o local, as pessoas foram ganhando a minha simpatia e admiração e, então, fui à escola, para cursar a segunda série do Ensino Fundamental. Comecei, paulatinamente, a ir à igreja; ao teatro; participar dos movimentos políticos, sociais e culturais da chamada Vila de Icoaraci.

Quando cheguei a Icoaraci, tudo era bucólico, as ruas eram tranquilas noite e dia. Na morosidade do tempo, andava tranquilamente por elas com a sensação de estar passeando por entre bosques encantados, sem pressa para chegar. Ia e vinha das minhas atividades sempre a pé, não havia necessidade de ônibus e não possuía bicicleta, transporte bastante conhecido na vila que ganhou carinhosamente o apelido de “Pé Redondo”, pelo uso excessivo do mesmo.

Era tudo normal, poético, pensava eu. Passei parte de minha adolescência e juventude envolvida nos movimentos religiosos, na “Igreja da Matriz”, como é conhecida, até hoje, a igreja católica de São João Batista. Minha liderança e formação religiosa se devem a essa época. Muito tempo depois é que aprendi que os iluminados não estão somente nos templos, nas religiões, mas também nas esquinas, nos bares, nos teatros, nas

comunidades, nas lutas pela efetivação dos direitos humanos, na resistência política e cultural. Foi guiada por esse acreditar que cheguei aos movimentos culturais de Icoaraci: ‘Pé Redondo’, ‘Taetro’, ‘Palco Meu’, ‘Clama, Declama, Reclama’, ‘Mova-ci’, neste último permaneço fazendo valer a resistência citada.

Como professora, acredito ser a escola um espaço de manutenção e preservação do patrimônio cultural material e imaterial, da arte educação, bem como um lugar de socialização, de troca de experiências, de conhecimentos, do fazer científico. O que, infelizmente, muitas das vezes, não ocorre. Mergulhar nessas reminiscências, me fez pensar na escrita de Ecléa Bosi, ao se referir a Walbwachs (2003, apud BOSI et al., 2004, p.54), quanto à memória e à reconstrução do passado,

Halbwachs não estuda a memória, como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares esse indivíduo.

Icoaraci é, hoje, um Distrito de Belém que apresenta uma grande profusão de cores, rostos, movimentos, credos, produções, ritmos, classes, comércio, poluição, cultura, cenário difícil de ver no século XIX. Sempre ouvíamos alguém dizer que havia vindo de trem a Icoaraci, ou ainda atravessado de “barquinho” para a Ilha de Caratateua, onde todos se encantavam com as belas praias, quase desabitadas do lugar. O que na época víamos, eram muitas bicicletas, carroças puxadas por bois, cavalos, animais tão presentes na história dos transportes dos brasileiros.

Cercada por rios, florestas, prédios, ruas, construções, a ‘Vila de Icoaraci’, “Vila Sorriso”,²⁵ como é conhecida, possui característica própria, mas parecidas com outras cidades típicas da nossa Amazônia. Foi ocupada pelos portugueses na época da colonização: “[...] por ser uma área, mas elevada, era estratégica para Castelo Branco que logo tratou de ocupá-la” (FIGUEIREDO & TAVARES, 2006, p. 28).

O primeiro nome recebido de Icoaraci foi Fazenda Pinheiro ou Pinheiro. Recebeu, depois, várias outras denominações até chegar ao nome atual de Icoaraci, que significa *de*

²⁵ PACHECO, 2006, pp. 22-23. Em seu livro “À margem dos “Marajós”. Cotidiano, Memórias, e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-PA”. Empréstimo deste autor a denominação de Cidade-Floresta que utiliza para caracterizar Melgaço, pelo fato de Icoaraci, assim como a maioria das cidades urbanas da Amazônia, ter característica de uma cidade – floresta, que reúne rios, ruas, feiras. Onde o urbano e o rural convivem em um mesmo espaço.

frente para o Sol ou *Mãe de todas as Águas*, (Icoara = águas e Ci = mãe), na língua Tupi-Guarani. Esse distrito abrigou, assim como todo o território brasileiro, diversos povos da Europa, principalmente os portugueses que predominaram na ocupação das terras desse lugar. As ruas, praças, quarteirões foram dispostos, observando-se os moldes da *Belle – Époque*. Seus casarões, chalés, estação, são construções que lembram o apogeu da borracha no Pará, início do século XX (FIGUEIREDO & TAVARES, 2006). Os senhores da borracha construíram aqui suas casas de veraneios, de passeio para a família e convidados ilustres. Suas senhoras podiam passear nos córregos dos rios em canoas ao estilo romântico.

A predominância dessas construções ocorre em um espaço em que os moradores chamam de centro de Icoaraci. Geograficamente e culturalmente as cidades do Pará e do Brasil, como um todo, são estruturadas dessa forma: os centros, onde existe a igreja, o mercado, a praça, as lojas, a prefeitura, as escolas mais relevantes. Enfim, toda a cidade transita nesse espaço comum, da camada mais pobre a camada mais rica.

Quando o ciclo da borracha decaiu, os casarões se fecharam, viraram monumentos estáticos de uma época que não beneficiou toda a população paraense, mas que manifestou, assim como a colonização forçada, a dominação dos europeus, da colônia portuguesa, sobre os habitantes nativos desse lugar e dos que vieram de outros lugares, vender sua mão de obra barata.

Nos finais de tarde, tomávamos o delicioso tacacá,²⁶ vendido nas esquinas, esperávamos a chuva depois do almoço, lá por volta das 14h, quando os corpos ainda espreguiçavam-se em redes graciosamente atadas às varandas das casas; as mangueiras cobriam o céu com seus topetes verdes e seus deliciosos frutos, que caíam sem pedir licença para ninguém. Quando a noite caía, os senhores e senhoras contavam histórias em frente às casas, sob a luz cálida do luar. Quantas lembranças, causos, visagens, notícias que vinham “fresquinhas” do centro da cidade. Brincar de roda, esconder-se por trás das casas, ouvir histórias de visagens, era o que a “molecada” mais gostava.²⁷

O centro comercial ficava “lá na frente”. Divisávamos, ali, o mercado de peixe, o cinema, as lojas, (esperava-se o peixe fresquinho vindo das ilhas próximas). Quanto boi-bumbá, quadrilhas, pássaros juninos, festas e celebrações se faziam neste lugar. Alguns de

²⁶ Bebida típica do Estado do Pará. Preparada com jambú, camarão, goma de tapioca, e tucupí. Estes dois últimos ingredientes são extraídos da raiz da mandioca, a mesma utilizada para a fabricação da farinha do estado. A bebida é servida em uma vasilha chamada de cuia, que nada mais é do que o fruto da cuieira.

²⁷ Figueiredo & Tavares, 2006, p. 36.

nossos mestres ainda estão vivos para contar e rememorar. Quanta gente ilustre residiu aqui! Do Paracurí ao Furo do Maguari, tudo era festa, tradição, muita devoção; respirávamos o verde das mangueiras; sentíamos a brisa mansa das marés, éramos tomados pelo cheiro de barro do Porto do Uxi, um odor forte da manada da fazenda Pinheiro; ouvíamos o barulho do trem que chegava trazendo os entes queridos; ouvíamos, também, o agonizar dos bois no matadouro (que triste!); acompanhávamos as vozes em ladainha; nós nos deliciávamos com os conjuntos musicais e transitávamos entre o burburinho e o farfalhar do povo.

Com a “modernidade” advinda do processo de mudanças sociais, econômicas, culturais, a paisagem de Icoaraci também se modifica:

No transcorrer do século XIX já se antecipava uma economia mundial. Hoje, essa realidade muito mais palpável aponta para outros aspectos da formação social que, paulatinamente, adquirem sinais de universalidade. O exemplo maior desse processo estaria fotografado no cotidiano que mais e mais cerca a vida das cidades, e que se proteja na própria experiência da modernidade.²⁸

Com o crescimento populacional do distrito (consequência da imigração do povo do campo para as cidades, do crescimento da natalidade, do desemprego em outras cidades, e outros fatores), a *Vila Sorriso*, como é carinhosamente chamada, perdeu parte do seu encantamento. O bucolismo cedeu lugar ao crescimento frenético e urbano das capitais. Crescimento que traz consequências negativas para os lugares, por não ser algo planejado e ocorrer de maneira desordenada. Consequentemente, não beneficia a todos, destrói o meio ambiente, causa insegurança nas pessoas, aumenta a violência. Tudo fica mais difícil. A falta de planejamento urbano também contribui para este panorama local

²⁸ Montenegro, 2001, p. 9.

2.5. “BATE-PAPO CAFÉ COM PUPUNHA”. *ESPIA QUE LÁ VEM HISTÓRIA.*

FIG. Nº. 6: Participante do Café com Pupunha- bairro Tenoné. Durante as Rodas de Conversas era servido café, pupunha, farinha e outros acompanhamentos para alimentar a palavra.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

Direto à memória ou ao gosto e aprovação dos ouvintes que a legitimarão no processo de transmissão. Pois viver é narrar. Ao viver, o homem se narrativiza. E, ao narrar, o homem instaura o que não existe, fala de um momento inicial, fala daquela linguagem primeira, patrimônio social dos povos. Fala de uma época e espaço em que havia uma situação de “equilíbrio”, algo aconteceu ou surgiu, um gesto transgressor, por exemplo, quebrando uma certa harmonia existente (Cruz,1995, p. 92).

É a hora das narrativas, com suas nuances, suas hesitações, seu ritmo pausado ou acelerado (ao sabor da emoção). Vamos a elas... Sobre este ponto, iniciamos citando Oliveira (1998) no que tange à sensibilidade do olhar, ouvir, percebe e escrever como e sobre os sujeitos da pesquisa:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo, esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. [...]É nesse ímpeto de conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições desse último, na medida em que está preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes. [...]Se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os cognitivos mais preliminares no trabalho de campo, é, seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica.²⁹

Tudo começou em 2005 quando um grupo chamado MOVA-CI (Movimento de Vanguarda da Cultura de Icoaraci), planejava a IV MOSTRA de CULTURA, intitulada, “Mestre Cabeludo”, um grande ceramista do bairro do Paracurí em Icoaraci. Foi quando pensamos ser possível fazer várias atividades, entre elas, algumas “rodas de Bate- Papo” com moradores antigos dos diversos bairros do Distrito. O encontro seria para os envolvidos contarem as histórias, reviverem a Icoaraci do passado, “*beberiam na fonte*” da memória desse lugar.

Essas rodas, no entanto, teriam que ter um tema, uma denominação. Então, pensamos: “por que não ‘Café com Pupunha’”³⁰ Sim, faríamos as rodas no período da pupunha, entre os meses de novembro a maio, quando encontramos o fruto da pupunheira (popularmente chamada), em grande quantidade. Seleccionamos os bairros do Distrito; fizemos algumas visitas aos moradores de referência desses lugares, para que, conjuntamente, nos ajudassem quanto à escolha do local para as rodas tivesse lugar, e pensamos, também, em convidar os moradores antigos e novos da comunidade. As rodas de “Bate- Papo Café com Pupunha”, foram realizadas em seis bairros do Distrito: Paracuri, Ponta Grossa, Furo do Maguari, Cruzeiro, Vinte e Três e Tenoné. Durante seis sábados nos

²⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever.** Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Ed. UNESP, 1998. p. 19.

³⁰ As Rodas aconteciam regadas com muitas pupunhas, fruto originário da região amazônica. Sua reprodução ocorre nos primeiros seis meses do ano. Após esse período, fica escasso. Havia também café, farinha d’água, distribuídos em recipientes de cerâmica icoaraciense, tudo posto sobre uma mesa no centro da roda, para que todos se servissem à vontade.

meses já citados, sempre no final da tarde, regadas à pupunha, café, farinha, tapioca e muita, muita história.

FIGs. Nº. 7 e 8: Artistas Plásticos Sueli (esquerda) e Faeli, (direita). Convidados e moradores de Icoaraci, ilustrando as histórias e os contadores.



(Arquivo MOVA-CI, Werne/2005)

As histórias foram registradas em fita K7 (recurso de que dispúnhamos na época); foram também fotografadas; algumas foram criativamente ilustradas por artistas plásticos; outras narrativas foram transcritas pelas pessoas do MOVA-CI, guardadas na mente de cada pessoa que ali se fez presente. Com objetivo de coletar diversas falas dos moradores antigos de Icoaraci e também preservar uma Vila Sorriso, que infelizmente não mais existe no presente, mas apenas na memória dos moradores, e, posteriormente divulgá-las através de livretos e performances teatrais. Como lembra Zumthor, (2000, p. 275), “a obra transmitida nas narrativas orais, desenroladas no espaço, escapa de certa maneira, ao tempo. Enquanto oral, não é jamais reiterável”.

As riquezas desse material são tamanhas e tantas, que requereriam, com certeza, anos de pesquisa e dedicação à história oral, bem como à destinação de recursos cabíveis para

executá-lo com eficácia. Pensando assim, o projeto organizado pelo MOVA-CI, ficou dividido em três partes: 1) rodas de bate papo, onde ocorrem as coletas das narrativas; 2) publicação dos livretos com as narrativas e, 3) as performances das narrativas e relatos nas escolas e nos bairros onde ocorreram as rodas. O fato é que, um projeto desse porte requer verbas significativas, do que, infelizmente, não dispõe o Movimento de que fazemos parte, principalmente porque as nossas iniciativas não tinham fins lucrativos.

A alternativa proposta, então, foi a de buscar os editais abertos relacionados ao tema, mas estes editais dificilmente contemplariam e aprovariam orçamentos altos. Por isso, o Projeto “*Café com Pupunha*” realizou-se (e continua, até hoje, a se realizar) em etapas: em 2005 ocorreram as primeiras rodas de Bate- Papo, (pretende-se com capitação de novos recursos ampliá-las para Outeiro, Cotijuba e outras ilhas vizinhas ao Distrito). Em 2009 conseguimos através do Ponto de Cultura Estadual, aprovar a publicação dos livretos (a iniciativa foi organizada pela coordenação do projeto). A última parte, as Performances das narrativas, ainda não possuem verbas para sua realização. Elas foram pensadas para serem apresentadas nas escolas da Rede Pública de Ensino nos bairros onde foram coletadas as narrativas.

Assim, pois, foi o surgimento do “Bate Papo Café com Pupunha”, promovido pelo Movimento de Vanguarda da Cultura de Icoaraci, projeto que originou essa pesquisa, do qual fazem parte os moradores antigos e novos da Vila de Icoaraci. A proposta é que relembrem e, à sua maneira, com a espontaneidade de cada um, os participantes contem suas vivências como moradores do lugar, como sujeitos de uma história, como protagonistas de um tempo. Fazendo jus ao nome, os encontros, via de regra, eram e ainda são regados com muito café, pupunha, farinha, tapioca e outras guloseimas.

A metodologia da história oral, foi assumida pelo Movimento por acreditarmos que na fala que narrava as histórias, estava presente o registro de memória mais precioso sobre Icoaraci. E apesar de as narrativas, quanto aos temas, quanto aos motivos, se repetirem em alguns bairros, elas nunca foram as mesmas, pois cada uma delas mantém suas características próprias, mesmo porque a maneira de narrar foi sempre diferente. Cada história traz a maneira peculiar de cada narrador que se dispunha a emprestar seu corpo, sua voz, suas entonações, sua ordenação da trama, sua performance, para as suas reminiscências que, ao sabor do momento, no impulso das emoções, afluíam no momento dos encontros.

Por estarmos presentes em todos os encontros, nos seis bairros participantes, percebemos que os movimentos de articulação para a realização dos encontros foram fruto de ações colegiadas das lideranças daquelas comunidades, o que nos leva a crer que, com certeza, tomando como base o que acontece em Icoaraci, ainda há lideranças ativas, seja qual for o caráter da organização, nos bairros de Belém.

FIG. Nº. 9: Café, pupunha, farinha, regavam as Rodas de Conversa em Icoaraci.³¹ O fruto da pupunheira aparece em maior abundância em nossa região nos seis primeiros meses do ano.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

³¹ As rodas de conversa denominadas “Cafê Com Pupunha,” seguiam simbolicamente um ritual que foi o de alimentar o corpo com o fruto e um hábito tipicamente paraense o de tomar café com pupunha. Ao mesmo tempo em que alimentávamos a memória com as lembranças dos nossos convidados mais antigo de Icoaraci. Através da linguagem oral e gestual revigorávamos a Vila de Icoaraci e a trouxemos para o centro das rodas, metaforicamente.

CAPÍTULO II

2. NARRATIVAS ORAIS DE ICOARACI: MEMÓRIA E PERFORMANCE.

FIG. Nº. 10: Barcos de pesca e de transporte de pessoas para as Ilhas próximas a Icoaraci, bem como de mercadorias advindas das mesmas, (chamado popularmente de “Pô-pô-pô”, pelo barulho do motor). Ficam ancorados no ‘Trapiche’ de Icoaraci e os proprietários, em sua maioria, são moradores do local ou das Ilhas vizinhas.



(Arquivo pessoal/2014)

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmente a cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional.

Ecléa Bosi

2.1. Narradores performáticos de Icoaraci: narração do passado no presente.

A alma não vive ao fio do tempo. Ela encontra o seu repouso nos universos imaginados pelo devaneio (...) A imensidão é uma das características do devaneio tranquilo.

Gaston Bachelard³²

As narrativas orais, frutos do fazer memorialístico, por longos períodos têm sido as grandes testemunhas e as efetivas precursoras da história da humanidade em sua trajetória de vida e atuação. Elas surgem à margem da linguagem oficial aceita pela sociedade;³³ ganha vida, utilizando-se da voz, que é o princípio de tudo; concretiza-se, enfim, pela palavra e se materializa na linguagem e pela recepção do outro que a ouve, construindo assim sua continuidade e conferindo a ela um caráter de resistência. Perguntamo-nos, então: por que se nega a importância desse fenômeno humano para a ciência? Ou ainda, para a pesquisa de uma determinada comunidade a partir das narrativas orais? Sabemos que o interesse das diversas áreas das ciências em estudá-la é recente e ainda é necessário que invistamos em metodologias eficazes para efetivar tais pesquisas, pois, certamente, ainda há muito o que se descobrir a respeito.

O contador de histórias conta o que ouviu, narra o que viu e o que tocou, narra também, o que imaginou, ele narra, enfim, memórias que nele significaram e, com sua marca particular do livre viver\imaginar\criar, mergulhar nos resquícios de memória, se deixar impregnar e se compraz com o impregnado (CRUZ, 1995, p. 61).

É comum escutarmos na fala dos moradores antigos do lugar a história de origem, as impressões que eles, trabalhadores, artesãos criativos, mestres da cultura popular, mulheres e homens (construindo no dia a dia a labuta da lida), ribeirinhos e pescadores (artífices do infundável e necessário fazer cotidiano), têm desse Distrito.

O primeiro ônibus o nome dele era Brasil. Era uma confusão porque todo mundo queria ir de ônibus, e não queria mais ir na Maria Fumaça. Eu sei que foi evoluindo aí Icoaraci. E, eu, como sempre tava no meio. Quando era véspera de cário assim: quem é que vai tirar toada? Eu tiro!³⁴

³² BACHELARD, 1993, p.18 e 190, respectivamente.

³³ MONTENEGRO, 2001, p. 40. A história oral se descobre um processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente/inconsciente. Entretanto a aquisição da capacidade de falar, de comunicar ideias é elemento determinante dessa historicidade. Uma historicidade de luta, de resistência, que, evidentemente, tem suas marcas de conformismo e repetição do *status quo*.

³⁴ FIGUEIREDO & TAVARES, 2006, p.37

São relatos de vida que comprovam e evidenciam várias situações: a grande imigração de pessoas dos interiores do Pará; a predominância dos dominadores donos dos casarões, das fazendas, das atividades econômicas mais bem vistas; a variedade de manifestações populares como ladainhas, bois, pássaros, festas tradicionais; os mitos e lendas que assombravam nas noites de lua cheia aqueles que teimavam em ficar *fora de hora* pelas largas ruas da Vila Pinheiro; o crescimento populacional; as transformações ocorridas nos espaços físicos, no comportamento e na mentalidade dos habitantes desse lugar.

A formação da população icoaraciense é composta por portugueses, por imigrantes das outras cidades do Pará e, majoritariamente, por pessoas advindas de outros Estados do Brasil. Até o final do século XX a cidade se caracterizava como “cidade dormitório”. É que as pessoas saíam em grande quantidade para o trabalho no centro de Belém no início da manhã, e retornavam somente à noite, para dormir. Isso se dava pela carência de empregos que existia no lugar. Felizmente, essa situação tem apresentado melhorias nos últimos tempos, mas, ainda, a localidade não apresenta condições de empregabilidade que acompanhe o grande crescimento populacional.

As atividades econômicas são variadas: dispomos de um polo industrial, com atividades madeireiras; outro, que produz a cerâmica icoaraciense, se podemos assim chamar, originadas da cerâmica Tapajônica e Marajoara, segundo os artesãos de Icoaraci,³⁵ temos já um dinâmico comércio informal, bem como de feiras livres pelas quais transitam trabalhadores do setor público e privado; dispomos, ainda, de um comércio ascendente, com lojas de produtos variados.

Essa mistura forma um significativo e diversificado mosaico, típico dos centros urbanos do século XXI, e Icoaraci, por estar localizada em uma área urbana um pouco mais afastada do centro da cidade, locais conhecidos como periferias da cidade, não poderia deixar de, similarmente, apresentar tais características comuns a de tantas outras localidades, como salienta Matos (1989, p.72) “Único campo válido da experiência moderna, a cidade é o corpo onde se inscrevem emoções e paixões, experiências intransmissíveis e singulares que o poeta-alegorista canta”.

Por isso, julgamos não só importante, mas pertinente e urgente, o trabalho de valorizar o patrimônio imaterial existente aqui, pois as sociedades pós-modernas, com suas frenéticas corridas contra o tempo, assimilando aleatoriamente modelos universais e

³⁵ FIGUEIREDO & TAVARES, 2006 p. 59.

estranhos às suas origens, se amoldam às tecnologias da contemporaneidade, e se atropelam, tornando-se indiferente ao sensível, ao passado, às especificidades locais.

“O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. (Le Goff, 2003, p. 525). Esta afirmação nos leva a pensar o que seria escolhido pelas memórias desses sujeitos? Seria aqueles acontecimentos que lhes marcaram em uma ou mais fases da vida? As relações de trabalho, religiosas, sociais, econômicas? Todas as situações citadas são evidenciadas nos relatos.

No caso das narrativas orais de Icoaraci, os envolvidos na pesquisa são, em alguns casos, pessoas de pouco acesso à escola, à educação formal, as informações e conhecimentos advindos da escrita; seus saberes originam-se do empirismo adquirido ao longo da vida. Relacionam-se em meios sociais com pouca qualidade de vida, em que há escassez de recursos e ações que beneficiem os que dessa comunidade fazem parte. Há carência de serviços considerados básicos para um ser humano sobreviver. Quadro este que envolve a maioria da população brasileira.

São nesses espaços que as vozes do projeto ecoam. Há uma necessidade, em algumas dessas pessoas, de se fazerem ouvir, de se sentirem gente, no sentido mais emblemático da palavra da voz³⁶. As histórias – as mais diversas possíveis - surgem no e do imaginário de cada um, como processos de fuga ou critérios de afirmação existencial. Não nos referimos à identidade, uma vez que esse termo vem carregado de outros sentidos positivos e emancipatórios do sujeito, aspectos a que já nos referimos anteriormente, e que demanda mudanças ao longo da vida. Se assim o fosse, não viveriam aceitando as migalhas que o estado lhes dá, ou não se conformariam com a identidade de moradores de periferia como sinônimo de miséria e discriminação social.

Não estabelecemos, aqui, o conceito de identidade como algo perfeito, mas acreditamos que ele pode ser vivido, pensado, refletido pelo ser humano. Segundo Halbwachs (1992, apud RODRIGUES, p. 5), a identidade reflete todo o investimento que um grupo faz, ao longo do tempo, na construção da memória. Portanto, a memória coletiva

³⁶ MONTENEGRO, 2001, p. 38. “A fala é instrumento decisivo para as populações pobres, que vivem a radicalidade cotidiana do ‘não ter’. Aprender, apreender, apropriar-se de um saber que estabelece direitos: a capacidade de articular o ato de pensar à fala, desenvolvendo argumentos em torno de um saber que muitas vezes é cerceado às camadas populares, exige um longo processo de socialização.”

está na base da construção da identidade. Esta reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, garante unidade/coesão e continuidade histórica do grupo.

A voz, como sobejamente sabemos, é anterior à palavra e a linguagem parece ser a metáfora expressiva do ser humano. Ela cala ou fala quando necessário ou quando conveniente. Ela expressa o que o corpo em sua limitação, não consegue fazê-lo. Permite, assim, que diversos jogos se realizem. O corpo vocal estaria relacionado às fontes antropológicas do imaginário. (ZUMTHOR, 2010, p.12). Uma existência regada ao imaginário, às reminiscências que esse corpo pode deixar transparecer pelos gestos, mas principalmente pela voz; que materializada na palavra, no grito, no sussurro; deixa mostrar esse orador-contador que, segundo Paul:

Não nomeia o que está falando, ele o prenomeia, num discurso prévio e singular. Capturando tal acontecimento, tal objeto para lhe conferir existência, ele os torna prováveis, aptos a despertar o desejo ou a esfriá-lo, a causar dor ou prazer; mas não os explica; ao contrário, os implica.³⁷

Vozes advindas da memória ou memórias retomadas pela sonoridade discursiva que se veste dos acontecimentos daqueles que dela fazem uso, ou precisam para transmitir valores, saberes, culturas, que talvez, jamais serão perpetuadas pela história ou outra ciência do conhecimento. A voz também informa sobre quem a usa, ela denuncia o falante, deixa-o exposto, põe-no à mostra. O contador emprega em seus relatos as suas marcas, sejam elas orais, gestuais, corporais, expressivas para, com emoção, externar os fatos vividos ou, talvez, imaginados por ele (não importa!). São fatos que não estão entrelaçados com os valores de verdades ou inverdades. Isso não é, no ato de narrar, importante para ele: o que importa para o sujeito é mergulhar em um passado que o remete aos acontecimentos de sua vida que fizeram-no vivenciar e experimentar diversas sensações e cujo protagonista é ele próprio.

Corpo/memória, corpo/social³⁸, presentes nos relatos de seu Cipriano e dona Maria Palheta. Os sentidos afloram diante do imaginado. A Matinta-Perera (ser temido por todos nós que fazemos parte desse imaginário amazônico), aparece tomando forma de aves tão conhecidas por nós, mas que, por ser encantada, tem um diferencial, causa medo e

³⁷ ZUMTHOR, 2010, p.295

³⁸ Felipe Grune Ewald, 2009. Mestrando do PPGLT- UFRGS. Integra o projeto *Corpo e voz em performance nas narrativas orais urbana*, coordenado pela Professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. E-mail: felipe.ewald@gmail.com.

sensações por todo o corpo de quem passou pela experiência. Ela “parece” um avestruz ou um peru, mas pelo imaginário envolvente do narrador, torna-se temida.

Já o relato de dona Maria Palheta vem impregnado de saudosismo...Saudosismo de uma época que, ela bem sabe, não volta mais. Os fatos ficaram guardados em sua memória, em seu corpo, em sua voz, “Agora não, a gente sai e vai logo tomar cerveja”. É bem comum esse saudosismo nas narrativas coletadas, eles empregam bem os termos no passado, como que para enfatizar que tudo passou, não volta mais, a não ser ali, dentro de cada um/uma que viveu a época ou o acontecido.

A referência à memória social, coletiva,³⁹ tem sua comprovação na fala desta narradora, que parece precisar que alguém testemunhe, reiterando a verdade daquilo que está dizendo: “nera?”, “nera Rita?

FIG. Nº. 11: Seu Daniel, morador do bairro Ponta Grossa, foi o anfitrião de nosso encontro. É o presidente da Escola de Samba “Unidos da Baixada”, onde ocorreu nosso encontro. A sede fica em sua residência. Ao lado uma das coordenadoras do MOVA-CI, Auda Piani. Encontro Do Café Com Pupunha 2005.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

³⁹ Memória E Identidade Social. Michael Pollak. Conferência transcrita, que vem se somar a seu artigo “Memória, esquecimento, silêncio”; publicado em Estudos Históricos 3(1989). Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha.

Outras pessoas ali presentes ou não, vivenciaram as mesmas experiências. Conservam em suas memórias as mesmas lembranças, mesmo porque a sequência de fatos lembrados nem sempre segue a mesma ordem, ou uma ordem cronológica, como veremos nos relatos de seu Cipriano no próximo capítulo. Pollak, então, estabelece os elementos que compõe segundo ele, a memória coletiva e a individual:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.”⁴⁰

Ao contar as experiências que vivenciaram em épocas anteriores em Icoaraci, os moradores gesticulam, acentuando e dando expressividade à intencionalidade, sempre em conformidade com a carga emocional que os fatos exercem sobre sua memória. Os rumos do relato imprimem o ritmo à narrativa. Sendo silenciada até o momento de se materializar pela palavra, ela, a voz, transmite tais lembranças de épocas, lugares, pessoas e acontecimentos de um tempo que representam uma história.⁴¹

Até aos nossos dias “história e memória” confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido “sobre o modelo de memorização, da anamnese e da memorização”. Os historiadores davam a fórmula das “grandes mitologias colectivas, ia se da história à memória colectiva. Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pelos meios de comunicação de massa, caminha para a fabricação de um número cada vez maior de memórias colectivas e a história escreve-se, muito mais do que antes, sob a pressão destas memórias colectivas.”⁴²

É o que ocorre com as narrativas de dona Maria Palheta, elegante, sempre “paramentada”, como ela mesma costuma dizer. Em suas narrativas, emprega um tom de ensinamento, de doutrinadora, de medida entre o passado e o presente. Deixa claro, na sua fala, que os tempos idos sempre foram muito melhores que estes poucos tempos do presente. Sua performance diante dos acontecimentos lembrados nos hipnotiza, demonstra segurança, a sua voz confere veracidade à narrativa, há um tom de certeza na voz, há expressividade e firmeza nos gestos que emolduram a narrativa, há emoção e clareza no olhar. Já dona Nazaré, em franca oposição à narradora anterior, ao expor os fatos, se cobria de humildade, leveza e simplicidade. O tom de voz era outro, diverso, só seu. Mas era

⁴⁰ Ewald, 2009 p. 2.

⁴¹ ZUMTHOR, op. cit., p.220

⁴² Le Goff, 2000, p. 54 – (Obs.: mantivemos, na transcrição, o estilo da tradução portuguesa)

exatamente aí que residia o seu encanto. Era sempre muito enfática e conclusiva em suas lembranças, narrando minuciosa e cronologicamente os fatos, de acordo com o andar do tema abordado. Os pormenores conferiam interesse ao que era narrado.

Uma voz calma, com timbre bem regional, aliás, não há como não notar que a maioria dos sujeitos possui naturalmente esse timbre regional, trazem características do falar ritmado do nosso povo. Como não se encantar com esse falar cadenciado e sonoro característico do nosso caboclo paraense?...

Essas lembranças encontram respaldo com as assertivas de Ewald,⁴³ quando ele afirma ser

A performance aquela que engloba posturas complementares no exercício acadêmico: a escuta em contraponto com o olhar. Não há oposição aí, pois, ainda que em intensidades distintas, são ambas posturas ativas e passivas simultaneamente; envolvem a mobilização do corpo e das sensibilidades.

Os contadores como sabem, das narrativas orais, não inventam personagens nem histórias alheias, tiradas da imaginação. Eles rememoram suas lembranças; revivem todos os acontecimentos que lhes são possíveis lembrar na performance sentida. São, via de regra, motivados por um pedido, ou por outros narradores... deixam fluir as lembranças individuais, mas tais lembranças sempre vêm interconectadas com acontecimentos coletivos do lugar, com pessoas conhecidas, com seres reais ou irreais comuns àquela comunidade, seres conhecidos por todos. Trata-se da performatização da memória social que vem à tona e se externaliza através da linguagem. (BOSI, 2004, pp.54-55).

O estudo da performance permite a quebra da noção de aproximação entre a teoria e a prática, um acontecimento vindo da história oral torna-se objeto de estudo da ciência. Os conhecimentos surgidos a partir de grupos ou indivíduos pertencentes à determinada comunidade e transmitidos pela oralidade, até há bem pouco tempo, não apresentavam valor científico. A perspectiva da história mudou quando novas vozes – não autorizadas tradicionalmente – ganharam o cenário da História. A linguagem escrita sempre desfrutou de maior prestígio que a linguagem falada. Muitos saberes advindos de vozes não oficiais foram negados, julgados sem valor para a humanidade. Isso também se deve ao fato de tais acontecimentos ou fatos não terem sido escritos, e portanto, não adentrarem no mundo letrado.

Exemplo disso vem da própria cerâmica icoaraciense, que segundo os artesãos do bairro do Paracuri, uma das versões de seu surgimento, é a de que, pela curiosidade de um

⁴³Ewald, 2009, p. 83

mestre ceramista e pintor de placas, “que ao ver as fotografias de um livro chamado “Na Planície Amazônica”, de autoria de Raimundo Moraes (escritor paraense), ficou fascinado com as figuras de peças de cerâmicas indígena e resolveu copiar os traços nas peças produzidas pelos oleiros...” (FIGUEREDO& TAVARES, 2006, p. 47-48).

FIG. nº. 12: A IV Mostra de Cultura do MOVACI. Teve como homenageado o Mestre e Cerâmica “Cabeludo”. Casa do poeta Antônio Tavernard, 2005.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

Mestre *Cabeludo*, (falecido em 1999) como era conhecido, talvez não soubesse ler, nos moldes do saber letrado, mas, curiosamente, escrevia placas e as expunha em sua barraca de vendas. Após ter visto essas figuras, criou sua própria técnica de gravuras na cerâmica icoaraciense. Em outras palavras, não precisou frequentar a escola formal para aprender uma técnica que, construída de maneira autodidata, mudaria toda a história da cerâmica desta localidade, já que é unanime entre os artesãos do Paracuri, a opinião de que o “Mestre Cabeludo” foi quem iniciou a cerâmica decorativa com traços indígenas a qual serviria de meio de trabalho, comércio e divulgação da arte dos diversos mestres que produzem essa cerâmica no bairro. Como seu Cipriano, de que falaremos mais adiante.

No parêntese que abrimos aqui para falar da cerâmica icoaraciense, exemplificamos o quanto a transmissão oral dos conhecimentos, contribui socialmente com a comunidade e que, independente do saber letrado, criam dinâmicas próprias, performances que permitem

a troca e intercâmbio de saberes, facultando a construção de identidades, individual ou social, identidades que caracterizam os sujeitos, identificando-os como parte daquele espaço cultural existente.

A performance, aqui, é entendida como ação, como reflexão, como interação, portanto, como espaço de troca de conhecimentos, como possibilidades de aproximação entre o escrito e o falado, entre o imaginário e o real, entre o espetáculo e as vivências, entre passado e presente, entre identidade e sujeitos, entre narrador e narrativa. Enfim, ela abrange e perpassa todo o processo de feitura, condução, e entendimento da história oral.

Surgida na década de 50 na França, mas vinda do inglês, (ZUMTHOR, 200, p.34), a constituição da performance é sempre uma forma. Utilizamos, para esta pesquisa, o conceito dado por Hymes, (1973, apud, ZUMTHOR, 200, p.35):

A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca.

Portanto, ouvir o que os narradores de Icoaraci têm a nos dizer da história, das épocas que viveram como crianças, adolescentes, jovens nesse lugar que foi se metamorfoseando junto com as suas personalidades e hoje, os que permanecem vivos podem, através da linguagem oral, conhecer, descrever, se emocionar e reviver junto com outros que também participaram desses acontecimentos. Os Encontros do Café com Pupunha nos proporcionaram esses mergulhos, essas incursões através da história e do passado.

Performance e conhecimento, intrinsicamente ligados, se cruzam nas vozes desses sujeitos. Dona Nazaré, seu Nonato, seu Cipriano são pessoas que, através de seus ofícios empiricamente construídos, passados de pai para filho, lideram esta arte; são, assim, mestres de manifestações culturais conhecidas por estas bandas de nossa região. Ama do “Boi Resolvido”, boi bumbá do Pará. Dona Nazaré, em seus relatos, como mostraremos mais adiante, não esconde sua paixão pelo que faz e de alardear as suas origens. Seu Nonato, que coordena a festa de São Pedro no Tenoné, descreve, sempre com minúcias e emoção, como assumiu essa tarefa e discorre sobre todas as dificuldades que enfrenta para manter viva esta tradição. Seu Cipriano, mestre ceramista, não tem mais, pelo avançado dos anos, condições de trabalho. Seu ofício já se espalhou por entre os que chegaram, mas, em seus relatos, fala com orgulho e propriedade dessa terra. Revela quando e como chegou aqui, recorda-se das origens do local, que, aqui, se chamava Fazenda Pinheiro.

Todos eles, cada um à sua maneira, fazem de seus saberes, como mestres, uma forma de se inserir na sociedade, de se constituírem como seres atuantes, como formas de existir, formando, assim, a identidades sociais.

FIG. N°.13: Grupo de Carimbó da terceira idade de Icoaraci. Apresentação na Orla do Cruzeiro, 2006.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2006)

Eles e outros mais anônimos compõem uma rica história cultural, social, religiosa, profana, popular de Icoaraci. É o que José Magnani (1984, apud, FIGUEIREDO, 2006, p. 35) descreve. Trata-se de “um conjunto fragmentado de normas e valores onde coexistem tradições de origem rural, crenças religiosas, conhecimentos empíricos, valores próprios da sociedade industrial”. Porque, apesar da situação social precária em que vive a maioria da população pobre de nosso País, e em Icoaraci também, esses mestres fazem de sua sabedoria empírica a transmissão e a manutenção das tradições populares, sem que, com isso, usufruam de qualquer melhoria na vida urbana e social.

Há uma performance teatral desses mestres quando querem mostrar o espetáculo do que sabem fazer artisticamente, ou quando querem apresentar o que aprenderam com seus pais, tradições performáticas que lhes foram transmitidas através do oral e da convivência social. Muitos mestres continuaram as tradições deixadas pelos pais com o objetivo de manter aquela manifestação, com o intuito de não deixá-la morrer. Trata-se, indubitavelmente, de uma forma de pensar o saber, a cultura, a perpetuação e afirmação do que chamamos tradição. A identidade performática e social, tomam forma nesse modo de ver a vida, a sociedade. Não há, provavelmente, uma consciência do que se está fazendo, há, não resta dúvida, uma intenção, uma preocupação, uma relação afetiva e de pertencimento do saber. É o que também conceituamos como Patrimônio cultural:

O patrimônio faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. A memória social legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do patrimônio (Martins 2011, apud, RODRIGUES, p. 4).

Segundo Ewald,⁴⁴ dois conceitos são importantes para entender o conceito de performance. São eles a movência e a teatralidade. Quanto ao primeiro, significa dizer que ela é móvel, não fixo, apesar de ser concreto e sensível. Está em constante mutação, em processo. “A movência se faz presente na busca dinâmica de um reconhecimento que só se realiza no encontro, o qual é acessível só a quem ouve – permanecendo obediente à busca de si – e que revela as diferenças necessárias” (MALDONATO, 2004, apud, Ewald, p.85).

Já a teatralidade, segundo Feral, (apud, ZUMTHOR, 200, p. 49,50,)

Não tem manifestação física obrigatória. Ela não tem propriedades qualitativas que permitiriam demarcá-la de vez. Ela não é um dado empírico, ela é uma *colocação em cena do sujeito*, em relação ao mundo e a seu imaginário.

O lúdico, sempre presente, reúne elementos capazes de anunciar e denunciar situações socioculturais, promovendo a interação entre sujeitos de um grupo, uma comunidade que comunga uma mesma história, o mesmo espaço. A dinâmica é sempre fluente. O jogo se faz presente tomando forma, no corpo e na voz do outro, envolvendo-o, proporcionando prazer e interesse. A oralidade se torna o objeto e fio condutor das narrativas contadas. Nesse sentido, podem ser comparadas à poesia oral no que tange à discriminação pela forma do falar do narrador. Foram deixadas de fora de circulação oficial, desacreditadas academicamente e se tornaram, em algumas camadas da sociedade por algum tempo, motivos de preconceito linguístico.

Sempre há performances nos acontecimentos narrados. É a performance da vida, da memória, da narrativa, das emoções e, acompanhando a voz nesse conjunto, vem, então, a performance corporal, expressa pelas lembranças que tomam conta da voz, que se espalha pelo corpo desses narradores. Na figura de seu Cipriano, pegamo-nos, conjuntamente, lembrando já que somos também sujeitos da pesquisa. Como ele nos fazia rir a cada vez que contava uma história!... Como ele envolvia a audiência! Estávamos diante de uma performance de um contador nato, uma representação autêntica e natural, que não foi

⁴⁴ EWALD, 2009, p. 84. Mestrando do PPGLT- UFRGS. Integra o Projeto *Corpo e voz em performance nas narrativas orais urbanas*, coordenado PELA Professora Ana Lúcia Liberato Tettamazzy. E-mail: felipe.ewald@gmail.com.

treinada, tampouco ensaiada. Uma performance que nunca se ateve a técnicas teatrais, formais ou acadêmicas para o contar dessas histórias. Era a pura expressão da naturalidade, advinda da própria vida, do próprio ato de narrar.

O trabalho da história oral é talvez aproximar a linguagem oral da escrita, associá-las de alguma maneira, não engessar uma em detrimento da outra, mas buscar um ponto comum, harmônico entre esses dois universos linguísticos distintos. O textocentrismo⁴⁵ – fazendo uso de uma expressão de Rodrigues - é que precisa deixar de exercer o papel centralizador da linguagem, o dominador do saber letrado. Há segundo o mesmo autor, uma relação entre o oral e escrito, entre a performance e texto impresso.

Isso nos remete aos nossos encontros do Café com Pupunha em dois bairros, Paracuri e Cruzeiro. Dois moradores, participantes ativos dos encontros, levaram documentos escritos para comprovar o que falariam, talvez como prova irrefutável do que iriam dizer se porventura fossem, de alguma forma, questionados, ou, talvez para demonstrar a todos que eles tinham registros escritos comprobatórios da história de Icoaraci. As informações que continham nesses documentos estavam sob seus domínios, o que significa dizer que mantinham uma certa predominância, embora aparente, sobre os demais que ali estavam. Recordamo-nos, também, que eles também se utilizavam da linguagem culta se esforçando para mantê-la durante seus relatos.

Esses narradores pareciam presos aos documentos, às informações neles contidas, e nos davam a impressão de estarem em desarmonia com os outros que, somente pela memória, sem o aval das comprovações, narravam a história de Icoaraci que lhes vinham à lembrança e eram saborosamente compartilhadas com os relatos dos outros participantes do encontro. Havia testemunhos de uma mesma lembrança, de um mesmo fato. E aí, os relatos, harmoniosamente, completavam a memória e o relato do outro. É que caracteriza a memória coletiva, a formação da identidade social dessas pessoas ligadas por um passado comum, numa mesma comunidade.

Não se trata de dizer que os documentos impressos não foram ou não sejam importantes para a historiografia do lugar. O que queremos ressaltar são as performances dos narradores, os contrastes porventura existentes entre elas e o quanto tudo isso deixa claro as posturas sociais, políticas e econômicas, haja vista que tais pessoas exercem papéis sociais importantes na sociedade icoaraciense, e a posse desses documentos simbolizava, ainda que tacitamente, esse poder. O prazer que existe em ouvir, em falar, em rememorar

⁴⁵ EWALD, 2009, p. 91

o passado, torna o relato oral pura poesia. O que não ocorre com o conteúdo escrito que estes senhores levaram para os encontros. Com isso, puseram fim, ou, pelo menos deixaram em segundo plano, o prazer da escuta e do falar performático. O texto escrito possui, segundo Zumthor (2000), outra natureza.

Uma das preocupações da contemporaneidade é o desaparecimento por completo de algumas línguas. Línguas que surgem e são renegadas, daquilo que Zumthor (2010, p. 316) chama de “memória sem defesa”. As narrativas coletadas em Icoaraci são importantes para a emancipação da história oral, da voz como protagonista da história desse lugar, com suas singularidades e sujeitos que nunca haviam sido ouvidos como mentores e transmissores desses acontecimentos do lugar. Uma língua que em vez de desaparecer, aparece com especificidades da fala, do oral. Isso nos encoraja a defender as narrativas orais desse lugar, a transcrevê-las para que o escrito sirva de registro para os que ainda virão a Icoaraci.

A emancipação das pessoas e das histórias que fazem parte da existência da chamada Vila de Icoaraci. Resistindo ao esquecimento que, conseqüentemente, ocorre com os anos passados e com o presente globalizado e acelerado, em busca de novas tecnologias de informação. É premissa da modernidade que todos podem se comunicar com todos, em diversas partes do mundo. Isso bem que é verdade, basta ter as ferramentas tecnológicas e querer estabelecer tais comunicações virtuais. Quanto a isso Zumthor (2010, p. 317), afirma:

Não se trata de fazer uma escolha no compacto da duração temporal, nem de reconstituir, mesmo a título de patrimônio, modos de vida e de pensamento tradicional, calorosos, mas sufocantes. Trata-se de afastar um falso universalismo que é fechamento- de renunciar a privilegiar a escrita.

“A narração exemplar foi substituída pela informação da imprensa, que não é pesada e medida pelo bom senso do leitor. [...]. A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação.” (BOSI, 2004, pp. 85-86). A informação é necessária. Mas o excesso de informação desinforma, e, não raro, aliena. Nossa sociedade, na nossa época, vive a era da informação excessiva, da rapidez vertiginosa da tecnologia; tudo é virtual, efêmero, desimportante; o outro é visto pelo visor de um celular, pela tela de computador e por outros meios digitais. O jogo virtual tomou o lugar do jogo real em muitas situações. A presença física já não é mais necessária. Absorvemos, todos os dias, uma quantidade muito grande de informações que não têm nada a ver com a nossa vida

cotidiana, com a nossa comunidade, com a nossa cultura. E acostumamo-nos com isso. E vamos nos deixando levar por essa avalanche indiscriminada.

A educação formal ainda não consegue discutir a emancipação do patrimônio vivo que existe em cada lugar, principalmente o patrimônio amazônico. Essa prática ainda é uma realidade longínqua a ser discutida no ambiente escolar e fora dele. Como a cidade se modifica, as pessoas não são eternas, materialmente falando, a vida é dinâmica, a sociedade, a cultura, os hábitos mudam-se cotidianamente e aceleradamente. O Patrimônio, nesse raciocínio:

É a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras. Trata-se de um conjunto de símbolos significativos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, normalmente a elite, política, científica, econômica e religiosa, decide preservar como patrimônio coletivo. Portanto, há uma legitimação social e política do que é (ou não) patrimônio.⁴⁶

Faz-se necessário, pelo exposto, o registro e a pesquisa para a emancipação e afirmação da história de pessoas e comunidades que desaparecerão com o tempo, o registro talvez, para os que ainda ao de vir. Quase sempre se tem alguém disposto a contar a história baseado em suas impressões e vivências, narrar suas memórias. Mas devemos ficar atentos ao que afirma Portelli:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia [...], quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros.⁴⁷

Esse fato ocorre porque os sujeitos/narradores não são personagens de uma narrativa de ficção sem relação com seu tempo, sua vida, sem uma identidade. Por isso, a ética, o respeito aos entrevistados devem ser os fios condutores da pesquisa com História Oral. Tudo o que narram os contadores faz parte da história deles e deve ser tratado com respeito, sem atribuição positiva ou negativa de valores. Quem deve definir ou estabelecer tais critérios é a própria comunidade envolvida, os sujeitos que dela fazem parte. Assim teremos não uma representação das identidades socioculturais de um povo, mas, ao contrário, a legitimação do mesmo.⁴⁸

⁴⁶ RODRIGUES, 2002, p. 03

⁴⁷ *A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.* Este texto foi publicado na revista espanhola *Fundamentos*, tendo sido traduzido para o português por Ingeborg K. de Mendonça e Carlos Espejo Muriel. Foi base da palestra proferida em 23 de agosto de 1996, no Departamento de História da UFF. (PORTELLI, 1996, p.2).

⁴⁸ RODRIGUES, 2002, p.4 (grifo meu).

FIG. Nº.14: Casa do Poeta Tavernard em 2005, situada a Rua Siqueira Mendes-Icoaraci. Hoje restam apenas as ruínas desta construção.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

O que nos faz lembrar que toda memória é social, possui relatos de um passado que envolve outros que dele fizeram parte, mas que estabelece critérios seletivos de lembranças, como afirma Rodrigues⁴⁹, “a memória social é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica “gravado na memória” fica registado para as gerações futuras”.

Os acontecimentos narrados pelos envolvidos, de fato, parecem seguir uma lógica de lembranças comuns em todos os bairros, o que nos leva a crer que a memória social prima por fatos que são relevantes para a comunidade icoaraciense, fatos estes que foram socialmente importantes. Ou seja, o individual e o coletivo se entrecruzam. “O que existe

⁴⁹ Ewald, 2009, p.5

de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma afinidade de influências que nela se cruzam...” (QUEIROZ, 1987, p. 283).

As narrativas orais nos remetem ao imaginário, nos fazem pensar como foi aquele passado que se apresenta pela voz da memória, nos transporta para o passado, tirando-nos desse mundo presente pouco apto a ouvir, pouco interessado em sentir e refletir sobre os acontecimentos a sua volta. As lembranças, quando socializadas, fortalecem nossas lembranças, fazem-nos refletir sobre a nossa realidade, elas nos inserem criativamente em nosso contexto e influencia a nossa maneira de interagir com o mundo em que estamos inseridos.

As narrativas orais são ações carregadas de subjetividade, de lirismo, de paixões, contêm elementos estéticos, elas dão forma ao que é dito pela voz e pelo corpo, criam uma imagem passível de mudança a todo instante que mergulha no passado, mas que existe no presente. É o que sentimos quando nos lembramos da nossa infância em Marapanim e ao mesmo tempo quando escutamos as narrativas de Icoaraci. O passado volta-nos. O presente se transfigura. Nós nos modificamos e, por conseguinte, agimos e modificamos a nossa realidade ao nosso redor. Outras lembranças, fazendo coro, juntam-se as nossas e construímos e reconstruímos, coletivamente, as imagens do passado.

2.2. DO CRUZEIRO AO TENONÉ, DA PONTA GROSSA AO MAGUARI, ESTÁ O PARACURI. Os narradores da pesquisa. Olhares e falares diferentes de uma mesma narrativa.

Morre a arte da narrativa quando morre a retenção da legenda. Perdeu-se também a faculdade de escutar, dispensou-se o grupo de escutadores [...]. A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o te ce até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma [...]. Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da *sua história*, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo do perdurável. (BOSI, 2004, pp.88-89)

FIG. Nº. 15: Roda de Bate Papo Café com Pupunha. Moradoras do Bairro do Maguari, 2005.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

Quando foi pensada ação do ‘Bate papo Café com Pupunha’, pelo MOVA – CI, logo nós nos propusemos a organizar os encontros. Nossa tarefa era parecida com a dos produtores de evento, com uma diferença, não recebíamos nenhuma ajuda financeira para realizar tais encontros. Não recebíamos valores financeiros, no entanto, foi muito gratificante organizar em cada bairro os encontros; conhecer os moradores/articuladores que junto conosco articulariam a comunidade, o local. Lembramo-nos de que, logo no primeiro encontro com as lideranças, nosso pedido era enfático: ‘convidem os moradores

mais antigos do bairro que sejam bons no ato de contar histórias. Os mais novos podem vir também, assim aprendem um pouco sobre a história de Icoaraci’. De fato, as lideranças fizeram jus ao pedido e todos que fizeram participaram das Rodas de Conversa, em todos os bairros, deixaram suas marcas na história desse projeto.

Narrar, como bem lembra Bosi, é uma arte de artesanato, que tece seu enredo, o seu texto, a sua particular e única tessitura textual, com as nuances e entonações de suas vozes e, ao tecer nos envolve em suas teias. Ao ouvir, nos damos conta, estamos completamente envolvidos com e pela a narrativa. Rimos, perguntamos, nos emocionamos, ficamos embevecidamente em silêncio diante dele/dela que faz de suas lembranças algo familiar, próximo (ou distante) de quem as ouvem. O narrador/performer nos deixa adentrar suas memórias, como se fôssemos velhos amigos de infância e, para tal inserção, não precisássemos pedir licença, sentimo-nos familiares, próximos, somos todos de casa.

Aquela rua, aquele prédio, as festas de santos, aquelas visagens, os trajetos feitos a pé, a cavalo, ou de trem... Todas as imagens que passam pela memória do narrador/a transmitidas e que são externadas pela linguagem oral, agora é coletiva. Sentimo-nos partícipes, tornamo-nos cúmplices, somos, de repente, testemunhas oculares das memórias e construímos assim, junto com o/a narrador/a, a poética de uma realidade, por meio de uma oralidade.

“Um espectro esta assombrando os muros da academia: o espectro da história oral” (PORTELLI, 1981, p. 26). Foi o que acabamos de descrever, não há mais como negar a necessidade de estudar os fenômenos da história oral na academia. Esta tem muito o que ganhar com a investigação dessa manifestação. Já a história oral, enquanto houver povo para contar suas histórias, continuará existindo.

Mesmo havendo a preocupação de que neste século globalizado, informatizado, tecnológico e consumista, não haja quem queira parar para ouvir, para aprender como o conhecimento empírico por diversos séculos, foi utilizado em várias sociedades, em benefício dela, com resultados positivos, sem precisar de comprovação científica e que, muitos desses saberes eram passados de geração em geração pela oralidade até chega a nossa.

Não existem conflitos entre os níveis de linguagem entre falantes e ouvintes, basta que haja o entendimento das limitações e das fronteiras que se colocam entre as duas

instâncias. “Fontes orais são fontes orais”.⁵⁰ Simples assim, e no caso das fontes aqui em análise, elas possuem algo peculiar, o nosso envolvimento (sujeito) com as mesmas por fazer parte da comunidade pesquisada. Nossa memória social, vivências, trabalho, relações pessoais, nossa identidade foi e é construída em Icoaraci adotada como segundo lugar de morada já há trinta e um ano. Alguns narradores desta pesquisa também vieram de outras cidades do Pará, ainda pequenos. É o caso de seu Cipriano, que veio da cidade de Curuçá para Icoaraci.

Os narradores desta pesquisa são todos moradores de Icoaraci, dos bairros onde os encontros ocorreram, o que fez com que demonstrassem nas narrativas total familiaridade com os mesmos. Foram todos convidados para participarem de um encontro onde iriam contar o que sabiam e lembravam-se da Icoaraci do passado, sem esquecer-se do presente claro. Reunimos muitos senhores e senhoras ansiosos para contar tudo o que sabiam sobre o lugar e, principalmente, as suas próprias experiências.

O convite foi oral, passado de “boca em boca”. Muitas histórias para transcrever, muitas informações importantes e muitos narradores natos. Precisávamos selecionar alguns para analisar. Estabelecemos, então, alguns critérios para a seleção: os mais antigos; os narradores natos que prenderam atenção dos ouvintes; narrativas que remetessem à memória individual e à coletiva; fatos que ocorreram nos bairros dos narradores; histórias relevantes para a Vila; histórias que comungam entre si, mas que receberam algo a mais por quem as contou; histórias que falam sobre o local e a vida social, política, religiosa dos moradores, história que pelo fato de serem narradas caracterizaram o ato performático.

Muitas histórias foram contadas e registradas. “A transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação.”⁵¹

Cuidadosamente, após ter ouvido as narrativas, optamos por selecionar um narrador por bairro (exceto o bairro das Águas Negras, que não entrou nesta pesquisa), considerando o volume e importância das histórias para a comunidade local e para os sujeitos envolvidos. As narrativas relatam diversos acontecimentos: festas de santos, origem de Icoaraci, danças, lendas, causos, comportamentos, manifestações populares, ruas, situações de trabalho, infância, brincadeiras, tradições. Lembranças diversas oriundas do imaginário, das vivências e da realidade dos sujeitos e que foram compartilhadas na dinâmica dos encontros.

⁵⁰ Ewald, 2009, p. 26

⁵¹ Ewald, 2009, p. 27

Do material gravado em 2005, alguns áudios ficaram comprometidos. Houve, também, mudanças e acontecimentos na vida dessas pessoas ao longo desses anos em que efetivamos as nossas pesquisas. Alguns morreram, como dona Nazaré do bairro Maguari. É a dinâmica da vida que não para. Bom é que dispomos dos registros orais, das imagens fotográficas e dos áudios de dona Nazaré.

Esta pesquisa retornará para os sujeitos participantes por entender que eles são os responsáveis pelo trabalho aqui apresentado e porque acreditamos na possibilidade de uma relação salutar e harmoniosa entre a academia e a sociedade. Relação fundamentada na ética e no compromisso com nossos lugares de morada e de origem. Comungamos, assim, com as afirmações de Portelli:

Recebemos tanto de pessoas e comunidades que não sentiremos nosso trabalho concluído, enquanto não entregarmos seus resultados àqueles que foram responsáveis em viabilizá-lo [...] Sentimo-nos muito mais gratificados ao devolvermos objetos a eles do que eles por recebê-los (constatação que novamente demonstra que o comportamento ético às vezes beneficia mais o pesquisador do que o entrevistado).⁵²

É desafiador estar bebendo na fonte da cultura desse local tendo como instrumento a oralidade. Ela é corpo, conteúdo é a essência do ser, transmitido pelo corpo, voz, olhar, gestos, elementos que compõem a ação da oralidade, da comunicação com o outro. Como ênfase no que acreditamos ser esta pesquisa, registro abaixo as afirmações de Ecléa Bosi em seu belíssimo trabalho com o tema em questão finalizando este subtítulo:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos principiaidos pela sua voz. Tiram segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 2004: pp. 90-91).

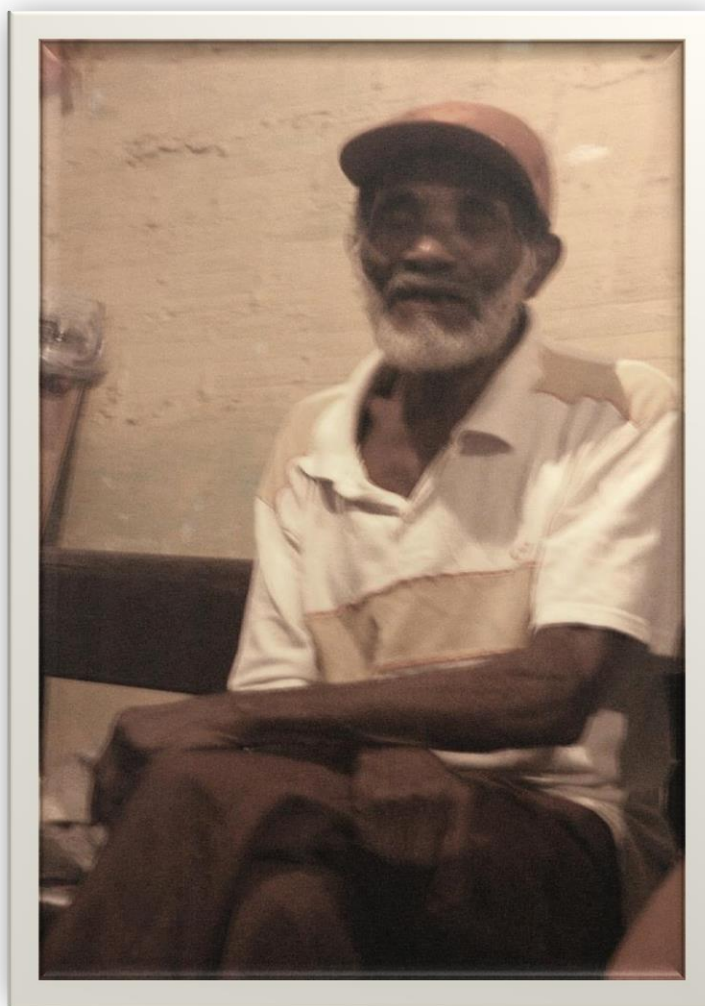
⁵² PORTELLI, 1996, p. 30

2.2.1. SEU CIPRIANO. É a Matinta, o Barro, a Cerâmica Icoaraciense... No Paracuri Era Assim.

Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavando, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.

Guimarães Rosa⁵³

FIG. Nº. 16: Seu Cipriano, oleiro, ceramista e contador de histórias nato. Morador do bairro Paracuri. Sede da igreja N.S. do Livramento.



(Arquivo MOVA-CI. Werley/2005)

⁵³ (ROSA, em Grande Sertão-Veredas, 2001, p. 115).

Essa citação nos faz lembrar seu Cipriano, com fios de memórias, fleches que vão e vêm. Lembra a infância, chega até a idade adulta, volta para a juventude. Passam pelos lugares em que viveu, as pessoas com as quais conviveu, as experiências adquiridas e repousa em Icoaraci. São lapsos de memória, de uma trajetória de mais de 80 anos. Os vocábulos utilizados revelam regionalidade... percebemos o cuidado no manejo das palavras, a dicção vem carregada das entonações do caboclo amazônico. Tudo isso conferiu a esse contador um brilho especial na sua performance de narrar.

Seu Cipriano é um dos sujeitos da nossa pesquisa. Já falamos dele. Agora, no entanto, vamos transcrever depoimentos em que a personagem se revela como performer e narrador. Apresentamos, primeiro, dentre as narrativas arroladas, esta primeira que, para efeitos didáticos, vamos nomear de “Paracuri”

Cedemos, de agora em diante, a voz ao narrador:

PARACURI⁵⁴

No Paracuri tinha muita coisa, eu sei tudo de lá pra cá. Da cerâmica do céu, sei quem descobriu a cerâmica, as caravelas, as primera imigração. A pessoa que sabe um pouco de desenho foram se aperfeiçoando, né? Aí, surgiu a cerâmica marejoara, a tapajônica. Eu não pude mas trabalhar... Tinha gente pra fora pra fazer artesanato. Era o maior derrame era isso aqui. Se as pessoa não saísse daqui pra fora, isso aqui tava pegando fogo, era o maior garimpo do mundo era esse aqui, era a cerâmica saindo pra fora, mandaram muita gente pra fora pra fazer cerâmica. Eu acredito que seja assim.

Bem, a olaria mais antiga que tem aqui é do espanhol, a mais antiga. Aí, eu acompanhei lá o velho, o meu irmão, mas antes do meu irmão já tinha o pai dele. Era logo aqui atrás (na 7ª Rua ou Dois de Dezembro), era a mais antiga, depois, veio aquela dos Noruega não foi?... depois, veio a do senhor (se referindo ao seu Rosemiro, mestre ceramista). Então, então diz a gente, fomo se evoluindo. Sempre acompanhei o crescimento do barro... daí pra cá eu venho descobrindo o segredo do barro. Você sabe que uma ferida de diabete é difícil de sará, eu já consegui sará a ferida. A gente faz o remédio de graça né, mais quando funciona ai é grana, grana.

Tava careca; aí, tava no barreiro peguei o barro, aguei bem o barro e passei, ele faz crescer o cabelo; aí, todos os cabelos dela caíram, ela me apareceu aqui, “o doutor me mandou aqui com o senhor”...

⁵⁴ Paracuri, localizado entre os igarapés do Uxi, Paracuri e Livramento. Nome do bairro de Icoaraci onde predomina produção da cerâmica icoaraciense, cujos grafismos foram herdados da cerâmica tapajônica e marajoara. São produções com fins utilitários, comerciais. Por volta da década de 90 via-se por toda a extensão do bairro muitas cerâmicas. Quase todas as famílias tinham uma olaria em sua residência, onde dividiam o espaço físico entre moradia, olaria e loja com exposições para venda das produções, (seu Cipriano é uma dessas pessoas, sua residência simples dividia os cômodos entre moradia e olaria). E todos os membros da família trabalhavam nesse ofício. A partir do declínio da cerâmica e o crescimento comercial do bairro, junto com o mercado informal, consequência das mudanças nas relações de trabalho e de comércio, a paisagem geografia modificou-se. As cerâmicas e olarias quase que desapareceram, no lugar surgiram prédios comerciais, os ambulantes ocuparam as ruas, as famílias produtoras da cerâmica, em sua maioria, foram desaparecendo por diversos fatores socioeconômicos e culturais, algumas conseguem resistir bravamente. Por isso a importância dos registros orais, escritos e fotográficos desse bairro.

As falas de seu Cipriano em relação à cerâmica são bastantes críticas e temporais. Ele se anuncia como um profeta dos ensinamentos da cerâmica, sabe tudo, do céu a terra. Presume o que aconteceria no futuro com a cerâmica icoaraciense caso não tivessem saído para outros estados em busca de emprego levando seu ofício. Ele tem razão, pois o tempo mostrou que de fato, hoje o bairro do Paracuri tem pouco espaço físico, social, ambiental e comercial para este saber, que vai sendo substituído progressivamente por atividades comerciais mais lucrativas.

Fala de seu trabalho como oleiro no barreiro (tirar barro do igarapé Porto do Uxi para a produção da cerâmica). Esse relato é importante, porque, assim como ele, muitos moradores do bairro viviam do trabalho da cerâmica, com diversas funções que poderiam ser executadas. O narrador cita as olarias em que trabalhou. Algumas delas não mais existem... Outras resistem ao passar do tempo, reagindo contra o aumento comercial e populacional desenfreado do bairro. Acabando inclusive com o igarapé do Porto do Uxi e em situações precárias de higiene, estrutura física, organização e logística para expandir esse comércio.

Como oleiro, conduzia o barro por uma embarcação chamada ‘batelão’, ele, Cipriano, diz saber tudo desse elemento da natureza, o potencial medicinal que ele tem. Aqui se percebe o poder de cura que existe na natureza e a relação de fé do sujeito que pouco recorre a medicina oficial.

TRAQUINAGEM DE MENINO

Nesta narrativa revela-se o potencial performático do narrador, muitas vezes anunciado por nós durante esta escrita. Seu manejo com as palavras, com os gestos, as pausas vocais, o riso e a consciência de quem estar em cena e chama atenção para si e prende o ouvinte/observador com sua performance narrativa:

É vou dizer logo aqui e vocês vão achar graça logo. Quando eu vim do interior, nós andava, prá estudar, nós anda dez hora de canoa. Quando foi um dia, saiu uma cobra lá do igarapé; aí, quando nós vem de tarde, a cobra voltou atrás de nós, cobra grande, assim (mostra a cobra), dessa artura assim. Aí, nós ia, ia eu, dois primo e uma prima, pra remar mais é que as mulheres viram aquele bicho vindo, elas esmoreceram no remo, aí, eu disse “Luis respeita Januário”, é que o nome do meu primo era Luis.... essa entrevista vai ser uma graça. Aí, o bicho vinha, uma cabeçona enorme, aí, eu disse Luis não dá tempo de nós encostar, encosta no mangar, encosta no mangar. A raiz do mangue ela tem um tronco que parece uma caminha, então amarremo a canoa então ficamos no mangar, agora o que dá de maruim no mangar, o bicho é pequenino mais entra no casco da gente, aí, as menina.... e vão arrumando as cama de vocês, peguei lama e tacava, e tacava, ilamiei tudinho que só ficava o zolho delas pra fora, aí, eu falei pro Luis me ajude a lamiar as menina que é pra sossegar no mangar. Aí, passamos a noite no mangar, era alumiar e deitar e o bicho só levantava a cabeça. Aí, me bateu um arrependimento, eu disse: “quer saber eu não vou mais estudar, vou

corre só mano, eu vou correr só? Disse pra eles não esmurecerem. Aí, nós remamo, o casco era grande, quando amanheceu nós chegamo. Quando nós chegamo, nós vinha parece aquelas coisa só barro. Perguntaro o que era aquilo eu disse que a cobra tinha nos deixado preso no mangár, nós nem durmimo no mangar, a cobra botou nós prá correr. “E olhem, vão ficando por aqui, que eu vou toma um banho bem bacana e me vê uma passagem que eu vou me embora prá Icoaraci”. Aí, arrumei uma passagem vim pra Icoaraci. Aí, eu formei a viagem de lá prá cá. Agora eu trabalhei na construção, trabalhei no conjunto Guará.

AS COBRAS

Nestas narrativas, também ele se comporta como sábio, ensinando como lidar com as traiçoeiras e venenosas reptéis. Mas sua lembrança se quebra com fatos do presente. Vejamos:

Ela mora naquelas terroadas, ela fica dentro dos buraco, que os carapanã fica voando, aí, se ela sai e aquilo não tive se mexendo, ela tá viva. E é um bicho que marisca a noite, quando dá cinco horas, cinco e meia, quando bater o claro do dia ela sai, se chover mais cedo ela sai, se fizer uma tarde bonita ela só sai depois das cinco e meia. Aí, ela vai, é arriscado esse horário no mato, a lenda do mato eu sei! Tem muitas, é só sentir o pitiú dela que encontra. Tem a papagaia, ela é uma cobra amarela, ela fica no galho do cacauero... tem muitas, você precisa revisa toda aquela área que você vai trabalha. Eu não pude mais trabalha.

O ENSINAMENTO DA PEDRA.

Quanta sabedoria empírica este narrador imprime em seus relatos! Os presentes nas rodas de conversas ficavam de queixo caído ao ouvir seu Cipriano. Muitos queriam até aprender com seus ensinamentos. Este relato que segue é extremamente filosófico.

Lá no quintar de casa tinha umas pedra grande assim. Ai, a minha avó dizia “minha filha dá banho nele em cima da pedra, dá banho no teu filho em cima da pedra”. Ai, elas perguntavam: “por que mamãe?”. “Porque a pessoa que toma banho em cima de uma pedra, duram muito, porque a pedra cresce em milímetros, mais cresce”. Quando fui no interior vi a pedra que tomava banho tava enorme, eu digo “Ô beleza, era aqui que eu tomava banho”... É uma façanha, né? É uma façanha... Ela vai passa pra construção, mas se ela tiver num lugar e se não mexere com ela, ela cresce sem para.

O EMPREGO

A busca por emprego digno que muitos jovens, oriundos do interior para a cidade precisam buscar, era, e ainda é uma realidade. Mas este narrador vivenciou uma situação hilária, poderíamos assim dizer:

O finado Januário.... disse: “tem uma vaga lá na Beneficente de campanário”, mas eu achei aquele nome tão bonito, eu gostei, adorei. Quando eu chego lá na Beneficente Portuguesa, tem uma escada de sete degraus, me deram um pinicão grandão com duas alça inorme, fedorento, fedorento, mas eu disse “eu vou né, eu vou”. Tinha que desce com o pênico cheio de merda fedorenta, fedorenta. Quando eu vou descer escorreguei e o pênico ficou prá trás, me derramei todo, fiquei cheio daquele negocio, vinha me dando banho. O coisa horrível! Aí, eu vim, cheguei.... me arranja um pedaço de sabão pra me lavar; aí, eu me desgostei daquilo sabe; aí, eu fui lá com a minha prima e disse que tinha tomado um banho daquela coisa fedorenta que não queria mais, se não tinha outro

serviço pra eu fazer, ela disse que tinha, que eu podia ajuda a serra ferro, ela ia me levar com o rapaz que eu ia aprender como era que fazia. Daí pronto, eu fiquei amolando faca, alicate...

Lidar com a palavra é lidar com o impalpável. O mundo das palavras é um território escorregadio. Uma experiência relatada, por mais real que seja, ganha o status de ficção. No entanto, a ficção, à sua maneira, abarca o real. Como pesquisadores, temos plena consciência de que

(...) o trabalho com narrativas está sempre, e inevitavelmente, relacionado à problemática da experiência. Segundo essa perspectiva, da qual compartilho, uma das principais maneiras que o ser humano teria de manifestar, comunicar e até mesmo compreender a experiência seria colocá-la sob a forma narrativa. Essa “forma”, entretanto, envolve tanto a colocação de palavras em estruturas inteligíveis de significado quanto a organização de uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida (Luciana Hartmann, 2005, p. 126).

Uma história é sempre tecida de muitas histórias outras que se entrelaçam, integral ou fragmentadamente. Essa é, como pudemos observar, uma longa narrativa. Seu Cipriano mistura histórias de Icoaraci com a de sua vida pessoal antes de chegar na Vila, e com o que ocorreu quando ainda era Pinheiro. O narrador, porém, não cita esse nome, mas Icoaraci. Vemos que não há uma sequência ou marcações cronológicas precisas em seus relatos. Mas isso não se faz imprescindível, tampouco tira o brilho do ato de narrar. Talvez a veracidade dos fatos seja até duvidosa, mas para o estudo em questão, essa verdade não é imprescindível.

Sua performance é carregada de gracejos, eivada de humor, cheia de descontração. Tem a postura de um contador de história, daquelas histórias de carochinha, comparado com nossos velhinhos vovôs que contam as histórias para acalmar a criança. Diante do público ele quer “aparecer”. Sim, aparecer, ele é o artista, é o centro das trações e se comporta como tal, como os relatos e sua postura corporal comprovam. Prepara uma performance mental para apresentar no momento que for solicitado. Seu figurino composto de calça branca, camisa floral e chapéu/boina no centro da cabeça, sapato polido especialmente para aquele momento. Sua pele negra evidencia sua origem.

É interessante observar que seu Cipriano não narra nenhum episódio relacionado à história dos negros ou seu envolvimento com o tema. Parece que há, nesse sentido, um corte proposital em suas reminiscências. Como explicita (Lowenthal, 1998), “A necessidade de se utilizar e reutilizar o conhecimento da memória, e de esquecer assim

como recordar, força-nos a selecionar, destilar, distorcer e transformar passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente”.

Ele narra todas as suas vivências, as experiências de trabalho, amizade, superstições, medos, ousadias, atos de coragem. São relatos riquíssimos, capazes de encantar e envolver o ouvinte. As credences populares permeiam o relato: “Porque a pessoa que toma banho em cima de uma pedra, duram muito, porque a pedra cresce em milímetros, mais cresce”. Ficávamos fascinados ao ouvi-lo. Não era uma simples narração. Era uma representação, uma performance. As histórias relatadas encontravam eco em nossas vivências.

Na sequência, ainda sob a batuta do seu Cipriano, orquestrando a sua narrativa polifônica, uma vez que, além da sua, é composta por diversas outras vozes, algumas, inclusive, dissonantes, temos um texto relativamente longo, cujo título é A MATINTA PERERA. A voz, fazendo uso da memória:

A MATINTA PERERA

Elas moram tudo aqui no Paracuri, são duas. Quando eu estava no barreiro eram dez homens. Viraram uns paus em cima das vala e eu falei “quem são dos homem que vem cortar esses paus aqui?” Dez homem! Ficaram tudo calado. Eu disse “olha nós temo que sair de lá horas de três e meia da madrugada pra amanhecer aqui, que a maré dá dez horas. Prá cortar quatro paus assim grosso assim (gesto), tinha que cortar com galho pro batelão passar. Aí, ninguém respondeu eu disse “eu venho amanhã”. Aí, umas nove horas eu fiz o café, botei na garrafa e o relógio despertou, deu três e meia tomei um gole de café e avuei prá lá. Quando eu chego no rio eu vi, uma apitou atrás e outra na frente. Aí, eu disse “ai vai ter”. Aí, vai da experiência da gente que tá acostumado prá ancorar. Aí, eu entrei no igarapé. Quando eu cheguei no igarapé tinha um pau caído assim, eu encostei o batelão quando vi lá vem, arriou bem pertinho de mim, mas bem perto mesmo! Assim parece um avestruz. Aí é que meu corpo começou..... A minha filha, se a Matinta Perera apitá e se tiver acompanhado todos dois, você não tem medo, mas se apitar só pra uma pessoa assim num ermo de umas horas, aquilo corre um frio na pessoa.... O negócio é feio, é feio, é feio! Tava tudo grande!

Aí, quando eu trabalhei nas mina, aqui em Caçue, um senhor disse: “olhe, se gosta muito de andar no mato?”. Eu disse: “gosto. É o meu charme é andar no mato. Aprendi com meus avós e...”. Aí, ele me disse “pegue um terçado ou uma faquinha e meta assim (gestos) e aperte com os dente. Aquilo é rápido que fica normá”. Nisso que eu tava com (?) bem aqui, sentado no (?) do batelão, peguei botei aqui (gesto) escutei fiiiiiiiiiiiiiti!

Eu fiquei, “mas quem será essa Matinta Perera?”. Aí, eu fiquei, fiquei pesquisando, fiquei pesquisando. Quando foi um dia eu fui pro barrero. Aí, ela disse “ah, nunca mais você veio pesquisar em cima dessas Matinta Perera (gestos), já muitos meses. “A mais não vá contar. É eu e fulana. Nós tinha chegado do Marajó.” (disse ela).eu disse “mas naquela época vocês já vinham do Marajó? Ô caramba! O avião de vocês é muito rápido né? Aí, nós tivemos batendo um papo né? Aí, ela disse: “não vá dizer prá ninguém”. “não, não vou dizer, mas não faça mais isso, tá fazendo medo pros outro”. Aí, ela disse “tá, eu não vou mais fazer isso, mas não conte pros outros. Aí, eu sei que é assim, eu fiz um acordo com elas né? Porque tem isso. Lá no nosso interior eu tinha um primo que ia lá pra São João da Ponta, quando ele vinha de noite, elas apitava e ele chamava muito nome prá ela, muito nome prá ela. Acredite! E lá tinha muita bacabera. Aí, sabe o que elas fizeram? Elas deram uma pisa nele com

aqueles vale de bacaba. Dessa pisa que elas deram nele, não levou vinte e quatro horas, ele morreu. Uma pisa de Matinta Perera é horrível. Se mexer com ela.

A senhora por exemplo, uma filha sua, se a mãe dela virou Matinta Perera e ela não sabe, porque ela aguenta aquilo num grande mistério né, aí, então ela diz “minha filha me dá essa tua filha pra morar comigo?” Aí, ela vai ensinar pra sua neta. A senhora não tá sabendo. Aí, ela ensina, ensina, quando dá fé já está virando.

É um pássaro, vamos dizer que ela ficou assim parece um peru. Ela ficou em pé assim (gestos), parece um peru, aí, meu corpo se arrepiou todinho. Ela se vira em tudo, em boi, em cavalo... Aí, quando se vê aquele negócio assim fungando, eu queria pegar na perna mas não podia, aí, como diz a gente.... agente fica tudo inchado rapá. Mas é uma coisa horrível, tem uma passage que a gente perde até a mente de tão ruim. Quando eu peguei o terçado, me lembrei, peguei o terçado, me lembrei que mordi aqui, aí, ela assobiou fiiiiiitiiti, lá pro rumo do Porto do Uxi!

A Matinta Perera é uma figura tradicional no imaginário amazônico. Há, dela, diversas versões. É um ser mítico e, como tal, interfere de diferentes formas no universo das pessoas, principalmente nas regiões periféricas. Esta narrativa do Seu Cipriano apresenta alguns elementos que nos demonstram a relação do narrador com o ser encantado, a reação do corpo, as estratégias e curiosidades para descobrir quem era Matinta Perera, a reprodução do som temido que este ser emite quando está por perto. É relevante observar que este ser encantado do nosso imaginário amazônico, com variantes, possui características comuns: mudam o lugar e o falante, mas as descrições deste ser são quase sempre as mesmas: o assovio ensurdecedor, o tabaco e o café, alguém (uma velha), das redondezas, (as do relato de seu Cipriano eram duas amigas que apareciam no barreiro, onde uma delas atraída pela mandinga dele apareceu e revelou o sua identidade, e da outra, mas lhe pediu segredo, pois não ficariam bem vistas na comunidade). Ele também caracteriza a Matinta, como ela é fisicamente, ‘um pássaro, parece um peru’; e salienta que não é um ser bem quisto na sociedade, pois que as famílias temiam por suas filhas moças que poderiam receber o ‘fado’ da Matinta através de uma velha que lhe jogaria a maldição.

Na próxima narrativa descreve sua aventura junto com sua esposa dona Roberta, não a chama de esposa e sim pelo seu nome próprio junto com o pronome de tratamento ‘dona Roberta’. Queriam chegar à festa mais aquela “Bola de Fogo” não deixava. Esse ser misterioso, aparece em outros relatos dos moradores de Icoaraci, em outros bairros. Ela, de acordo com a descrição dos mesmos, é uma espécie de ser itinerante, que passa por vários bairros e quase todo mundo havia visto a “Bola de Fogo”, e quem não viu tinha o temor de encontrar porque era feia e fazia mal para as pessoas.

Eu com a minha senhora nós morava logo ai, tem a olaria do Espanhol nós morava do outro lado. Aí, nós gostava de festa que só. Aí, quando nós viemo por cima da estiva né? Eu tenho o costume desde quando eu trabalhei quatro anos na Beneficente, quando eu ia lá (...?). E lá a gente

não podia andar na estrada sem olhar prá traz porque era muita onça. E a onça é muito traçoieira, ela pega mais a gente de costa do que de frente. Agora é um bicho que quando ela tá de barriga cheia ela passa perto da gente e... Mas quando ela tá com fome Deus me livre. Aí! quando vinha baxando aí na Jari, Dona Roberta (esposa) já vem perto duns paus grande que tinha ali, que a gente lavava os pé por cima da estiva, eu olhei pra trás e vi uma luz, é... naquele tempo ainda tinha a luz do trem que vinha pelo trilho, uma luz parece um cigarro, era da barra elétrica. Aí, eu olhei e vi aquela bola de fogo assim (gestos), aquela tocha. Aí, eu disse Roberta, (...) bora prá cá (segredando). Ela disse: “rapaz que é isso?” Eu disse: “olha tira o sapato, tira que eu já tirei o meu!... Vamo si mandá! Vamo, vamo, vamo!” Aí, nós vinhemo, dobremo no canto da Caçuleta, né? Dali da dona Raimunda; aí, nós corremo e aquela tocha imensa em cima de nós, e, aqui, antigamente, tinha uma árvore de castanheira que varava e dava prá lá, numa sapucaieira. Aí, que eu bobiei tudo puxando ela, chegemo bem aqui no canto da igreja. Já tinha a igreja. Aí, a bichona já tava na frente, aí eu fiquei espiando. Aí, ela foi lá prá Castenheira, quando dei já tava vortando e a Roberta já vinha de lá prá ver. Aí eu disse “Roberta, pelo amor de Deus, vá s’imbora! Aí, ela já vinha atrás de nós de novo. Aí, nós corremo, ficamo escundido, ali no barracão da olaria. Aí, ela passou prá trás de nós, aquela roda de fogo, uma roda desse tamanho de fogo (gesto). Ah! Rapaz! Aí, nós corremo, se tranquemo dentro de casa. Aí, eu disse: Roberta, vamo dexe isso prá lá e vamo dança, se não a gente só ia dançar na vesperar, né?... Que começava as duas horas da manhã e terminava às cinco.

Como vimos seu Cipriano mistura os fatos, as personagens, tocha, onça. Mas é interessante perceber como ele retoma o assunto da tocha de fogo para concluir sua narrativa. Faz apenas uma observação afim de, enriquecer seu relato.

A terceira e última narrativa desta personagem merece transcrição por se referir a um acontecimento que não mais existe no contexto sócio-urbano-cultural da cidade. As quermesses na Vila de Icoaraci foram durante muitos anos festas em que se aliavam o social e o religioso. Atraíam centenas de pessoas. Era acontecimento esperado por todos, não só porque mudava a rotina da localidade, mas porque eram eventos que traziam retorno financeiro para a paróquia e para a comunidade. Todos colaboravam doando algo para venda ou para leiloar. Essa atividade aparece em outros relatos dos bairros. Com muita animação, havia de tudo: leilões, vendas de comidas, bebidas, música ao vivo. As organizações sociais da Vila tinham suas noites, cuja organização ficava sob suas responsabilidades. Vejamos o relato a seguir:

QUERMECE DO LIVRAMENTO

Vim andando por cima de estiva. Tinha noite do Matapi, tinha a noite do Santa Rosa, tinha a noite do Guará, tinha a noite do Pinheirense, tinha a noite da Conceição, nera? E era animado, isso era cheio de gente aqui, mas muita gente. Aí, tinha o Leilão ne? Mas rapaz era muito animado isso aqui!...

Hoje não existe mais esta atividade social religiosa nas igrejas dos bairros de Icoaraci.

Interessante notar os detalhes do texto oral. Minucioso, lírico, cadenciado, sequencial, enumerativo. Diversos acontecimentos se encadeiam harmoniosamente ao

sabor da cadência narrativa. Comentando sobre este último depoimento, temos a esclarecer que o local, antigamente, era completamente alagado pelas águas das chuvas, favorecido pela estrutura da paisagem. Os rios, por sua vez, contribuíam com as enchentes. Principalmente no inverno. Para se locomover, só andando sobre paus, ou seja, sobre as estivas emergenciais e precariamente improvisadas. Como vimos, é uma narrativa curta, subjetiva, em primeira pessoa. Pelos motivos já apresentados ela merece destaque. Vamos por partes. A noite do Santa Rosa refere-se a um Clube de Futebol que não mais faz parte do contexto da cidade. Só a sede ainda persiste, porém abandonada... A noite do Guará faz alusão a uma apresentação de pássaro junino, que, também, infelizmente, só existe nos relatos.

Infelizmente, hoje, a personagem, por conta dos anos avançados, não consegue mais concatenar coerentemente suas narrativas. Lacunar, o discurso se fragmenta. Ele, sem dúvida, é uma testemunha, ainda viva, de um passado que não mais existe. Sua narrativa bela, clara, rememorativa, no entanto, o imortaliza e nos faz lembrar do seguinte enunciado de Miranda, (2007, p. 10):

Bom seria se o Tempo não fosse visto como um inimigo e pudéssemos abraçar as rugas e calvícies com a mesma ternura com que seguramos a mão de uma criança. Entender a vida como um corpo único talvez fosse um meio de alcançarmos a eternidade, então entenderíamos o Tempo não como algo a ser combatido, mas como um amigo grande que nos abre as portas para a sabedoria.

A afirmação anterior nos introduz para falar de nosso próximo sujeito da pesquisa. Uma senhorinha que não mais está entre nós no presente. Agora ela entoa suas toadas de boi para os anjos, borda as roupas dos serafins com lantejoulas, miçangas, plumas, penas e paetês para as festas no céu.

2.2.2. DONA NAZARÉ (Ama Do “Boi Resolvido”). Moradora do bairro Furo do Maguari. (falecida em 2011). Comédias, folias, lantejoulas, Visagens e festa de boi. O trem chegou! O Furo do Maguari brincou!

FIG. Nº. 17: Moradora do bairro Furo do Maguari, Mestra, Ama do ‘Boi Resolvido’. Faleceu em 2011. Sede da Olaria Esporte Clube.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/ 2005)

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justa posição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. [...] Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer (NORA, 1997, Vol. 2:2226, apud Gonçalves, 2011, p.34 - (grifos meus).

Dona Nazaré, senhorinha de traços femininos singelos, de olhar cabisbaixo, gestos tímidos e voz carregada de regionalismo. Sua narrativa é curta, mas de muito significado para a pesquisa e importância para o bairro que morava, Furo do Maguari e para Icoaraci. Dona Nazaré faleceu em 2011, deixando seu patrimônio imaterial herdado de sua mãe, e passado para seus filhos. O ‘Boi Resolvido’, cordão de bicho que por muitos anos foi conduzido por esta ‘Mestra da cultura’. Desta ‘brincadeira’, como costumava dizer, era

AMA, pessoa responsável pelo boi, figurinista, escritora da comédia,⁵⁵ bordadeira, compositora das letras da música da batucada. Ou seja, com seu saber empírico criou uma manifestação junina em Icoaraci, que, mesmo depois de ela ter falecido, continua existindo por meio de seus filhos e netos. Antes de morrer, como seu relato nos mostra, teve o prazer de ver o “filho” do Boi Resolvido, o “Vidinho”, ganhar vida e as ruas de Icoaraci pelas mãos de sua filha Chandoca.

Na fala de D. Nazaré percebe-se a identificação de sua pessoa com aquele espaço. Sua memória recorda vivências suas e de outros moradores; as traquinagens de criança no trem ‘Maria Fumaça’. O temor que o bairro causava “Aqui o Furo era horrível”. As visagens, tão comuns nos bairros de antigamente e tão recorrentes nas falas dos mais velhos. Isso se deve pelo vasto imaginário amazônico que tinha como pano de fundo as paisagens desses bairros, pouco habitados, com muita vegetação e ainda sob a luz de lamparinas. Ambiente perfeito para esse imaginário expresso pela narradora.

Sua performance narrativa, diferente de seu Cipriano, ocorreu de maneira tranquila, conduzida pela quietude de sua personalidade, senhora de meio sorriso, poucos gestos, palavras pausadas, entonadas com pouco esforço, com certa solenidade, mas olhar penetrante e observador.

O progresso é identificado na sua fala como algo bom, que trouxe melhorias para o seu bairro, uma vez que todo o Furo do Maguari era chão de estivas em decorrência dos terrenos alagados pelas águas do Rio Maguari, que rodeia todo o bairro.

Nesse bairro, o meio de trabalho da época era a matanças de boi. Existia um matadouro cujas histórias orais são muitas e vêm envoltas em imaginários fantásticos, mas também em fatos reais. O xeém⁵⁶ espécie de trabalho clandestino decorrente dos bois que caíam das embarcações que traziam os animais para a matança no “matadouro”; também chamado de comercio do “Boi caído”.⁵⁷ Por conta dessa característica, as ruas estreitas do bairro ganharam nomes que fazem referências ao trabalho ali desenvolvido. São elas:

⁵⁵ Texto dramático que narra a saga de um boi destinado a morrer e ter sua língua cortada por causa da personagem chamada “Catirina”, que por esta grávida a desejou. Entorno desse fato se desenrola o enredo. Muitas influências culturais estão presentes no drama através das personagens. A miscigenação é característica principal desse enredo, onde personagens amazônicos, europeus, africanos se misturam em prol de salvar a vida do animal. As classes sociais também são evidenciadas na narrativa, onde o branco de classe alta, dono de fazenda, tem o domínio em todas as esferas da vida da comunidade dos demais personagens. No final o boi é salvo, Catirina é presa junto com o matuto. Há influências dos contos fantásticos, europeus, contos de fada no enredo.

⁵⁶ Xeém advém do barulho que os urubus, ave de rapina típica dos céus da capital paraense, “xeém, xeém, xeém”. Denominação dos moradores ao comércio do “boi caído”. Onde vendiam e compravam as vísceras, a carne dos bois que caíam nas águas do Rio Maguari antes de chegar ao matadouro.

⁵⁷ Livreto “Café com Pupunha em contos” MOVA-CI, s/d, pp.10-11.

‘Volta da Tripa’, ‘Rua do Matadouro’. O nome Furo do Maguari é por se tratar de ruas que geograficamente, vão estreitando na direção do Rio Maguari. Ou seja, tem o formato que lembra um funil.

O Furo do Maguari ficou conhecido como o bairro das manifestações populares. Por lá, ainda se veem e ouvem-se ladainhas em latim, brincadeiras de bois, bichos, festas de santos, mastros, campeonatos de futebol, escola de samba (por exemplo, a Associação Carnavalesca/ Escola de Samba Mocidade Olariense), junto com as mudanças do tempo presente.

Segue a transcrição narrativa de dona Nazaré, que se preocupou em relatar as mudanças de seu bairro e sua participação nos episódios narrados.

Alí, onde é a quadra, alí era um cafezal da finada Lurdes Braga, lá professora Wilma fez lá um negócio... eu sei que eu ainda brinquei na quadrilha da professora Wilma. A primeira quadrilha aqui do Furo foi da professora Wilma, e aí, eu não sei por que ela não botou mais né? (tinha nome ?)... eu não sei o nome da quadrilha.

A narrativa se reporta às festividades, às quadrilhas de antigamente. No decorrer do relato, notamos a presença das superstições. Seis horas... É o final do dia... É a hora das visagens, em que o imaginário corre solto. O sobrenatural, o fantástico faz parte da realidade desses moradores. Trata-se, como bem sabemos, de:

Um conceito central para a análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suporte, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído. [...] O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que concretamente não existem (PESAVENTO, 2005, p. 47).

É assim, esse Furo aí era horrível, (aponta em direção ao Furo do Maguari). Só era mato, como ali defronte, ali, agora aonde é o Moura, ali tinha uma árvore de piquiá, e seis horas ninguém podia passa mais ali, que quando não era um tapa que comia era um bode que berrava. Era, de seis horas em diante ninguém podia passa mais ali não. Era, no pé do piquiá. Ali, pra Volta da Tripa, tudo isso por aí era caminho e mato. Aí, eu sei que quando abriu tudo aí, a minha tia Sinhá, que festejava o Menino Jesus, que agora ficou na mão da nora (?), ela começou aí, numa casinha de barro; eu acho que seu Manoel deve se lembrar. E aí, né? Foi abrindo a rua, sei que foi evoluindo e hoje em dia está assim né?

Esse Furo era horrível, era uma mata, agora não. Agora a gente levanta a mão, quem vai nascendo já vai vendo, já tá uma cidade né? Não é mais como era. Quando eu me entendi, esse Furo era horrível. Olha, na véspera do casamento da professora Wilma, com seu Manuel Ribero. (riso) Eu me alembro, parece que foi ontem... Olha, teve o casamento da professora, eu disse assim: “eu vou já abelhudar”. A mamãe disse: ‘menina, para com as tuas arrumações, o que é que tu vai abelhudar?’ “Não, mas eu quero ir”. Aí, eu vim né? Depois, já tinham casado, já tava nos comes e bebes, que quando eu venho pra passa né, olha, apareceu dois home, dois home cabeludo, cabeludo, isso aqui tudo (gestos no local da barba), aquilo tudo barbado. Eu, aaaaaaiiiiiiii... (grita) Eu quero passar! Começava a gritar, gritar, que

quando a mamãe e os outros vieram me ver, olha, os home desapareceram ali, na hora... Ai defronte da tia Sinhá, foi. A mamãe: “tá vendo o quê faz? Isso é tu i abelhudar, não tem nada de ir abelhudar casamento dos outros”. Foi sim mana! Aqui, esse Furo era horrível. Olha agente apanhava sem saber de quem, era. Eu acho que era visagem, não sei não. Uma unhona feia, aí, eu comecei a gritar, até que o pessoal vieram: ‘o que é? O que é?’ A mamãe daqui que acendesse a lamparina, que viesse. Era no tempo da lamparina, não tinha luz elétrica era porronca, aqueles porroncão. Eu disse: “eu em mamãe”. “Mas tu não conhece?”... Mas como, que o home tudo cabeludo, o cabelo dele emendava com a cara dele. Só sei que quase eu morro, me deu febre, dor de cabeça... foi minina. Depois dessa arrumação quase que eu morro.

De forma que é assim né? Eu me entendi vendo muita coisa boa e agora tá bom, muito bom, mas tem umas coisas ai pelo meio, mas isso é da vida né? O pessoal não querem acordo. Olhe eu inventei esse boizinho ai, pra ver se os menino se animu pra brincar, melhor brincar do que sair pela rua. Eu dei a roupa do Resolvido, dei tudo do Resolvido pra ela, (se referindo a sua filha “Chandoca” que criou o boi ‘Vidinho’). Ai ela botou e tá tão bonito eles lá que vão sair agora.

(Agora, se refere ao ano corrente, 2005 quando no mês de junho a brincadeira do Boi Bumbá iria sair às ruas).

Ao fazer o relato, a narradora mostra vivacidade, imprimindo dramaticidade à narrativa, como esses acontecimentos sobrenaturais ganham forma, realidade e autenticidade nas comunidades em que vivem. Denunciam formas comportamentais em relação às crenças que permeiam os acontecimentos, acontecimentos que pertencem ao mundo natural, ao dia a dia das pessoas, mas que advêm de uma instância sobrenatural, diluindo, ou tornando mais tênues os limites entre as duas realidades, entre o real e o irreal.

O primeiro vereador daqui, que se virou por nós foi finado Manel Arapixi, então ele pediu uma estrada de ferro e outra de pau, então o pessoal avacalhavam ele né? Eu digo mas ele tá certo, tá certo porque não tem um ônibus, não tem nada então ele tá pedindo uma estrada de ferro ou então uma estrada de pau, sei lá, só sei que ele falou muito, nós dexemos. O seu Nilton Santos botou o primeiro ônibus, o nome do ônibus era Brasil, e ai era uma confusão, que todo mundo queria i de ônibus, ninguém queria anda de Maria Fumaça. Sei que foi evoluindo ai Icoaraci e eu, como de sempre pelo meio, quando era véspera de círio era assim: “quem é que vai tirar quadra?” “Eu tiro!” “Um borá!” Ai era aquela turma no trem Maria Fumaça pra ir pro círio. A gente ia cantando, cantando até chegar lá em São Braz, muito animado, muito bacana.

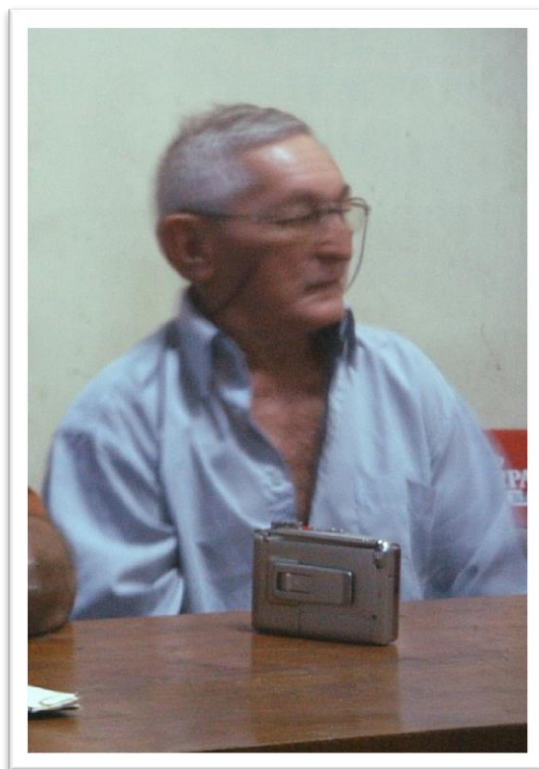
A política, nesses locais mais distantes, interfere no dia a dia da população. O povo vota em quem faz alguma coisa por ele. Nem sempre é o melhor candidato, mas há um comprometimento implícito com o político que presta algum tipo de assistencialismo. Há fidelidade para com o mesmo, que faz alguma coisa pelo local. Os fatos se entrelaçam, se misturando, mas, nem por isso deixam de ser esclarecedores.

2.2.3. SEU NELSON. (Bairro do Cruzeiro). Enterros, a guerra, o cemitério mais antigo, o Zepelim, o bode... lembranças e saudades do tempo do Pinheiro.

A memória não é menos residual que a história. Por mais volumosas que sejam nossas recordações, sabemos que são meros lampejos do que já foi um todo. Não importa qual vividamente relembrado ou reproduzido, o passado se torna progressivamente envolto em sombras, privado de sensações, apagado pelo esquecimento. (Lowenthal, 1998, p.74)

Outra personagem que faz parte de nossas pesquisas é o Seu Nelson. Vejamos o seu relato.

FIG. Nº. 18: Casa do Poeta Tavernard. Roda de conversa “Café com Pupunha”, 2005. Seu Nelson Ribeiro, participante dessa Roda.



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

Eu lembro do Pinheiro, daquela época que chutavam pedra de noite no escuro, não tinha luz por onde se andava. Era muito diferente. Eu cheguei aqui em 1944, só tinha o resto da Segunda Guerra mundial. Aqui, onde a gente tá, era um cemitério, o mais antigo da cidade. Tinha aquele chamado de “Val-de-Cães”. Só que era lá, naquele local onde é as pistas dos aviões. Eu mesmo antes de vir pra cá, nós morávamos no centro de Belém. Quando morria uma pessoa lá todo mundo era solidário. “Morreu fulano”, todo mundo conhecia todo mundo. A turma se reunia, trazia as tábuas, fazia o caixão. E aí, corria tudo, era brincadeira, era mingau, uma turma nova. E aí, justamente, o enterro era de manhã. O

que acontecia? Já estava reunido o pessoal que ia levar o remo no barco pra trazer o defunto, morreu o defunto, pra ir enterrar. Quando dava umas três horas da madrugada acabou o papo, vamos engatar o fulano no barco e remar e amanhecer aqui em Icoaraci, que na época se chamava Pinheiro. Quando sentava no barco era cada um com seu remo, e remo grande, porque era gente gordo. “Se for passar perto de comerciozinho compra pra mim uma garrafa de licor”. Mas o que tava lá na ponta disse assim: “não é pra parar mesmo!” Ele haja sentar o remo e só tirava quando chegava ali no barranco, porque era um barranco. A madeira usada pra fazer o caixão não era leve, a maioria era acapú. Quando pegava o caixão vazio já sentia o peso, quando colocava o caboco lá já viu. Ai nesse Pinheiro era um cemitério de velho.

Seu Nelson parece um vovô dos contos de fada, onde se pede “vô conta uma história?” E ele prontamente e, misteriosamente senta-se, e, com um ar de autoridade naquilo que faz: contar histórias conduzindo o ouvinte ao mundo da fantasia. Os fatos que narra não aparecem em nenhum outro relato, os relacionados com acontecimentos fantásticos, são parecidos mas não são iguais. Sua narrativa aproxima-se da escrita formal, o que faz com que as marcas da oralidade quase desapareçam. Ao contrário dos relatos anteriores. Mas as narrativas são preciosas para a história de Icoaraci tornando que tornam os registros dos mesmos relevantes.

As visagens são do tempo do Pinheiro, diz ele. Do tempo em que para enterrar o defunto tinha que atravessar o rio com o caixão em cima da canoa até chegar no Pinheiro onde se enterrava o morto. Tempo em que o Pinheiro, primeiro nome de Icoaraci, era pouco habitado, diversas vegetações predominavam pelas ruas.

ÔNIBUS

A gente ia pendurado no ônibus, Icoaraci todinho. Quando chegava lá no portão da aeronáutica que o cara dizia “passa, entra e fecha porta”. E aí, ele ia arrumar o pessoal lá dentro. O cobrador não ficava sentado na cadeirinha dele não. Ele ficava andando dentro do ônibus batendo um saco de moeda, cobrando. Era assim que a gente era cobrado naquela época. Ônibus Catalina nº 7.

ESCOLA CORONEL SARMENTO, JOGO DA RAPAZIADA, EMPREGO

Ele (o colégio) era de dois andares, ferro velho. Construíram o novo jogaram tudo pra baixo. Poxa, e o nosso? Não aproveitaram nem um pedaço.

Então, nós reunimos lá uma turma com a rapaziada da época, juntamos e fizemos um time, jogamos até no Santa Rosa, no Pinheirense. Fizemos a coleta que era pra jogar.

Eu quando cheguei aqui em 1944, tinha dezessete anos. Naquela época era tão ruim emprego. Aí, de manhã cedo já tinha os funcionários civil, a caçamba americana vinha buscar, uns caçambão, os braçal, pra fazer o grosso, pra construir aqueles armazéns, pra botar o material. Então de manhã cedo, se a gente por um acaso quisesse pega uma carona, pra não pegar ônibus, que era lá na base aérea, naquela época, a gente corria pra um caçambão daquele e ia embora. Uma vez, umas quantas vezes, eu tava desempregado e me levaram lá pro almoxarifado de armas, eles estocavam muitas armas. Passei uma semana trabalhando por lá, quando chegava de lá eles me davam umas latas com bebida, só coisa boa né?

Agora você ficava horrorizado de ver era a polícia militar. Umas três horas da tarde chegava um bucado de bombardeio fazendo aquele barulho, chega ficava surdo! Aqueles aviões tudo varado de bala, cada buraco assim (faz gestos com as mãos para mostrar o

tamanho do buraco). Outra coisa, como naquela época não existia a tecnologia que tem hoje, um bombardeio daqueles se encarregava oito a dez pessoas, cada um trabalhava com uma metralhadora, né? Hoje que o cara sozinho ele faz o serviço com tudinho, né? Naquela época se ele tinha dez metralhadora do lado, pela frente, por cima, prá baixo, era cada soldado tava lá, dificilmente quando chegava não tinha um morto ou ferido. Aí, no que eles aterrissavam já se comunicavam com a torre e aí, a torre que eles se comunicavam já tomava as providências, aí, já chegava a ambulância, já tirava a maca. Quase todo avião chegava com ferido. Tinha o cemitério onde era o cine Catalina, era só pra Americano. Era separado.

Naquela base onde passam os aviões, ali tinha um ângulo de ancorar o zepelim, ali ele ancorava, jogavam os cabo e ele era amarrado. Era um dirigível movido a gás hélio. Em baixo dele tinha aquela... justamente aquela aba pro pessoal subir. Aquilo tinha uma escada, eles soltavam uma escada de corda e colocavam uma corda e subiam por ela e desciam. Tinha dois motorzinhos pequenos que faziam ele andar. Tinham pessoas que carregavam o zepelim, era muito enorme. Ele tinha um problema que ele não podia dornar, tinha que viajar reto.

Os fatos lembrados por seu Nelson datam de uma época que para muitos seria melhor esquecer, apagar da memória (POLLAK, 1989), o fim da segunda Guerra Mundial. Ele relata suas impressões dos acontecimentos vistos e vividos por ele, como o desemprego, a escassez de alimentos, a morte de soldados vindos da guerra. Mas também sua memória recorda do dirigível da época, Zepelim. É o que nos demonstra a seguinte afirmação: “Certas recordações intensas parecem trazer o passado não apenas de volta à vida, mas à existência simultânea com o presente, fazendo-o parecer “mais do que o presente”, o qual tanto assombra quanto hipnotiza”.⁵⁸

PRAIAS, O ALEXANDRINA, HÁBITOS CURIOSOS.

Pouca gente... Tinha aqui das madeiras, essa feirinha aqui todinha era umas prainhas que a gente tomava banho. Era bonito, todo mundo tomava banho aqui nessas prainhas. Hoje em dia nós num vemos mais, acabaram com tudo. Era praia de areia. Da Souza Franco pra lá, ela se prolongava mais, porque era a famosa prainha, era maior. A praia das garças era depois da ponte metálica. Tinha aqueles estaleiros lá e tinha a praia da sumaumeira, que ficava entre Andradas e Berredos. Ai depois da Berredos tinha aquele praia, que vinha até no meio da Sousa Franco.

Não era tão larga quanto é hoje, era chão. Uma ponte de madeira. Tinha um navio chamado Almirante Alexandrino que vinha de Mosqueiro, toda tarde parava aqui. Era um Gaiola, inclusive ele encostava aqui em Icoaraci, Pinheiro, pegava a gente. Quando vinha de lá encostava de novo porque aqui não tinha estação nera? Aqui não tinha nada! Uma vez, de tarde, ele vinha de Belém, era férias, um aviador que tava assim num aviãozinho, num teco-teco, aí, uma nuvem bateu no avião e a asa bateu no Alexandrina e só fez pegar assim (gestos com as mãos) e pra dentro da água. Mas esse avião foi gente de todo canto procurar ele, mas não acharam nunca, nunca ele, em canto nenhum.

Tinham mangueiras atrás da igreja, da São Sebastião. Cheia de mangueiras, ia embora, lindas. Aqui perto da Souza Franco tinha os estaleiros, era cheio de estaleiros.

⁵⁸ Shattuck, Proust's Binoculars: A Study of Memory, Time, and Recognition in “A larecherche du temps perdu”, pp. 48-9; vide Shore, “Virginia Woolf, Proust, e Orlando”, pp. 237-41. (apud Lowenthal, 1998, p. 92)

Quase todas as casas tinham banheiras, eram cheias de banheiras, mas nem todas as casas. Se fazia uma barraca com uma banheira lá dentro. Todos tomavam banho de camisa, era muito engraçado e despertava a curiosidade de qualquer criança e adolescente.

Temos acima os relatos/denúncias das ocupações comerciais e industriais e moradias da Rua Siqueira Mendes (conhecida como 1ª rua), que era privilegiada pela vista para o Rio Maguari, antes dos estaleiros, portos e casas residenciais modificarem a paisagem. O que resta no presente são apenas as lembranças das praias, da vegetação, dos hábitos sociais da época do Pinheiro. Dona Maria Palheta também em seus relatos recordará essa época. É o que confirma Halbwachs, (1980, p. 23):

Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade. Ao contrário dos sonhos que são absolutamente particulares, as lembranças são continuamente complementadas pelas dos outros. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam sua emergência; acontecimentos que somente nós conhecemos são evocados com menos segurança e mais dificuldades.

Ele, assim como dona Maria Palheta e os demais narradores, sempre contavam com a memória dos outros participantes das Rodas, para validar as suas lembranças. Aqueles que vivenciaram o momento e fatos relatados pelo condutor da voz, concordavam com ele com gestos e palavras de afirmação, com que para rememorando suas próprias lembranças.

VISAGENS

Aqui passava um padre sem cabeça perto do cemitério.

No canto da São Roque com a 2ª rua, tinha um mangueirão velho que depois foi aparado os galhos mais embaixo e ficou uma ramagem que ela criou ali. Naquela época a Vila de Pinheiro se acabava ali na Cigana, ali tinha estrada que era da escola Maguari, naquela curva. Dali pra lá já existia o matadouro, ele já existia na época. O mato fechava por cima, de um lado e outro. Quando anoitecia, não tinha luz. Agora você já imaginou a escuridão que nem comparando, a estrela não penetrava ali. Era o chamado brejo, fechava, fechava por cima. Aí, eu tinha um colega, outro dia eu falando com a filha dele, ela nem sabia que eu conhecia o pai dela, Paulo Santos, ele é meu vizinho lá na Berredos.

Conheceu o Bilheira? Aquela senhora do Bilheira ainda tá viva, a dona Mundiquinha. É nossa vizinha lá na Berredos. Aquele Arthur, você conhece ele? A mamãe criou ele, ela era nossa vizinha e deixava ele com a mamãe. Ela trabalhava no Guará e deixava o garoto lá com a mamãe. Ele era o cão! Deus te defenda. Aquilo era o satanás vestido não sei do quê. Eu tinha uma raiva dele. Hoje fico olhando prá ele né?

Nesta introdução do relato, temos a reflexão de quem, aos setenta anos de idade aproximadamente, analisa seu passado e o compara com seu presente. Naquele era criança, suas atitudes eram consequências da idade; neste é adulto, idoso, seu olhar é da experiência, da vivência acumulada.

Continuemos o relato que descreverá a experiência do narrador com as visagens.

Bom, e aí eu e o Paulo, passando o matadouro, tinha uma curva e só tinha uma estrada, que tinha uma paredona de madeira, era um portão, porque ali também guardavam gado chamava-se a franqueira do matadouro. Aí depois foi se mudando um pessoal prá lá. Hoje é a rodovia que vai prá Outeiro. Ali, Deus-o-livre, ali era um matão danado. E nós arrumamos uma namorada prá lá, eu e ele. Então nós só íamos dia de sábado que tava mais folgado. Uma noite a gente vinha de companhia, de madrugada naquela escuridão, quando eu me desocuí já era quase uma hora da manhã. Aí meu camarada eu me mandei, cheguei lá na estrada do matadouro e falei “será que o Paulo já passou?”. Escuro, escuro pra caramba. E agora? Esperei por mais ou menos meia hora. “Não, o Paulo não vem, eu vou embora sozinho”. A meu irmão, passei por essa estrada, tô ti dizendo que o mato era fechado por cima e uma escuridão, chega a visagem fazia “fiiiiiite”. Daqui a pouco não tava mais nem na terra, se eu pudesse voar, o cabelo crescia, o desespero que fica dentro da gente, da medo né? Quando cheguei no canto da Cigana, ali no canto existia uma faixa que era uma taberna, naquele tempo era feito daquelas parede de itapi de pau e terra, onde tem aquela farmácia. De lá pra cá, até a sétima rua pro lado direito, só tinha umas três casas, eram aqueles quintalão de cinquenta metros. Aí, eu baixei o pé, desci pela São Roque direto, vim pegar aqui a segunda rua. As luzes que tinha, ali, passando o Avertano, era da Pará Elétrica, era um gerador com uma caldeira, ficava fumaçando. Então o que acontecia, ficavam uns posteinhos assim, da altura disso aqui (gesto da altura dos postes), nuns esteios quadrados de acapu, uma luzinha parecendo uma brasa, tinha nas esquinas uma luz, no meio da quadra tinha uma e outra só lá no outro canto, você ficava embaixo daquela luz, você não enxergava nada só aquele clarãozinho. Como o escuro era grande, dava um clarãozinho ali. Tudo escuro. Agora a rua, cheia de pedra, cada pedrão assim.

Esse relato sobre a aventura de seu Nelson com as visagens é bastante extenso, e se justifica porque quando alguém da roda perguntou se ele não ia falar do ‘bode’ pediu calma, pois que: ‘aquele arroteio era necessário’. Descreve, assim como seu Cipriano, as sensações que o medo da Matinta causa. Tudo cresce, o corpo não obedece o comando do cérebro, cada vez que se ouve o assobio e sente a presença do bicho. As mãos suam, o corpo treme, o suor é frio, perde-se o controle dos sentidos. No caso de seu Nelson, ainda tinha o bode, para lhe causar mais temor naquela noite de terror. O narrador, no entanto, retira de dentro de seu ser, tudo o que resta de coragem para chegar sua casa:

Aí o pessoal começaram a dizer que entre Itaborá e Souza Franco aparecia um bode de meia noite em diante. Bom, escute só a parada. Até enquanto que eu não via, eu não acreditava, nessa noite eu vim de lá uma hora e meia pras duas horas. Eu morava na Berredos, entre segunda e primeira rua, ali era uma descida grande de pedra. Meu irmão, quando eu peguei a segunda rua que eu fui pegando essa São Roque, rapaz quando eu ia chegando, aí, a Matinta Perera apitou. O pessoal já falava que ela fazia ponto aí nessa mangueira, eu digo é hoje. E ela apitava de quarteirão em quarteirão. Antes de eu chegar ela apitou, “Fiiiiiite”, eu digo é hoje! Mas não tinha por onde eu passar, que eu morava pra lá. Aí, eu fui, meti o pé, aqui ali chutava uma pedra, aqueles pedrão lá pelo meio da rua e fui embora. Na subida ela apitou “fiiiiiite”. Aí, rapaz... eu sei lá. Eu não corria mas andava ligeiro, nessa época eu tinha as pernas boas. Quando fui chegando lá na Itaborá já ia com a ideia que o pessoal me disseram que o bode ficava no meio da rua, entre Itaborá e Souza

Franco. Eu digo “é agora”. Ali onde foi a casa do prefeito, sempre dava uma família antiga, era um terreno grande, quase uns cem metros, era quase um quarteirão inteiro, era uma casa lá dentro e cercado de madeira de acapú, na segunda rua. Quando entrei nessa quadra eu senti a catanga do bicho, pronto “é hoje”. Aí, eu vim pelo lado do cercado, não vinha correndo, mas vinha andando, andando. Aí, quando aquela catanga do bicho forte, forte, forte. [...]

Esta narrativa de suspense que seu Nelson relata, é característico de pessoas que vivenciaram o encantado, que passaram pela experiência de ver uma “visagem”. É pertinente observarmos que o narrador em sua fala diz que todos os moradores comentavam que ali, no lugar descrito por ele, aparecia um bode depois das onze horas. Seu imaginário foi aflorado, seu corpo, seus sentidos também. Portanto, seu sistema nervoso e o psicológico foram desestabilizados, consequentemente o medo tomou conta da razão desencadeando todas essas emoções e sensações descritas pelo narrador.

Mas esta é uma explicação lógica, baseada na cientificidade dos fatos. Para nossos narradores que experienciaram o encontro com a “visagem”, têm outras explicações advindas claro, do saber popular adquiridos da tradição oral dos mais “velhos”. Isso ocorria com aqueles que não obedeciam às horas sagradas. Foram castigados, seu Nelson, dona Nazaré, seu Nonato, seu Cipriano, todos desobedeceram a seus pais, que como uma espécie de adivinhos/sagrados, os avisaram para que respeitassem a noite. Pagaram o preço por estarem ‘fora de hora’ na rua, no rio, no mato. Essa era a época que se temiam as horas do dia; o desconhecido era respeitado como algo sagrado que era profetizado pelos mais velhos/antigos: “não brinque com as coisas sagradas, tudo tem dono.” O ser humano não se sentia o centro do universo. Aqui na Amazônia o rio, a mata, a noite, o dia eram temidos e exerciam um certo poder sobre a o imaginário e, consequentemente, sobre o comportamento das pessoas. Assim, respeitava-se e preservava-se mais a natureza e destruía-se menos. Bom conselho para se viver hoje os adolescentes e jovens da sociedade ‘moderna’.

Continuemos com a narrativa:

[...] Quando eu olho assim um vorto no meio da rua, o bicho parece... do tamanho dum boi, aquele volume né. Só o volume. Ai ele sacudiu, sacudiu assim a cabeça, (gestos com a cabeça) sacudiu as orelha assim. “Meu pai do céu”. Eu passei ali, eu passei raspando aquele cercado, tudo bem. Quando cheguei no canto da Souza Franco pra chegar a quadra da Berredos, eu ia dobrar a ladeira pra casa, bem do lado de casa...

Tu conheceu o Raimundo Bezerra, que jogou bola no Santa Rosa? Tu conheceu a mãe dele? Ela era nossa vizinha, era uma morenona, alta. (Alguém pergunta se ele não vai falar

do bode. Ele responde) “Escute só, deixe eu buscar esse arrodeio e vamos chegar lá”. Então, eles moravam numa casa com esses tipos de barro assim, ela trabalhava na Usina Conceição. Aquela mulher até hoje... Um dia desse eu tava falando lá em casa, eu nunca vi o rosto dela porque quando ela saía ela jogava o cabelo no rosto, ela era alta. O pessoal, todo mundo dizia que ela virava Matinta Perera.

Meu camarada, quando eu cheguei no canto da segunda rua já com muito medo, não sei se pisava na pedra, tinha a casa do seu Oliveira, aí, tinha a vila Martins, no canto era seu Murilo que tinha um comércio, e mais adiante era a casa da dona Betania. Rapaz, que quando eu fui chegando no meio da quadra aquele assovio “fiiiiiite”. Ai eu me lembrei “será que é a vizinha?”. A minha mãe não dormia enquanto eu não chegava da rua, ela ficava acordada. E tinha a chave. Tinha uma tramela de madeira. Quando eu fui chegando, que eu ia bater na porta ela bateu atrás de mim. Eu sei que só meti a mão na porta, a mamãe já tinha destrancado a porta e eu cai lá no meio da sala no assoalho. E ela ainda assoviou atrás “fiiiiiite”. Ai mamãe disse “eu não te disse que tem Matinta Perera!”

Se observamos as riquezas das descrições que esses narradores conseguem relembrar de lugares, nomes de ruas, pessoas, paisagens. São imagens que aparecem na memória dos narradores e que nos deixam admirados de ouvir tais descrições, principalmente quando se trata do passado do lugar que conhecemos no presente e que mantemos uma certa relação afetiva com o mesmo.

A rápida desapareição de nossa memória nacional me pareceu demandar um inventário dos lugares onde ela havia eletivamente se encarnando e que, por vontade dos homens ou pelo trabalho dos séculos, restaram como os mais ruidosos símbolos: festas, monumentos e comemorações, mas também elogios, dicionários e museus. (NORA, 1993, p. 12-13, apud Gonçalves, 2011, p. 32)

O que chama atenção nesses relatos, como nos dos outros sujeitos, é que eles não ouviram dizer, eles vivenciaram os acontecimentos, foram personagens. Seu Nelson participa dos fatos narrados e pode, com propriedade falar sobre eles, o que privilegia a performance e a riqueza da memória lembrada. Os fatos acontecem neles, com eles, vão para o outro e voltam para eles. São os fios condutores das narrativas. Eles não ouviram falar sobre, eles viram e viveram aqueles acontecimentos. O verbo sempre em primeira pessoa é predominante nas narrativas. A narração é construída a partir deles, os narradores.

Seu Nelson lembra que, mesmo em épocas passadas, o trabalho para os jovens não era tão fácil, fato que também é lembrado por seu Cipriano e seu Manuel Ribeiro (anexo), já havia muitas dificuldades. Também chama atenção em suas narrativas os espaços que ele percorreu: ele não se prende a um único lugar. É como se fizesse um círculo em volta de Icoaraci. Vai do Maguari à Pratinha (denominação empregue na atualidade ao bairro onde fica a Base Naval). E os assuntos são variados, assim como os elementos que ele traz para enriquecer e ilustrar suas lembranças. Os acontecimentos, alguns muito raros, por muitos já esquecidos e por outros nem mesmo conhecidos. O Zepelim, a luz elétrica, o

colégio Coronel Sarmento, o Alexandrina, o nome das pessoas que fizeram história na época, a lembrança das denominações das ruas. Tudo muito bem descrito, com riqueza minuciosa. E, como tal, possuem um valor imensurável para a memória de Icoaraci.

2.2.4. DONA MARIA PALHETA.⁵⁹ (Bairro Ponta grossa) Mitos, festas, costumes traquinagens de menina moça, no “Pau do Urubu”, a lembrança revigorou.

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?
(BENJAMIN, 1994, p.114)

FIG. Nº. 19: Dona Maria Palheta. Da direita para a esquerda. Relatou a maioria das narrativas do bairro Grossa. As outras pessoas da foto eram ouvintes/convidados



(Arquivo MOVA-CI. Werne/2005)

⁵⁹ Dona Maria Palheta, moradora de Icoaraci- Bairro Ponta Grossa. Livreto “*Café com Pupunha Em Contos*”. Organizado pelo MOVIMENTO DE VANGUARDA DA CULTURA DE ICOARACI. MOVA-CI. Ponto de Cultura “Em Movimento”. Belém, 2011, pp.27-28. Mais adiante falaremos dela.

Dona Maria Palheta lembrando a época de sua juventude, com certo saudosismo na voz:

FESTAS/ BEBIBAS

Não, não, não. Digamos assim, que as vez tinha uma festa numa casa, sempre as dona da casa fazio um licor e davam naqueles cálices assim (gestos). Chamavam de pau na coxa, era de tatuzinho, aí, misturava com leite condensado, leite do coco e dava pras moça, pros rapaz.

Não, não, eu não ouvia nem falar em cerveja nessa época. Eu sei que dava pra você ir com sua família, era uma festa que qualquer pessoa podia estar, não tinha esse haver de briga que tem hoje. Quando tinha, era porque a gente ia com um rapaz que arranjava outra, a gente rasgava logo ele, por lá mesmo acabava. A gente se montava nas camisa engomada, rasgava e pronto.

Eu me alembro que meu marido arranjou uma piquena, eu não sei se tem alguém aqui parente dela, que chamavam pra ela Galça. Tu te alembra?... Aí, tinha um cidadão aqui na Nossa rua chamado seu Tibuço, que ele dava festa, a festa do menino Deus. Quando eu cheguei lá toda paramentada, ele já estava agarrado com a tal de Iracema... Galça. Nós decemo a escada foi no muque. Peguei por aqui (faz o gesto). Aí, depois ele me deu um beijo e disse: “umbora filha voltar”. Lá voltamos. A briguinha acabava assim, em beijos. Agora não, se não for tiro, facada, quebragem de garrafa. Não tem beijo, não tem nada. O cara bate e pronto.

Agora o ‘Jaze B’, dava pra gente dança, nera Nelha? Não, era os donos dos candidato que tocavam, era os apelidos. Era banjo, era o conjunto. Que hoje em dia vocês chamam conjunto... era violão...

Quando eu tava assim, já tinha tomado uns dois cálices de licor, eu também cantava. Hoje em dia não canto nem no banheiro. A agente cantava muito aquelas música da Ângela Maria, Dalva de Oliveira. Deixa eu ver se eu me alembro... Quando a gente brigava com o namorado, eu subia no palco e cantava aquela “Cinco Letras Que Choram”, (canta a música)”... “Adeus, adeus, adeus. Cinco letras que choram...”. Aí, ele fazia o sinal e eu descia, (risos). Ele já sabia que era pra ele. Aí, acabava o negócio da briga. Mas era animado.

Agora não. Não da pra gente... No quintal, era no quintal. Olha vai ter o aniversário da Nazeca, ela vai fazer uma festa. Aí, nós íamos. Não tinha esse negócio de tá pagando na porta. O importante era que fosse tudo direitinho.

Era o bombeiro, o Bombada, o Bão, o Bobo, era só na base do B, (falas)... O Bobo, ele era pai daquele rapaz que tem aquele conjunto Ramagem, o Racildo, do Ramagem.

Era a maior festa aqui, aqui tinha um arraial que justamente esse “Jade B” que eu acabei de dizer, tinha um coreto. Agora a animação daqui era o carrossel, e de um lado tinha um homem que vendia garapa com aqueles pastelão. A gente andava no carrossel com o namorado, aí, saía dali, tomava um copo de garapa, comia um pastel daquele. Pastel e pão-doce, nera? A gente vinha satisfeita, era a única bebida que tinha aqui, era um carrossel, que chega a gente ficava tonta, nera? O cara empurrando e a gente só rodando, mas abraçada com o candidato. Quando a gente descia ainda ofereciam um copo de garapa e um pão-doce. Ainda vinha arrastando assim. Agora não, a gente sai da onde? Vai logo tomar uma cerveja.

Existia dois padre, o padre Jacó e o padre Ventura, era. Eles era alemão..... era eles que organizavu as festas. Depois que eles saíram, aí, veio o Monsenhor.

Colocar o Santo Antônio pra escanteio e Nossa Senhora das Graça ficou tomando conta do setor. A festividade de São Sebastião ainda tem. Aí, saía uma procissão. Eles distribuía pãozinho. Minha mãe doava um bolo, frango, um porco. Vinha um caminhão. Você já sabia que o carro vinha, você já fazia um bolo.

Num dava pra namorar, porque antigamente, as moça usava as calça que tinham pra mais de cinquenta botão aqui, (gesto para a lateral do corpo) de um lado e de outro. Agora não. Agora tem a facilidade, é um biquíni, já tá lá. Era doze de cada lado, é manso é? Tu é

doido, é..., Agora, é só meter o dedo assim (faz os gestos), já tá arriando. E lá era muito sacrifício, até desabotoar doze dum lado, doze do outro, já tinha chegado o fim.

Engraçado que quando a gente namorava, a gente andava de mãos dada, ia pra missa das oito.

Na Cigana era festa de seu Constâncio, era Festa do Constâncio, (todos falam ao mesmo tempo). Era festa de São Paulo, era festa de mastro. Passavo o dia andando com aquele pau no ombro, era banana, era abacaxi, era jaca, tudo no pau. Aí, quando era de tarde enterrava. Aí, tinha aquela imagem grande no pano né. E a festa comia durante quinze dias.

O que dizer desta narrativa e das próximas que seguem? Começamos Dizendo que dona Maria Palheta, chegou à Roda de conversa toda ‘paramentada’. Estava sendo esperada por todos do bairro, por ser conhecida como ‘aquela que conhece toda a ponta Grossa’. A narrativa acima reúne elementos riquíssimos da história social, religiosa de Icoaraci, também o comportamento dos jovens na época revisitada por dona Palheta, ela fez questão de lembrar os detalhes dessa época. De quando se namorava inocentemente; quando se tinha horário para voltar da festa, festa de família, de igreja; quando as brigas eram diversões entre os jovens; os tipos de vestuário das moças aceito na época e a dificuldade em vesti-los e tirá-los; o respeito para com as moças de família; as bebidas servidas e permitidas; os grupos musicais que faziam a animação nas festas.

Percebe-se que ela compara o passado com o presente, e faz a sua avaliação entre um e outro. Exalta aquele e critica este. Narra com muita propriedade e riqueza descritiva suas experiências.

Observamos que em alguns relatos de dona Maria os acontecimentos não condizem com a realidade dos fatos ocorridos em Icoaraci. Exemplo disso é a informação do Padre Monsenhor, que faleceu antes do Padre Ventura, o qual ficou sendo pároco da Igreja Matriz. O padre Monsenhor, está enterrado nessa Igreja que tem como padroeiro São João Batista. O que também é confuso na lembrança de da narradora. Mas eles, assim como os acontecimentos, fizeram parte da história de Icoaraci. Suas lembranças são vagas quando se pede para lembrar de fatos que para muitos ali presentes, eram relevantes para a memória de Icoaraci, como o Carimbó.

A ansiedade dos que faziam parte das Rodas de Conversas para saber sobre fatos que “ouviam dizer” sobre Icoaraci, nem sempre eram respondidos, porque a memória através das lembranças, quando revisitadas, não obedecem ordem do real, do que se quer ouvir, mas tem sua própria maneira de se manifestar na mente e corpo daqueles que as evocam para o presente. Sabemos disso quando relutamos para lembrar algo e não o conseguimos. Halbwachs, (1980, p. 25): “No processo de entrelaçar nossas próprias

recordações dispersas em uma narrativa, revemos os componentes pessoais para adequar o passado coletivamente lembrado e, gradualmente, deixados de diferenciá-los.” Tal enunciado confirma o que dizemos, coletivamente somos induzidos a lembrar o que nos pedem, mas nem sempre se consegue adequar as lembranças desejadas ao que de fato veem na memória no momento da narrativa.

CARIMBÓ

Eu tinha uma filha que dançava. Tinha uma senhora que morava aqui nessa rua, ela fez um grupo aqui e dançava minha filha e meu genro. Nunca existiu como tem em Maracanã, Marapanim, aqui em Icoaraci nunca teve. Tia sinhá? Eu ia só apreciar escondida da mamãe.

FINADOS

O pessoal tinha aquele respeito. Não tinha festa em lugar nenhum, de noite não tinha ninguém vivo. Agora não, é festa todo dia.

Nesta próxima narrativa dona Maria Palheta fala de um ser misterioso, aqueles tipos antigos de ser humano que virava algum animal, como uma espécie de metamorfose humana. Seu Satuca, como era chamado, tinha uma aparência não muito agradável para o padrão de beleza criado para nós seres sociais. Todos os moradores do bairro Ponta Grossa ouviram dizer que ele virava porco. Mas o fato era que sofria de uma doença que o deformava. Por conta disso assustava as crianças que ouviam dos adultos a frase ‘cuidado com o Satuca, ele vem te pegar.’ Virou o que hoje a juventude chama de lenda urbana, antigamente se chama visagem, assombração.

SATUCA. HOMEM QUE VIRAVA PORCO

Então, ele casou-se com uma mulher muito bonita, a esposa dele era bonita. Então, quando ela foi embora, com outra pessoa, aí, ele se recolheu. Ele tinha uma taberna, ele se recolheu. E hoje em dia, dizem que é depressão né? Então, o povo dizia que ele virava porco, mas eu acho, que ele se recolheu apaixonado, porque realmente a mulher dele era uma mulher bonita. Eu não me lembro mais o nome dela. De olhos azuis, só que ele era um rapaz mais maduro né, e ela achou que não dava certo foi embora então... As crianças tinham medo, ninguém entrava na taberna dele...

A Soledade era a Rua que moramos e há várias versões sobre a origem de seu nome, Soledade, que quer dizer ‘solidão’. Uma delas é a que Dona Maria narra a seguir.

SOLEDADE

O nome daí é Soledade, porque ai na Soledade, isso aqui foi um cemitério no passado. Esse cemitério era o seguinte: quando as pessoas rica tinha aquela doença que chamavam

bexiga, eles faziam aquelas cabanas, botava as pessoa ai. Que hoje em dia vem ser o alastrin, né? Que hoje em dia já tem cura. Dava aquela, aquela... Já eliminaram com isso. Então é por isso que o nome aqui é soledade, porque ai já foi cemitério.

Quando nós viemos mora pra cá, morava uma senhora por nome dona Joana, que era vó da Iracema. Ela já tinha noventa e poucos anos, ela era a primeira moradora daqui... isso... isso,... isso...(concorda com algo que alguém fala). Ela já tinha uns noventa e poucos anos. Agora, porque chamam Ponta Grossa? Afinal de contas ainda não deu pra entender.

Alguns lugares em Icoaraci receberam nomes indígenas, como Paracuri, outros foram sendo nominados pela geografia, como Furo do Maguari, Ponta Grossa; e há aqueles que têm sua origem na ocupação da Vila, como Cruzeiro. o bairro da ‘Agulha’ era onde o trem chegava e retornava para Belém. Havia uma espécie de maquinário para atracação dos vagões⁶⁰

A versão para o nome da passagem a seguir, é bastante original e dona Maria Palheta é muito convincente ao nos dizer da mudança do nome do passado para o presente.

PAU DO URUBU

(Alguém pergunta porque a Travessa Pau do Urubu?) Dona Maria Palheta responde:

Era por causa do pau. Uma árvore muito grande, morreu, ficou seca. Cinco horas da tarde os urubus começavo a fica lá, nera, Marieta? Eles durmiam lá. Cinco horas, cinco e meia eles iam pra lá, só que a árvore era seca, seca, seca. De acordo com a população eles caíram fora de lá, porque começaram naquela... desmatar. Aí, eles caíram fora. Mas era “Pau do Urubu” mesmo. Era muito urubu. Agora, vá chamar ‘Pau Do Urubu’. Agora é Passagem das Flores, se você chamar Pau do Urubu, você não entra lá.

O trem foi um meio de transporte bastante usado até fins do século XVIII, aproximadamente. Todos os narradores relatam que existiam dois trens que faziam linha para Icoaraci. Um para passageiros e outro para cargas e bois. Um atracava na no bairro conhecido como Agulha, atracando ali para voltar para o centro de Belém, (informações coletas de fontes orais). Como lembra dona Maria Palheta:

O TREM... O ÔNIBUS

Não, tinha um trem, aliás, tinham dois, um que ia lá pra Agulha, pro rumo do matadouro e um que vinha pra cá, pra Icoaraci. Saia cinco horas pra Icoaraci e chegava aqui seis, durante a semana, no domingo ele chegava aqui oito. Todo transporte era feito pelo trem. E aqui na minha época tinha dois ônibus, era o Viação Embaixador, de um comerciante que chamado por nome Anteres. Tinha dois ônibus, quando ainda era Pinheiro. Ai depois desses ônibus apareceu três caminhonete, a Viação Pinheirense em Belém I II e III. Dava sete horas não tinha quem tivesse em Belém que viesse a pé. Banco de madeira, quando ele

⁶⁰ Relatos orais das Rodas de conversa do “Café com Pupunha” nos bairros da Agulha em 2011.

passava num buraco dava com a cabeça lá em cima e voltava. Era. O transporte daqui era esse.

Todas com namorados, muito bem preparadas, eles também. Arrumadas. As anáguas a gente colocava em cima da casa pra poder enxugar, quando a gente tirava ela ficava durinha, a gente se metia dentro da anágua, era ... Aqui tinha um ‘tripe’, que era lá onde hoje é a Makel, onde é o Banco do Brasil, era uma parada de ônibus. A gente ficava dando voltas, porque pra pegar ônibus tinha que entra na fila...

(Cinema?) Tinha o Ipiranga e o Guanabara, tinha dois cinema aqui...

Faz-nos acreditar que as lembranças de dona Maria Palheta, assim como dos demais sujeitos, foram organizadas, segundo Lowenthal (1998, p.78), a partir dos hábitos, das recordações e do momento. Fizeram uma seleção dos acontecimentos de acordo com tal hierarquia que nos parece bastante comum nos relatos.

“A lembranças que permeiam o presente estão agrupadas numa hierarquia de hábito, recordação e momento.” O hábito abrange todos os resíduos mentais de atos e pensamentos passados, sejam ou não conscientemente relembrados. A recordação, mais limitada que a memória comum, mas ainda assim impregnante, envolve consciência de ocorrências passadas ou condições de existência. Momentos são recordações, preciosas propositalmente recuperadas da grande massa de coisas recordadas.

As narrativas desta anciã, não tomam como foco o fantástico, elas demonstram o que ouviu dizer sobre o caso. Como aqui demonstrado. Conta um caso ocorrido com outra pessoa. Seria coerente afirmar que dona Maria Palheta seleciona suas lembranças, a memória revisitada segue para um foco, não perpassa por lembranças que não lhe agradam. Seu foco de remiscências é a vida social, o período da juventude, talvez porque tenha sido a época mais feliz de sua vida, onde cantava, dançava, namorava, era admirada em sua juventude de menina moça.

A Matinta aqui narrada nunca viu, apenas ouviu falar:

MATINTA PEREIRA

...ela apitava, ela puxava...

Eu nunca vi, porque, eu só sei que existiu... vocês devem saber da dona “Dandica”, mãe da “Neneca”, inclusive ensinaram pra ela que quando ela ouvisse o primeiro apito, ela fechasse a porta da rua com chave, né? Quando ela ouvisse o apito ela trancava, né? Segundo eles dizem quando foi de manhã a velha amanheceu lá na porta, né? Aí, pedindo café. Aí, a mãe dela disse: “olha Neneca é Matinta Perera”. Essa velha tinha vindo da Sacramento. Aí, ela deu um gole de café, aí, ela disse: “vai e destranca a chave”. Quando ela destrancou a chave a velha rasgou aqui nesse pedregulho, porque aqui não era afastado né?... Agora eu sempre ouvia um apito, mas eu não sei se era Matinta Perera, ou se era alguém me chamando, assim de noite... (risos)

Esta próxima narrativa volta a ser o assunto principal, as festas, o comportamento dos jovens da época de sua juventude. Este relato que segue também

evidência quem era a autoridade na Vila, como a ordem era estabelecida e como as pessoas tinham atitudes de cidadãos, de respeito com o bem público.

A PONTE ARRANCADA

Eu me lembro que fizeram uma ponte, e, meu irmão, que era rapaz nessa época. Aí, foi atrás da namorada. Pra lá, tinha um arraialzinho. Aí, ele chegou lá, a namorada tava com outro. Aí, ele veio com os amigos e tiraram a ponte, eles arrancaram a ponte. Quando foi pro povo atravessa, que aquele igarapezinho, né, (na ladeira do sabão), tiraram a ponte. Aí, quando foi de manhã, tinha dois guarda aqui no posto, que um era o “Sirvano” e outro “Turquinho”. Mas era respeitado, nerá? Aí, bateram na porta da casa da mamãe “D. Ana, dona Ana?” Sirvano era preto e Turquinho era branco. A arma deles eram cassetete de borracha. Aí,...“dona Ana, eu vim lhe comunicar que Muacir, que era meu irmão, ele arrancou a ponte de lá. Agora a senhora escolhe: ou a senhora paga, ou ele vai preso.” Aí, a mamãe disse: “eu vou falar com o pedreiro”, que era o João grande, era pai do Piranjara. Aí, a mamãe foi, comprou madeira e seu João foi fazer a ponte. Então era assim, a rapaziada era assim, quando queria bagunçar, bagunçava tudo.

COBRA GRANDE

Outra coisa também que eu acho que o pessoal do meu tempo pode dizer, era que ai na Usina Conceição, que era praça estativa, lá no pé da ponte existia uma cobra muito grande, uma cobra muito grande, que inclusive quando as pessoas trabalhavam a noite... Houve época que quando as pessoas que não acreditavam, mergulhavam, mas elas não voltavam. Então diziam que ai no pé dessa ponte tinha uma cobra muito grande. Aí, com a continuação do maquinário, aí, o povo diz que ela se mudou ali pro Furo do Maguari, que era onde é o Matador, que onde escorria muito sangue. Lá ela morava.

A PRAIA

Existia uma samaumeira ai que ela tinha uns gomo que a gente botava roupa dentro daqueles gomo. Era grande, bem grande. Agora invadiram, fizeram aquelas casa, os estaleiros ai que acabaram com as praias.

Estas três últimas narrativas também se repetem por narradores de outros bairros de Icoaraci. Como exemplifica dona Maria. A cobra grande mudou-se da Ponta Grossa para o Furo por causa dos estaleiros. Essa agressão é percebida pela narradora e pelos outros que estavam na Roda de Conversa do bairro Ponta Grossa. Esta narradora emprega uma característica peculiar em seus relatos, sempre compara o passado com presente, (como afirmei anteriormente) e enfatiza que antes era melhor do que agora “de modo que é assim, não existia esse haver de briga que tem agora”, ou “agora não, agora é só meter o dedo que já tá lá. Naquele tempo não, era mais difícil. Até que tirasse os botões”.

Fica evidente em seus relatos que a Icoaraci do passado tinha mais a oferecer aos jovens do que a do presente. Tais comparações vão desde o âmbito social ao ambiental. Perdeu-se o respeito pelo outro, a violência tornou-se desenfreada, o uso de drogas entre os jovens é cada vez maior. Os bons costumes, bons hábitos perderam lugar para atitudes

irresponsáveis. Dona Maria Palheta denuncia esse presente de maneira leve, com muito senso de humor, sem agredir os que a ouvem. Dona de uma oratória impecável e uma presença performática, a sua voz chegou até nós como um canto de alerta, um aviso aos mais jovens do tempo presente.⁶¹

Precisamos ainda ressaltar a performance desta narradora. Ela teve, e acreditamos que ainda tenha muita propriedade para narrar as suas lembranças, mergulhar no passado agradável para sua vida, talvez revigorante, porque parece escolher o que quer lembrar, (HALBWACHS, 2003). Acreditamos que todos fizeram escolhas narrativas. Apesar de estarem coletivamente em Rodas de Conversas, suas lembranças foram compartilhadas com os presentes, receberam contribuições, mas a memória revisitada pelos sujeitos foi individual. Pois que narraram as suas experiências, as lembranças que somente eles /ela guardavam dentro de seus corpos e mentes e que foram buscá-las, trouxeram para o público que hora contribuía, por conhecer tais fatos; hora apenas observava a performance sem poder intervir por não conhecer os acontecimentos do passado revisitado. Nesse último caso a curiosidade de alguns participantes predominava como forma de conhecer o passado do local e confrontar com o presente.⁶²

A pesquisa, além de focar as performances de memórias de mitos, lendas, causos, que se fazem presente pelo contexto, época e região que a pesquisa aconteceu, elas também são norteadoras, condutoras do objetivo maior: que é a memória individuais ou coletivas dos sujeitos de Icoaraci. Dos acontecimentos ocorridos em épocas passadas e que dizem respeito à vida desse lugar; do potencial patrimonial; das experiências narradas, como podemos evidenciar pelos relatos aqui transcritos.

⁶¹ Le Goff, 2003, p. 471. “A memória, na qual cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”

⁶² “Os grupos também mobilizam lembranças coletivas para sustentar identidades associativas duradouras, da mesma forma que os instrumentos legais conferem às companhias e às propriedades privadas imortalidade em potencial” (Halbwachs, 1980, p. 143, apud, Lowenthal, 1998, p. 84).

FIGs N°. 20 e 21: (direita para esquerda). Pontão do Cruzeiro, data da fundação da Vila Pinheiro, quando foi batizado de Ponta de Mel. Serviu como ponto estratégico para a ocupação de Belém. Ruínas da casa do Poeta Tavernard, Rua Siqueira Mendes. Ainda chegamos a fazer um encontro do Café com Pupunha nesse local, quando ainda existia estrutura física. Hoje serve como abrigo de moradores de rua e a vegetação tomou conta das poucas estruturas de alvenaria.



(Arquivos. Pessoal/2014)

3. À GUISA DE CONCLUSÃO

FIG. Nº. 22: Vendedores de coco. Tradicional venda de coco na orla de Icoaraci. Esta atividade comercial iniciou aproximadamente no final da década de 80. Com o turismo crescente era romântico e causava certo estato social sentar-se à beira das margens do Rio Maguari no final da tarde, para tomar uma água de coco em boa companhia. Apesar do tempo dessa atividade comercial informal, as estruturas físicas e de higiene, ainda funcionam em situação precária, longe dos padrões de venda de alimentos recomendados.



(Arquivo pessoal/2014)

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. (...) esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 1994: 200-201).

Chegamos ao término deste trabalho. Trabalho inconcluso, bem o sabemos... No entanto, há um momento em que precisamos finalizar. A experiência nos torna mais ativos em nossas atitudes. Com a experiência amalhada ao longo da jornada sentimo-nos mais fortes, mais combativos mais inseridos no contexto em que atuamos.

Trabalhar com Narrativas Oraís, colher esses depoimentos, analisá-los, refletir sobre eles foi uma tarefa prazerosa. A experiência do outro nos fortalece, nos oferece outras perspectivas de ver o mundo, de atuar nele, de refletir sobre ele. O passado tem sido olvidado. Precisamos urgentemente criar mecanismos para que a memória desse passado seja registrada. Um povo sem passado é um povo sem identidade. A nossa história formamos, nos conforma, nos molda, nos impele para frente. O passado é um patamar de que necessitamos para podermos planejar o futuro.

A linguagem é de fundamental importância nesse elo entre passado, presente e futuro conduzido pela memória. É exemplifica Le Goff, ao citar em seu livro ‘História e Memória’ Henri Atlan, que aproxima linguagem e memória em seus estudos do sistema auto-organizadores.

“A utilização de uma linguagem falada, depois escrita é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória” (ATLAN,1972, p.461, apud Le Goff, p. 421).

Nesse sentido, revisitar as histórias contadas e performatizadas por narradores anônimos foi (re)viver a magia de um passado não tão distante assim, mas que se não for registrado, vai ser perdido. Retomar esses relatos ampliou o nosso campo de visão e, por conseguinte, de ação. Tornar público estes depoimentos, estas histórias, significa acompanhar a evolução do pensamento num determinado local, num determinado momento histórico; é, também, repensar a terminologia implícita nos meandros da linguagem, dos discursos caracterizadores de uma camada da população, captando o modo de falar, as nuances, as particularidades; é, ainda, reviver e registrar acontecimentos, fatos relacionados à cultura, às festividades, ao folclore. Não é sem razão que Portelli (2005, p. 69) nos exorta: (...) “encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento”. É exatamente nesse sentido que nos sentimos inseridos no contexto local de Icoaraci. Acreditamos que nós estamos tornando o passado vivido pelos narradores em um processo, isto é, como algo que

não morreu, algo que não pode morrer, algo que deve estar em permanente prosseguimento, que deve continuar. O Portelli prossegue: “Encaramos a memória como um fato da história, memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história”.

Numa busca de autenticidade e fidelidade ao discurso performático ouvido, conservamos, nas transcrições das narrativas, todas as marcas da oralidade dos discursos dos depoentes. E a fidelidade das memórias anos confiadas através dos relatos sem a preocupação com a veracidade dos mesmos. Com base no que pensam Portelli, Le Goff, Halbwachs, Ecléa Bosi, quanto à memória e a história oral, cada um com suas particularidades mais com pontos em comum para esta pesquisa, o objetivo principal da memória revisitada e externada pela voz não é a verdade do ponto de vista histórico que predomina. Mas aquela que está sendo lembrada e ouvida no momento da ação rememorialística.

Apesar de alguns historiadores não acreditarem na memória como fontes históricas, nós, com base nos relatos aqui apresentados, pensamos o contrário, a memória contribui para a história de um lugar, de uma sociedade. Mas não é seu foco principal ou sua obrigatoriedade.

Tomando por base a afirmação de Le Goff no texto “Documento/ Monumento” que considera que a memória pode apresentar-se pela forma de monumentos partindo da origem da palavra latina *monumentum*, descrevendo de maneira elementar que: “O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”. (Le Goff, 2003, p. 526, grifo meu). Afirmamos que a história oral é um monumento de registro da memória, posteriormente, com as transcrições desses relatos temos também o monumento escrito, mas respeitando-se a oralidade, o que acreditamos ser o ponto diferencial de tal ciência.

Acreditamos ainda, com base na experiência empírica, nas narrativas ouvidas e transcritas, em pesquisas já citadas anteriormente, que nos relatos aqui apresentados há verdade, há história. Os acontecimentos advindos das lembranças existiram, seja no plano real ou imaginário. O que é perfeitamente possível para aqueles que estão revisitando suas memórias que narrem enredos anacrológicos, com cortes temporais; ou que, fantasiem suas experiências. Isso os aproximaria aos relatos ficcionais, sem, no entanto, negar a realidade.

Pois, a ficção se faz presente no plano da memória, expressada pela voz narrativa, mas que não perde o fio dos acontecimentos cronológicos.

“Lembranças que se demonstraram incorretas ou inexatas não são, por conseguintes, dispensadas; uma recordação falsa pode ser tão duradoura e poderosa quanto uma verdadeira, especialmente se ela sustenta uma autoimagem.” (Lowenthal, 1998, p. 88). Essa afirmação nos leva a pensar nos relatos de seu Cipriano, muitos dos acontecimentos de sua memória, são de autoestima, de feitos heroicos por ele praticado, que nos fazem perceber que não são de fato verdadeiros, ou que não aconteceram. Mas como julgar a verdade diante de relatos que, para o narrador ocorreram, foram feitos seus ou vistos por ele? Não conduzimos, no decorrer dos capítulos, a pesquisa por esses méritos de verdade ou inverdade. O que existe são memórias de sujeitos que através de sua performance convencem a si mesmos e aos que lhe ouvem da veracidade dos fatos.

Como pudemos confirmar, as pessoas também são reais. São atuantes em suas comunidades, com funções. Seus afazeres. Deixaram suas marcas, seu legado de saberes nos bairros que moram, contribuindo assim, para a história do lugar. Seu Cipriano, o oleiro, o artesão; seu Nonato o organizador da festa de São Pedro; dona Nazaré ama do Boi Resolvido; dona Maria Palheta a memória viva do bairro Ponta Grossa; seu Manuel o Mestre do Carnaval junto com sua esposa. Mesmo aqueles que não são conhecidos pelo seu fazer artístico-cultural, como seu Nelson, têm sua contribuição história para Icoaraci. Constituem por assim dizer o patrimônio imaterial dessa comunidade.

Nessas pessoas, moradores antigos de Icoaraci, constituem-se os lugares de memória, como afirma Nora⁶³. No presente existem poucos deles em Icoaraci, esperando a oportunidade de relatar suas vivências, de revisitar suas Mnemosine⁶⁴. Basta sentar-se ao lado dele/dela e pedir para contarem uma história de Icoaraci ou de outras memórias suas,

⁶³ Nora em entrevista a Brefe, afirma que um lugar de memória nem sempre se constitui de materialidade, tão somente. “Um lugar de memória, para mim, não poderia nunca ser reduzido a um objeto material, mas sim, ao contrário. A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata- dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais.” (NORA, s/d, apud Brefe, 1990, p. 30)

⁶⁴ Contar é uma atividade mnemônica. A reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração. Em sua arte, o contador de histórias realiza de uma forma particular a tarefa de convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade. Esta convivência dispersa a solidão e anula as distâncias territoriais, ao mesmo tempo em que tece relações solidárias, favorece a troca de conhecimento. Contar e recontar tudo significa partilhar a lembrança das experiências do cotidiano e a sabedoria adquirida ao longo da vida (PATRINI, 2005, p. 106).

para que a narrativa corra ‘frouxa’. Pesquisador ou não, tem que acima de tudo, ter sensibilidade auditiva, visual e querer ouvir os relatos do passado e que o presente parece não querer lembrar porque não há tempo para recordações.

A memória de um lugar é capaz de manter sua alteridade, o orgulho de seus fatos, ou ao contrário, ter-se vergonha de seu passado. Um povo sem passado é um povo sem presente e consequentemente sem futuro. Um dos caminhos para conhecer o passado é a História Oral, como mostramos ao longo desta pesquisa. Nossos velhos/as têm alteridade, como afirmamos anteriormente, para comparar o passado, o presente e prever o futuro, no qual não mais existirão. Morrerão! Seguirão o curso natural da vida. Quando realizamos as Rodas de Conversa, dona Nazaré ainda era viva, seu Cipriano ainda tinha certa lucidez mental. Hoje, 2014, ao termino da pesquisa, dona Nazaré faleceu; seu Cipriano tornou-se menos lúcido; seu Nelson mudou-se para Macapá; seu Nonato não possui mais saúde física para coordenar a festa de São Pedro; dona Maria Palheta recolheu-se em suas lembranças de menina-mulher; seu Manuel Ribeiro deixou seu enredo na avenida, a bola parada na rede. Porque a vida segue, e parece que neste século mais acelerada do que antes. Quem nasce hoje, amanhã já envelhece. Com os mais velhos vão-se as memórias, as lembranças e as narrativas. O que fica são as informações que os meios de telecomunicação fazem questão de nos manter informados, com exemplifica Benjamin, (1994, p. 203)

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Meta de da arte narrativa está em evitar explicações.

O próprio linguajar amazônico está perdendo espaço, assim como o linguajar das diversas regiões do País, para um linguajar uniformizado, padronizado aceito pela mídia. As variantes, os dialetos, as expressões tipicamente regionais tendem a desaparecer com as novas tendências comunicativas de falares uniformes, globais. Em contraponto a realidade imposta, mantivemos nas transcrições dos relatos, todas as marcas da oralidade. Mas sabemos que há perdas pois o escrito, tenta manter as marcas do texto oral através da pontuação, mas a beleza a expressão oral é intransferível. A voz com suas marcas, seus dialetos, tem vida própria (ZUMTHOR, 2010), com sua intencionalidade o som percorre o ambiente, chega até o receptor e percorre a razão, tornando-se poesia.

Os narradores até ousam fazer comparações entre suas expressões e de outros ditos, no momento em que atuaram como intelectuais na palavra. Um critério importante na

escolha dos sujeitos/narradores desta pesquisa foi exatamente o jeito de falar, de expressar sua memória, sem a preocupação de “falar bonito” para os presentes. Cada um, do seu jeitinho, relatou suas lembranças com propriedade linguística que lhe fora possível, sem fingir uma realidade de linguagem inexistente. Por isso a preocupação de manter nas transcrições o máximo de aproximação com as falas.

Nossos narradores velhos (BOSI, 1999) existem e resistem ao tempo, incertos de um futuro, mas certos do presente que os cerca. Acumularam suas experiências e as revisitam com frequência, de acordo com aquilo que lhe é conveniente talvez. Suas:

Lembranças, em todos esses aspectos, tendem a se acumular com a idade. Embora algumas estejam sempre se perdendo e outras se alterando, o estoque total de coisas recordáveis e recordadas aumenta à medida que a vida transcorre e as experiências se multiplicam. (Lowenthal, 1998, p.78.

É sabido por todos, o quanto os povos tradicionais valorizam as pessoas mais antigas de sua comunidade. Os Pajés, os sábios, os videntes que culturalmente interferiam na vida social, religiosa, política, econômica dessas organizações. A experiência acumulada com a idade era sinônimo de respeito e obediência entre todos. Sua sabedoria externada pela oralidade imponente e misteriosa, apoiada pela performance corporal. Muitos dessas tradições já se perderam, ficando no lugar as mudanças da modernidade, do presente.

O presente nos conduz para uma certeza, a de que muito pouco de oralidade, de performance, de pessoa existirá no futuro. Consequentemente a memória do passado também será esquecida, morrerão com os velhos narradores. Então, faremo-nos à pergunta de Benjamin:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, p.114).

Quem lidará com a juventude, com a modernidade, com a tecnologia, com a presença/ausência da pessoa? Porque hoje tudo é virtual, global e vazio, de certa forma. Quem se preocupará com a voz, com o escrito no papel, com as histórias das antigas, com nossos idosos que vivem taciturnos, tímidos pelas quebradas do presente? “A morte não

assusta, pois sabemos que faz parte da vida. No entanto, tememos a dependência, a perda de identidade, a solidão e o sofrimento que, sabemos, podem anteceder a morte.”⁶⁵

Quem temerá a Matinta Perera? Os relatos dos sujeitos sobre a Matinta Perera, esse ser encantado de nossas noites escuras e das matas fechadas, causam de maneira unânime a mesma sensação nos que tiveram a experiência de ouvir o assovio da mesma. É um relato sensorial que requer do narrador uma performance no presente como se estivesse naquele momento do relato vivendo tudo de novo. Esse ser exerce sobre a memória dos mais antigos um poder mágico e misterioso que dizem não querer passar novamente. Quem um dia foi judiado, ou mundiado pela Matinta, não esquece jamais.

Essa riqueza de vivência guardada na memória e revisitada quando preciso, é o que chamamos de patrimônio de um lugar, uma cultura e que pouco se registra. As crianças que nascem hoje não temem a Matinta, seus pais logo dizem: “é mentira, não existe”; “isso é coisa dos mais velhos”. Os jovens fazem chacotas desses seres. É mais moderno chamar esses mitos de “lendas urbanas”, pois como tal não são dignas de temor porque são ‘lendas’, logo não existem. O sentimento de crença, de temor perdeu-se com o tempo. Não há mais medo do desconhecido, do sagrado, das almas de outro mundo. A humanidade cresce descrente daquilo que não vê, não sente e não pode pegar, ou seja não crer o que não seja matéria, palpável.

A dominação do consumo trata logo de transformar em comércio, mídia. Retira a possibilidade da fantasia, imaginação ou mesmo o caráter ingênuo e ao mesmo tempo de sabedoria dos nossos velhos que permanecem vivos no presente meio a toda essa aceleração desenfreada do ser humano que em busca de tudo, sem muitas vezes avaliar o que realmente tem relevância para a vida, nesse hibridismo de identidades, (CANCLINI, 2012) ou não sabendo direito qual identidade se tem:

São poucos os que ainda acreditam no sagrado contido na noite, nas palavras de xapiripê e no poder curativo das histórias simbólicas. Vive-se os rompantes da pós-modernidade, como a fragmentação, simultaneidade de ações, e assume-se o paradoxo da virtualidade, condição de estar em todos os lugares e não estar em parte alguma. Assume-se também a rapidez com que se processam as informações: um clique e a mensagem já está do outro lado, na maioria das vezes nem bem decifrada, nem bem elaborada. As mensagens passam a ter outro sentido, porque elas não têm mais o tempo de se assimilarem dentro de nós, para que possamos sentir a

⁶⁵ [...]São dados da pesquisa Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade, realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA) e pelo SESC (Serviço Social, do Comércio). Oitenta por cento dos idosos e 90% dos não idosos entrevistados concordaram com essas afirmações.” (NERI, 2007, p. 33)

sua repercussão e a ressonância, como seria natural. Apesar disso tudo, se corre atrás de sentido para as coisas⁶⁶.

Todos os sujeitos da pesquisa moram em Icoaraci desde os tempos do Pinheiro. Dado que fizeram questão de frisar, assim como frisar que seus relatos são de épocas passadas, onde não existia isso, aquilo. Quando a vida nessa localidade era vivida de outra maneira, de outros modos que foram se modificando com progresso, se transformando e eles acompanhando até aquele⁶⁷ momento do presente.

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (Halbwachs, 2003, p. 31).

Quando seu Nelson e dona Maria Palheta estavam relatando oralmente suas memórias, ali na roda, sempre recorriam aos demais para que confirmassem o que estavam dizendo, como testemunhos. Seu Nelson contou com a memória de um outro participante da roda que lhe servia de ‘cúmplice’ nos relatos. Ele pergunta ao outro ‘tu ti lembras de fulano?’ ‘tu ti lembras daquele local assim, assim?’ E o participante respondia ‘sim, sim’, ‘lembro, lembro’. Enquanto que dona Maria Palheta pedia para que as pessoas antigas ali presentes confirmassem o que ela estava narrando: “nera fulana? Nera ciclana”.

O ambiente proporcionado pelas Rodas de Conversas, também possibilitaram as riquezas desse material narrativo:

As lembranças também se alteram quando revistas. Ao contrário do estereótipo do passado relembrando como imutavelmente fixo, recordações são maleáveis e flexíveis; aquilo que parece ter acontecido passa por contínua mudança. Quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente. (Lowenthal, 1998, p. 97).

Essa afirmação nos fez lembrar dona Maria Palheta, quando a levamos ao Encontro de História Oral na UFPA,⁶⁸ onde deveria relembrar de Icoaraci, falar desse lugar no passado, de suas experiências quando jovem, assim como havia recordado nos nossos encontros do Café com Pupunha. O qual foi nossa surpresa ela não se lembrou dos mesmos

⁶⁶ BUSATTO, 2007, p. 10.

⁶⁷ Dizemos aquele referindo-nos ao ano de 2005, data das entrevistas. Hoje no ano de 2014, não há registros de como pensam os narradores que ainda estão vivos.

⁶⁸ “I CONGRESSO PAN-AMAZONICO e VII Encontro da Região Norte de História Oral – História. História de Tempo & Oralidades na Amazônia”. ABHO/APHO. Dona Maria Palheta participou momento chamado “Rodas de Conversas: Ativando a Vida, ativando a História!”. De 27 à 30 de março de 2012.

acontecimentos, muito menos com a mesma performance dos encontros. Ao contrário, houve aparentemente um bloqueio de sua memória e a espontaneidade cedeu lugar ao nervosismo. Naquele momento não conseguíamos compreender tal situação, pois que já havíamos presenciado seu potencial narrativo. Mas é o que o autor diz, as lembranças são mutáveis de acordo com os acontecimentos presente, são maleáveis. E esta senhora vendo-se diante de um público pronto para ouvi-la, sendo ela o centro das atenções, causou-lhe estranhamento. Uma vez que suas memórias não são revisitadas com objetivo de espetáculo, ou planejadas, mas como rememoração espontânea do passado. E há também a influência do local e do público presente, porque as Rodas de Conversas ocorreram nos bairros que os narradores moravam, logo, o ambiente e as pessoas eram familiares para os sujeitos o que proporcionou a espontaneidade.

Tal cumplicidade nos leva a confirmar que a metodologia das Rodas de Conversa para os relatos de História Oral, tendo como pano de fundo a memória, quando bem planejada, pode sim vir a ser mais um instrumento de coleta desse campo da ciência. Víeis de pensamento que Petit, (2012)⁶⁹ comunga, mas com certas restrições. Pelo que expomos nesta pesquisa as Rodas de Conversas denominadas de “Bate-Papo Café com Pupunha” de Icoaraci, organizadas por nós juntamente com o MOVA-CI, gerou um grande material de pesquisa e que ainda não conseguimos dar conta dele todo assinalando, ainda, um futuro promissor e com muito fôlego narrativo para muitos pesquisadores em comum.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passado destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 2003, p. 39).

⁶⁹ PETIT Pere. (Professor Associado Faculdade História Da Ufpa; Diretor Da Região Norte Da Abho.) Artigo: **REFLEXÕES SOBRE AS “RODAS DE CONVERSA” COMO FONTE PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.** “Anos atrás seria muito atrevimento realizar rodas de conversa como técnica de pesquisa para produzir fontes históricas ou sociológicas. Até finais dos anos 1990, a maioria dos “pesquisadores oralistas” ainda não tínhamos logrado no Brasil, e também em outros países, conquistar legitimidade no mundo científico-acadêmico, comparativamente, sobretudo, à pretendida *objetividade* das pesquisas com documentos escritos”, (p. 2) “Conscientes que os resultados que podemos obter dos depoimentos nas rodas de conversa serão sempre diferentes dos alcançados nas entrevistas individuais, sobretudo nas entrevistas de História de Vida. Nesse sentido, podemos comparar, talvez exageradamente, os diferentes objetivos e resultados obtidos nas dinâmicas ou *psicoterapia* em grupo das terapias individuais. Um dos riscos técnico-metodológicos das rodas de conversa, no intuito de construir material para reflexão e documentação histórica, é transformar as mesmas em “bate-papo informais” mais parecidos a “conversas em mesa de bar”. (pp. 13-14)

Portanto esta pesquisa não é o fim, mas um começo de longos relatos coletivos e individuais deste *locus* no qual nos encontramos, eu e os narradores desta história. Pertencemos a mesma comunidade, então não são apenas pedaços de lembranças que continuaremos buscando mais uma longa e promissora colcha sem retalhos, da nossa história/memória, enquanto ainda existir um/a morador/a antigo/a desse lugar chamado ICOARACI: Belém, Pará, Amazônia... Brasil, que queira contar suas aventuras de Mnemosine.

4. REFERÊNCIAS:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: resumo. Rio de Janeiro, 1987.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I).
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 7. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.
- BREFE, Ana Claudia. Pierre Nora, ou o historiador da Memória. **História Social**. Campinas, n.06. S.D. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/363>. Acesso em 18 de fev. de 2013.
- CANCLINI, Néstor García. Abertura - *Culturas Visuais entre a Arte e o Patrimônio*. In: **A Sociedade sem Relatos: Antropologia e Estética da Iminência**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2012
- CARDOSO, Vânia Zikán. *O Espírito da Performance*. **Ilha- Revista de Antropologia/Universidade Federal de Santa Catarina**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. V. 9, n. 1 e 2 (2007) - Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2009-v.;336 pp.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder. Uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHAVES, Ernani. **No limiar do Moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin**. Belém: Paka-Tatu, 2003
- MARTINS, Benedita Afonso. **Fragmentos de estórias amazônicas: Memória e Performance**. Dissertação de Mestrado em Letras e Artes. UFPA. Belém, 1995. 153 p.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34,1992.
- EWARD, Felipe Grüne. Artigo: **Manifestações Poéticas em Performance: vocalidades, corpo e inscrições na narrativa popular urbana**. Mestrando do PPGLET. UFRGS. s/d. 96p
- FIGUEIREDO, Silvio Lima. PIANI, Auda Tavares. **Mestres de Cultura**. Belém: EDUFPA, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (Res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2000.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. ARQ 5612 – Estética. Disponível em: www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitetura. Prof. César Floriano. Universidade Federal de Santa Catarina Ilha de Santa Catarina, 2007.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas**: exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: IEPê, 2006

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia S. *A reflexão como fundamento do processo investigativo* – In: **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. Coleção Saberes Pedagógicos, coord. Antônio J. Severino e Selma G. Pimenta. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, Júnior. **Icoaraci, a monografia do megadistrito**. Belém, 1987.

HALBWACHS, Maurice. Memória Individual e Memória Coletiva. In: **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva e Memória Histórica*. In: **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARTMANN, Luciana. *A Memória na Pele: performances narrativas de contadores de “causos”*. **Ilha- Revista de Antropologia/Universidade Federal de Santa Catarina**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. V. 9, n. 1 e 2 (2007) - Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2009.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **“História Oral: Muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta”**. In: MEIHY, José Carlos Sede Bom (Org.) *(Re) introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória: história**. V. 1. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2000.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento In: **História e Memória**. 5. Ed. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003

LIMA, Geralda de Oliveira Santos e SANTOS, Maristela Felix dos Santos. “Memória social: contando e recontando histórias sobre Lampião”. UFS. In: **IV Simpósio memória, (Auto)Biografia e documentação Narrativa. Caderno de Programas e Resumos**. Comunicação. Eixo temático II: Memória e (auto)biografia: questões teórico-metodológicas. Abril de 2014. Salvador-Bahia. Pg. 164). Grifo meu.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. **Projeto História 17**, São Paulo, n. 17. 1998

MELLON, Nancy. **A Arte de Contar Histórias**. Tradução: Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NERI, Anita Liberalesso. “Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**/ organizadora Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Ed. UNESP, 1998.

PACHECO, Agenor Sarraf. **À Margem dos “Marajós”. Cotidiano, memórias, e imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-PA**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto. Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém, Estudo da Geografia Urbana**. Belém: UFPA, 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.15, nº 29, pp. 09-27. 1995.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Ed. PUC. MINAS, 1996.

PETIT Pere. **REFLEXÕES SOBRE AS “RODAS DE CONVERSA” COMO FONTE PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**. In: Anais do XI Encontro de **História Oral**. Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Rio de Janeiro, Julho/2012. Artigo.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de. “*Entrecruzamento entre a experiência temporal dos sujeitos e suas narrativas (auto)biografias*”. In: **IV Simpósio memória, (Auto)Biografia e documentação Narrativa**. Caderno de Programas e Resumos. Mesa-Redonda II: Pesquisa (auto)biográfica e ruralidade: reflexões teórico-metodológicas. CSal, GRAFHO/UNEB. Abril de 2014.Salvador-Bahia, p. .30

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: **Estudos Históricos**, Cpdoc/ FGV, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais Ltda., Vértice, 1989 / 3.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. *Projeto história 15*, São Paulo, EDUC, Abril/1997.

PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: Tempo 2, **Revista do Departamento de História**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Relume- Dumará, dez/ 1996.

PORTELLI, Alessandro. “A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo”. In: **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. João Pessoa: EDUEPB, 2005. p. 47-54.

QUEIROZ, Maria I. “Relatos Oraís: do indizível ao dizível”. In: **Ciência e Cultura**. 39, mar./87.

ROCHA, Rosa Maria Ferreira da. “O trabalho que alinha o tecido social no Ver-o-peso”. In: Revista **Terceira Margem Amazônia/Outras Expressões**. v. 1, n. 1.. São Paulo, Junho, 2012.

RODRIGUES, Donizete. “Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica”. UBIMuseum. In: **Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior**, n. 01. 2012. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHAAN, Denise Pahl. “Entre a tradição e a pós-modernidade: a cerâmica marajoara como símbolo da identidade “paraense”. MAUÉS, Raymundo Heraldo e MACIEL, Maria Eunice (Orgs.) **Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônio, memórias**. Belém: L&A Ed.,2012.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Dosse, François Pierre Nora –homo historicus”. **Revista brasileira de História**, vol.31, n.61, 201. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882011000100020&SCRIPT=sciarttext&tlng=en. Acesso em 18 de fev. de 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de [et.al.]. **Cadernos de Programa e Resumos Simpósio Memória, (Auto)biografia e Documentação Narrativa**. Salvador. EDUNEB, 2014. 260p

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. **Projeto História 15**, São Paulo, EDUC, Abril/1997, pp.

VICENTINI, Paula Perin. **De uma escultura atenta a uma escultura compreensiva: questões e perspectivas**. USP. IV Simpósio memória, (Auto)biografia e documentação narrativa. Caderno de Programas e Resumos. Mesa-Redonda V: Pesquisa (auto)biográfica e narrativas: diálogos sobre entrevistas, análise e escrita. Abril de 2014.Salvador-Bahia.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 354

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ANEXOS.

Narrativas orais transcritas de Icoaraci.

SEU NONATO (Bairro Do Tenoné). Ladainhas, Festas e Santo,

“Mineiro Pau, Mineiro Pau”. O morador do ‘Tenoné’, afirma o que é.

CRIAÇÃO DOS PAIS

Pra você ter uma ideia ele teve taberna aqui, quando ele saia fora ele gritava “Nonato!!!”. Se ele gritasse mais alto eu já ia me urinando, era, respeito mesmo. Ai pra que papai? “Olha vem medir querosene pro pessoal aqui”. Naquele tempo era na lamparina. Ai eu vendia um bucadinho de querosene pra um, bucadinho de querosene pra outro. Ele não gostava de pegar. Ai eu ficava lá medindo querosene, mas muito indignado que eu queria era jogar bola e ele não deixava. O nome do meu pai Pedro Noberto. Eu nasci em 41, eu já devia ter nessa época uns 11 anos....

Todas essas pessoas vinham comprar do meu pai aqui. O único comércio que existia nesse bairro do Coqueiro era aqui. Então um dia desse eu tava contando, tinha uma pessoa, um colono. Tinha um camarada do outro lado do rio Nêu, seu Nêu. Aí, ele fazia farinha, então a farinha que ele fazia lá ele vendia pro meu pai, aí, ele trazia a farinha de lá e vinha vender. Olha só uma coisa que é impressionante, quando eu conto o pessoal fica muito coisa deu dizer isso.

Ele tinha dois cavalo, aí, o quê que ele fazia, ele botava duas sacas de farinha num cavalo, amarrava, duas saca de sessenta quilo. No outro cavalo, chamado Brinco, animal branco, todo pintadinho, ele pegava três saca e botava. Naquele tempo existia as cangalha que hoje em dia a gente não ver mais, é carroça. Aí, ele amarrava as três saca e dizia Brinco vai-t’imbora. Sabe por onde ele vinha? Não sei se vocês sabem onde é o 40 horas, por lá. Pegava a estrada do Coqueiro, pegava a estrada do Satélite, pegava a Augusto Montenegro vinha imbora.

Ele botava no cavalo e soltava o cavalo e dizia “vai, vai-t’imbora” e saia logo atrás. Aí, ele chegava. Aí, o seu Nêu, ele dizia “olha Pedro tem cinco saca, eu trouxe duas e o Brinco vem com mais três ai atrás”. Aí, eu era moleque rapaz, eu saia pra ir olhar. Aí eu vinha olha, eu vinha olhar. Aí, quando lá vinha ele, direitinho dona Zeca, com as três saca de farinha. Tirava, desamarrava d’um. Aí, eu dizia “papai compre, compre o Brinco”. Ele dizia “ele não vende, ele não vende”. Hoje, se fosse hoje, não chegava nem o cavalo.

Sabe, depois da conquista, que eu fui conquistando muito o dono do cavalo, sabe o que aconteceu? Meu pai comprou, comprou o Brinco. Eu trabalhava porque aqui na colônia Tenoné, o povo vivia fazendo carvão pra Belém. Todo mundo trabalhava fazendo forno de carvão, outros fazendo caieira, como meu pai. Então esse carvão ia prá Belém, as terça e sexta ia aqueles caminhão cheio de carvão. Naquele tempo não existia gás também nera? Então a produção toda de carvão do Tenoné ia pra lá.

(...) “Tenoné, no ramal de Icoaraci, tem o rei dos passarinho, que é nosso lindo coré. E boa noite de alegria, comprazer no coração, vimos trazer o coré festejando o São João”. (canta). Sinto saudades dos nosso cordão de boi, sinto saudade.

(...) Olha o que aconteceu. Tinha um deputado chamado Osvaldo Melo, não sei se vocês se lembram. Aí, o Osvaldo Melo, através da família Sampaio, trouxeram a energia da Augusto Montenegro até 100 metro entrando prá quinta linha. Até cem metros. Em 65, 66 por ai. Foi em 66. Aí, na inauguração, o Osvaldo veio e trouxe Alacide Nunes, veio como Governador. Muita gente, muita gente deram opção “não vai ser mais Tenoné, era considerada Tenoné, só Tenoné. Agora vai passar a ser Rua Alacide Nunes. Pela homenagem que eles colocaram pela energia elétrica.

Aí, por isso que aquela parte de lá ficou Alacide Nunes. E a Quinta linha do tempo, como até hoje que é conhecida. Se aparecer um prefeito que faça alguma coisa por nós quem sabe não muda de novo.

Quinta linha porque é parecido com Icoaraci lá não tem a sexta rua? Aqui tem a sexta linha, é uma linha. Então em 58, o governador, não sei nem quem era o governador na época, ele mandou fazer o loteamento da parte do governo que existia lá atrás, da Quinta Linha. A Osmarino Brasil em 58, ele pegou, porque os lotes agrícolas aqui eram cem por quinhentos. Ai ele chegava no pico, bem na beira do rio, aí, media cem metros da Quinta linha e foi levando. Ele mediu quinhentos

metros, foi pra surgir a sexta linha. Ia ter a sétima linha, a oitava linha, mas como o terreno era meio arredondado aí não deu. O que acontece aquelas pessoas que estavam morando lá (?) É por isso que eu ti digo, eu brigo, eu peço muito a Deus (?).

A gente ia tomar banho, lá tinha a Timbó e tinha a passagem. Perguntavam prá onde tu vai? Vou tomar banho na Passagem ou vou pra Timbó, aí, o outro no terreno do meu tio, chamava-se Jordão. Eram três igarapé: Jordão, Timbó e Passagem.

(...) Ela falou esse negócio aí de labisomem, essas coisa toda. Na aquela época, 41, aqui morava um cidadão chamado, era um velhinho, Alipe Vaca, aí esse cidadão toda noite ele chegava na frente da porta do meu pai, “seu Naberto? Eu sou Alípio Vaca, me dá o jornal?”. Disque ele comia gato, comia tudo. Aí, o povo dizia que ele virava labisome, tá bom. Aí, existia uma outra senhora chamada Maria Izabel, eu nunca acertava fazer “fiiiiiiiiiiii, Matinta Perera”. Aí, os cara gritavam “olha, vem buscar tabaco amanhã!”. Aí, disque aquela pessoa ia buscar, dizia minha mãe. Aí, meu pai ia pra Mosqueiro, buscar peixe. Tá, ia embora de canoa. Tinha um igarapé ali que chamavam Porto Grande, pegava as embarcações, também vinha as mercadorias pra taberna. Aí, tá bem, entrou na embarcação quando ele andou, assim uns cem metros, ele se lembrou que não tava o farol, aí, ele disse “seu Alípio vá lá em casa buscar o farol que a gente não pode andar com a canoa sem farol”. Tá bem, aí, quando o papai deu fé aquilo começou “fiiiiiiiiiti, Matinta Perera. E um fiti é mulher e quando virava “fiiiiiiiiiti, Matinta Perera” era homem. Aí, o papai quando andou um pouco com a canoa que encostou, que o igarapé era estreito. Aí, seu Alípio embarcou, ele vinha “babababa”. Aí, meu pai perguntou “Seu Alípio o quê que se tá fazendo? O que é isso seu Alípio?”. Aí, o povo dizia que ele virava bicho. Mas era impressionante, se ele fosse em quatro casas ele comia, ele jantava.

(...) Ali aonde vai pra Maracacuera, tinha um cidadão chamado Pedro Mota, ele era cego dum lado, ele fazia carvão, onde tinha vários trabalhadores, era uma pessoa de respeito na hora da refeição. Tá bem. Quando foi um dia chegou um camarada, ele botou prá trabalhar, aí, ele foi e disse “mulher, bota o almoço”. Aí, veio um dos empregado sem camisa, ele olhou assim, não disse nada. Falou pra mulher: “mulher, com todo respeito, bota a comida e sai daqui”. Ela perguntou : “porque home?” “Bota a comida e sai daqui da mesa”. Aí, a mulher ficou cismada mas deixou a comida e saiu. Ele foi lá atrás da porta e tirou a roupa ficou nu. (...)

SEU MANOEL RIBEIRO: (Bairro Furo do Maguari). Os grandes times, as festas, o Xeém, o boi caído, a infância revisitada no Furo do Maguari.

(...) Uma parte da minha família, o mais velho são de Ourém. São cinco filhos de Ourém e o resto tá aqui em Icoaraci, uma que se chama Margarida e o Raimundo que é o Gamba, ele é filho de Icoaraci, ele é o caçula da família. Nós chegamos aqui em 1941 quando (...) Isso foi em 42, 45 foi o fim da guerra, nós já tavamos aqui.

Chegamos aqui e a vizinhança que nós tínhamos aqui no Maguari (?). Quando nós chegamos aqui ainda não era Icoaraci, era Pinheiro, nós somos do tempo do Pinho. Quando chegamos aqui tinha a casa da dona Bilidária, a casa do seu Guverlino ali, e a casa do seu Manoelzinho, era um sapateiro velho que tinha aí, e mais em cima existia a Dália, desse lado mais uns oito moradores. Aqui desse lado morava a dona Romualda ali, bem prá cá, morava seu Batalhau, que era um fuzileiro naval, mais a frente morava o seu Arapixi, ele trabalhava com o negócio do boi caído. Naquele tempo o barco vinha deixar boi no matadouro chamava curro, e ele então, aqueles bois que caia, ele vendia, matava, salgava e vendia pro Acará, pra Baeté, pra esses interiozeinhos naquele tempo.

Então, mais na frente morava o seu Manelamare, mais lá na frente morava a dona Zinha, lá onde agora é a tia sinhá. Então, era esse que era o grupo de Icoaraci. Então, nós viemos, chegamo aqui e somamo com esse grupo. Aqui tinha um clube como nome Ouro Verde, Ouro Verde era o nome. Era o clube das comunidade. E o Ouro Verde, era o clube da comunidade, já tinha o da sexta

rua, ele ficou vários tempos jogando, então era a nossa diversão aqui quando criança, era brincar pira de noite no campo do Ouro Verde que não tinha luz e... brincar pira, garrafão do samba ...aquelas brincadeiras de menino, tudo garoto de sete anos, oito anos, nove anos.

Com o tempo fumo se transformando, fumo crescendo. Com o tempo, esse Arapixi, que era o último Matadouro de boi caído, que chamavam, transformou aquilo no lugar que hoje chama Itália, mas, antigamente, era o xeém, era o xeém porque? Por causa dos urubu que ali eles faziam o xeém né? Então, eles jogavam a víscera do boi, ia tudo prá água, jogava aquela víscera na água e os urubu comiam aquelas vísceras, aqueles bucho tudo e faziam o xeém no matadouro. Por isso que apilidaram de xeém. Um ano, dois anos os responsáveis pelo boi caído; ai, aquilo foi se transformando num comércio, seu Alvaro Silva que apilidou de Matadouro, o seu Bezerra, ali pra sexta rua, matador de boi caído, seu Arapixi, que era o primeiro matador de boi caído, Chicão também, aí, se transformou um comércio de boi caído. Eles pegavam compravam os boi do matadouro, cada um oferecia um preço maior para dividir aquele boi, que caía, eles levavam pro comércio, salgavam e tiravam aquela carne e vendiam pros interiores, bucho, víscera, era assim.

Os bois vinham no barco que vinha do Marajó, vinha muito boi, antigamente não se chamava balsa era chata. Então quando vinham naquelas chatas, com aqueles curral, caía muito boi sabe, batia um no outro, era aquela coisa, as vezes morria. Aí, eles pegavam aqueles boi transformavam justamente em carne salgada pra vender pros interior, porque primeiro, quando começou era mais canoa, o pessoal vendiam nas canoa, depois eles passaram a vir pra terra e fazer o xeém. Esta Rua de pau que a Nazaré falou ainda agora, era... o seu Arapixi era o único dono do Xeém daqui, então a sétima rua hoje, que antigamente era o Furo, a ponte era de açazeira, pra chegar lá na coisa dele, por isso que ele pediu a ponte de pau. Era açazeira, a gente ia desde daqui, da onde era aquela curva pro Cruzeiro até chegar lá na rua ia por cima de açazeira até chegar no Xeém dele.

La na sexta rua era a mesma coisa, tinha que andar por cima de açazeiro pra chegar no xeém do seu José, e aqui no xeém do seu Alvaro também era de açazeira. Eram uns cinco Xeéns. Era, matavam o boi caído.

Aí, vamo pula um pouco aqui prá cima, foi se transformando, Ouro Verde, sempre jogando. Aí, vinha Sol Nascente lá da Agulha. Não tem hoje a passagem Sol Nascente? Ali era o nome do clube; não tem o Veterano? Casa Veterano? Era o Veterano; o Outerense, lá do Outeiro; são os clube que fundaram. Aí, tinha na estrada do Outeiro o Santa Cruz, não era o Maguari, era o Santa Cruz. E tinha aqui na boca o Independense. Esses times se formavam pra jogar aqui no Olaria, ou no Outerense, ou no Sol Nascente, ou no Veterano. Por isso que até hoje tem a passagem Veterano, ela surgiu por dentro do campo do Veterano.

Com crescimento da população, foi desaparecendo o campo do Veterano, do Independência, do Sol Nascente, do Santa Rosa, do Pinheirense. Esses foram alguns que desapareceram. Foi. Havia um intercâmbio de jogo entre esses clubes, nós nos animávamos “olha domingo o jogo vai ser com fulano, com Veterano”. A maior briga aqui era entre o Veterano e o Ouro Verde, entre Santa Rosa e Pinheirense. Era a maior rivalidade aqui. Quando jogava Veterano e Ouro Verde, era muito difícil não ter briga. Em primeiro lugar a assistência do Ouro Verde, era uma assistência muito fraca aqui dentro, dona Marinete, mãe da Nazaré; dona Zinha, era a Sinhá, a Sinhá sobrava, a mulher do seu Diquinho. Então geralmente os maridos dessas senhoras, tudo jogavam no clube e se reuniam aquela turma e como aqui sempre foi um lugar que a turma gostou de batucada, samba, essas coisa, a aqui esse Furo todo mundo gostava de batucar.

Então quando o Ouro verde ia jogar com outro clube, saía o time e a turma da batucada, naquele tempo era batucada né? Saía Bacurucu, Cabeçudo, o Mirro, o Orlando preto, prá cantar, isso tudo já eram gente assim, saía aquela batucada. O nosso goleiro da Olaria, era o Papudo Correa, eram quatro irmão, da família da cidade, era Badi, Biro, Orlando e o Texaba. Uma vez que se formavam, o Pé Leve que parou de jogar bola porque tinha o pé enxado, ele que comprava a cachaça pra rapaziada, era também sobrinho da família da Sinhá, seu Zito. Era a maior família que existia aqui era da Sinhá.

E conclusão, o Ouro Verde foi, foi crescendo e com o tempo... E a briga era maior porque eram dois donos de xeém, o Chicão que era dono do xeém, mas era do Veterano, era o presidente do Veterano, e seu Alvaro, que era daqui com seu Guedes, que era o pirata da perna de pau, era um

homem que tinha um bar, morava bem ali. Aí, eles eram do Ouro Verde, seu Badoque, então o Chicão tinha a diretoria dele no Veterano. Por causa disso, eles trabalhavam, todos dois tinham seu Xeém, e quando jogava era aquela política, aquela aposta.

Quando em 1960, por ai assim, começaram a chegar um monte de Marajoara, prá trabalhar. Aí, já ficavam por aqui pelo xeém. Aí, foi um tempo que se juntou tanto Marajoara, caboclo do Marajó aqui era mato. Aqui na sexta rua, uns vinham ficavam no Bezerra, outros ficavam aí no Chicão, outros no Zé Piqueno. Aí, também foi o tempo que mudou o diretor do matadouro que antigamente era o Curro que chamavam, o diretor Michel Arroio, naquele tempo ele era o coronel, não tinha o coronel de barranco? Vocês já ouviram falar?

Então no tempo do Barata tudo era patenteado, quem era funcionário do Curro, funcionário não, quem era empregado, então tinha lá, tenente fulano de tal, que era seu Diquinho, que era o chefe. Aí, vinha, o sargento fulano, o cabo fulano, era tudo patenteando. Nessa época veio um camarada do Marajó, Lobato, que são os altos fazendeiros aí do Marajó, veio ser o diretor do matadouro. Nessa lingada que ele vem, ele trouxe muito Marajoara, já não se entendiam os Marajoara do Arari, os do Arapixi, outros daqui, outros dali, já não se entendiam com os Marajoaras daqui. Começou a chegar essa cabocada do Marajó, a se fixar aqui até morar, construir família.

Então essa cabocada do Marajó, não se davam com o povo de Icoaraci, elas não se adaptavam porquê? Porque, da quinta rua prá cá, o pessoal daqui não deixavam o pessoal da quinta passar pra lá, quando entravam a porrada comia, que quando eles iam prá lá esses Marajoara, prá festa da Carcundinha, era, aqui tinha uma festa por nome Carcundinha, lá na quinta rua. Ela festejava Santa Rita, que batia com a festa da Sinhá. Ah, quando essa cabocada daqui iam prá lá, ah, era briga de pau, não era arma, não era de atirar, não era nada. Os caboco do Marajó davam com a cabeça um nos outros... Quando dava fé, tava no chão. Acostumados a lidar com gado, com boi, essas coisas. E era cada caboco, caboco mesmo.

Aí, tinha o Garibão, tinha um braço, olha o braço, imagina a coxa! Tinha o Vitorino, o Lourival Pretinho, tinha o Raul, esses eram famosos, eram os home da porrada, da porrada. Comandados pelo seu Álvaro. E quando eles desciam de lá prá cá pra, pra festa da Sinhá, iam corrido daqui prá lá, porque tinha uma “cara de caboco do Furo” naquele tempo. Depois começou a descer uma lingada de caboco do Abaeté e depois das ilhas, por causa da dona Belizária que era a dona do terreno ai atrás, onde é a quadra, ela tinha uma parentada danada nessas ilhas de Cotijuba, Paquetá, Ilha do Periquito. Começou a descer essa cabocada já daí, cabocada da ilha. Aí, ficou misturado cabocado da ilha, cabocada do Marajó, cabocada Marajó, cabocada de Abaeté. Aí, foram fundando a cidade, fomos fundando esse Furo, mas isso era muito brabo!

Eu era criança, de uma família muito pobre, uma criança pobre. Eu tive que batalhar pra sobreviver. Eu e meus irmãos batalhamos muito pra criar esta (irmã presente na roda), que meu pai abandonou, o Gamba, tivemos que trabalhar. Os emprego daqui ou era xeém ou a olaria. Eu, como arrumava a bóia, ia pro xeém, trabalhar, virar bucho, e os quatro iam prá olaria trabalhar pra arrumar o dinheiro, ganhar três mil reis por semana, pra carregar lenha, ajudar a queimar forno. E o meu irmão mais velho ia pescar bacú, pra trazer prá nós, trazia aquele bacuzão, eu já trazia a carne de manhã, trabalhando na olaria né, trabalhando prá poder sobreviver.

Então com isso, com esse desenvolvimento, houve uma dissidência, Ouro verde foi se acabando. Aí, chegou um senhor por nome seu Zino, que aqui era chamado de Pinto, de Santo Antônio do Tauá. Aí, começaram já a vender o terreno pro japonês, que lá em cima botou logo um comércio. O outro era seu Pinho, era o barbeiro, que tinha por aqui. Eles se localizaram por aqui e foi começando a encher ai o canto. Foi o tempo que começaram as briga e acabou Ouro Verde, e a tendência foi cada um procurar seu rumo.

Aí, pegaram o Ouro Verde levaram prá lá, fora daqui do Furo. Aí, o pessoal daqui ficaram com raiva, trabalhava na Olaria do seu Loreval, já até morreu, lá no Paracuri. Era conhecido como Barrigudo. Dizia “lá na olaria do Barrigudo”. Barrigudo era dono daqui, faleceu ano passado, em 2003. Lá embaixo duma (?) que tinha aqui, o pessoal com raiva se aborreceram e fundaram o Olaria. Seu Barrigudo, seu Dos Anjos, o Afonso, o Antônio Rosa. Aí, fundaram o Olaria. Aí, começaram a jogar, dona Maria Ramos, que vendia mingau. E ai foi crescendo, foi desenvolvendo, conclusão, encheu de casa! Acabou Ouro Verde por causa de briga, de diretoria.

